U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

MESTRADO
HISTÓRIA DE ARTE, PATRIMÓNIO E CULTURA VISUAL

# Marques da Silva da Formação à Criação
## Um percurso pela Ordem da Trindade
### Volume I

Catarina Alves da Silva Fernandes

**M**

**2025**

**I**

Catarina Alves da Silva Fernandes

# Marques da Silva da Formação à Criação: Um percurso pela Ordem da Trindade
## Volume I

Relatório de Projeto realizado no âmbito do Mestrado em História de Arte, Património e Cultura Visual, orientada pelo Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2025

*À minha mãe e à mãe e da minha mãe,*

# Sumário


Declaração de honra / *Declaration of Honour* ..... 8

Agradecimentos ..... 9

Resumo ..... 11

Abstract ..... 13

Índice de Figuras ..... 15

Índice de Tabelas ..... 16

Índice de Gráficos ..... 17

Lista de abreviaturas e siglas ..... 18

Introdução ..... 19

1.Estado de Arte ..... 22

2.A formação do arquiteto José Marques da Silva na Ordem Terceira da Santíssima Trindade 26

2.1. A Família Marques da Silva ..... 26

2.1.1. Bernardo Marques da Silva ..... 26

2.1.2. Uma primeira formação ..... 30

2.1.3. A frequência dos irmãos Marques da Silva no *Lyceu* da Trindade ..... 35

2.2. Panorama do ensino no *Lyceu* da Ordem Terceira da Santíssima Trindade ..... 37

*2.3.* Reconstituir o percurso do arquiteto José Marques da Silva no *Lyceu* ..... 40

3.Academia Portuense de Belas Artes, estudos em Paris e regresso ao Porto ..... 45

3.1.1. O percurso formativo de José Marques da Silva na Academia Portuense ..... 47

3.1.2. Período de Marques da Silva em Paris ..... 49

3.2. Regresso ao Porto e herança construtiva ..... 51

3.2.1. Outras artes ..... 53

4.A Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ..... 54

4.1. A Igreja da Santíssima Trindade ..... 55

4.1.1. A Capela-mor ..... 61

5.Retábulo e tribuna da Capela-mor da Igreja da Santíssima Trindade ..... 70

5.1. A tribuna da Capela-mor ..... 70

5.2. Análise morfológica do retábulo ..... 74

5.2.1. Estudos do retábulo e tribuna da Igreja da Santíssima Trindade ..... 76

5.2.2. Análise do *Caderno de Encargos* e projeto ..... 81

5.2.3. Análise do documento "*Empreitada de Cantaria em marmore*" ..... 84
5.2.4. Análise do documento "*Contrato celebrado entre o Prior da Celestial da Ordem Terceira da S.S. Trindade e o architecto José Marques da Silva*" ..... 88
5.3. Análise de correspondência entre Marques da Silva e *Meza* e rompimento de relação contratual ..... 92
5.3.1. Decisões da *Meza* e constrangimentos na obra da Capela-mor ..... 95
5.4. Rutura ou continuidade? Marques da Silva e a seus sucessores na obra da capela-mor: proposta e análise crítica do ocorrido ..... 97
5.5. Historicismo e inovação no retábulo e tribuna de Marques da Silva ..... 102
6.Parte II - Guião da Exposição temporária "Marques da Silva da Formação à Criação. Um percurso pela Ordem da Trindade" ..... 104
6.1. Enquadramento teórico e legal, património arquitetónico e o papel dos museus ..... 104
6.2. Expor e comunicar arquitetura – desafios e estratégias ..... 105
6.3. Exposição temporária: conceito fundamentação ..... 108
6.3.1. Tipologia expositiva ..... 109
6.3.2. O espaço ..... 111
6.3.3. Período de duração ..... 112
6.3.4. Público ..... 112
6.3.5. Novo Público ..... 114
6.3.6. Fases do planeamento da exposição ..... 114
6.3.7. Peças da exposição ..... 115
6.3.8. Empréstimo de peças ..... 116
6.3.9. Decisões curatoriais ..... 116
6.3.10. Materiais de apoio ..... 118
*6.3.11. Visual Identity* ..... 119
6.4. Exposição: Síntese ..... 120
6.4.1. Resumo ..... 120
6.4.2. Estrutura e conteúdos ..... 120
6.4.3. Métodos e Objetivos ..... 121
6.4.4. Proposta de Serviços Educativos ..... 122
6.4.5. Divulgação ..... 124
Conclusão ..... 125
Referências Bibliográficas ..... 128

VOLUME II

Nota introdutória ao Volume II ..... 5
Lista de abreviaturas e siglas ..... 6
Anexos ..... 7
Anexo 1 – Transcrição da Acta das Comissões das Obras da Capela-mor, 1900 ..... 7
Anexo 2 – *Caderno de Encargos*, 1902 ..... 10
Anexo 3 – *Empreitada de Cantaria em marmore* ..... 17
Anexo 4 - *Contrato celebrado entre o Prior da Celestial Ordem Terceira da S.S. Trindade e o architecto José Marques da Silva* ..... 20
Anexo 5 – 1º Estudo da Tribuna ..... 22
Anexo 6 – 2º Estudo da Tribuna ..... 23
Anexo 7 – 3º Estudo para a tribuna ..... 24
Apêndices ..... 1
Apêndice 1 – Crianças Marques da Silva e formação no *Lyceu* da Trindade ..... 1
Apêndice 2 – Matrículas no Lyceu da Ordem da Trindade ..... 5
Apêndice 3 – Alunos matriculados no *Lyceu* no Ensino Secundário em 1881/1822 ..... 27
Apêndice 4 - Plano Curricular do *Lyceu* da Celestial Ordem Terceira da S.S. Trindade...30
Apêndice 5 - Plano Curricular da Classe de Francês ..... 32
Apêndice 7 - Classificações de José Marques da Silva na Academia Portuense ..... 34
Apêndice 8 – Valor arrecadado das subscrições, donativos e quotas para a obra da tribuna a partir de 1903 ..... 38
Apêndice 9 - Síntese de Gastos e obras realizadas na tribuna da capela-mor consoante contabilidade da Ordem da Trindade ..... 42
Apêndice 10 - Inventário peças exposição ..... 53
Apêndice 11 – Exemplo de legenda e texto de sala ..... 237
Apêndice 12 – Folheto exposição ..... 239
Apêndice 13 – Livreto exposição ..... 240
Apêndice 14 – Divulgação “Visitas Desenhadas”, no âmbito das Jornadas do Património 2025 ..... 243
Apêndice 15 – Cartaz da exposição *Marques da Silva da Formação à Criação* ..... 244

## Declaração de honra */ Declaration of Honour*

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

*I hereby declare that this report is of my authorship and has not been used previously in another course, degree, curricular unit or subject, at this or any other institution. References to other authors (statements, ideas, thoughts) scrupulously respect the rules of attribution and are duly indicated in the text and bibliographical references, in accordance with the rules of referencing. I am aware that the practice of plagiarism and self-plagiarism is an academic offence.*

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) da/o presente tese/dissertação/relatório, encontrando-se todas as interações (prompts e respostas) transcritas em anexo ao trabalho.

*I further declare that I have not used generative artificial intelligence tools (chatbots based on large language models) to carry out part(s) of this thesis/dissertation/report, and that all interactions (prompts and responses) have been transcribed in the annex to this work.*

Porto, 2025

Catarina Alves Fernandes

# Agradecimentos

Este caminho não seria concretizado sem aqueles que de forma mais notável ou discreta, pelas suas orientações valerosas e pelos braços amigos tornaram esta jornada mais reta quando tortuosa, leve quando pesada, e acima de tudo memorável.

Os primeiros agradecimentos devem ir para a Mesa Administrativa da Ordem da Trindade que tão prontamente acolheu este projeto e lhe dedicou recursos. Particularmente, agradeço ao Senhor Provedor Eng. Pedro Saavedra, fiel protetor da cultura, que sabiamente enriqueceu o projeto, com conselhos e lhe abriu portas. Ao coordenador da *Experience Trindade*, Carlos Ferreira, um agradecimento, por juntamente comigo, colocar mãos na massa e me dar liberdade para criar algo estimável.

Um cumprimento especial ao meu orientador Prof. Dr. Manuel Joaquim Moreira da Rocha, que acredito deve ter visto potencial nesta investigação em todas as suas fases, primando pelo *bel composto* deste projeto. E ainda pela sua partilha feroz e apaixonada da arquitetura, perfecionismo e dedicação, um sincero agradecimento.

À Misericórdia do Porto, em particular ao Dr. José António pela ajuda preciosa e por partilhar comigo o seu vastíssimo e (intimidante) conhecimento acerca de benfeitores e as suas obras pias, e igualmente, pelos conselhos práticos de sobrevivência da jornada da escrita de uma dissertação.

Um beijinho à Conceição Pratas, da Fundação Instituto Marques da Silva, pela preciosa ajuda de setembro a setembro, e em todas as fases do projeto, pelo "descomplicanço" e simultâneo profissionalismo. À direção do Arquivo Municipal Sophia Melo Breynner, pela forma calorosa como fui recebida, e pela prontidão em ajudar.

Agradeço aos meus padrinhos, Delfim e Fernanda Maria, os primeiros que semearam em mim o gosto pela cultura. À minha madrinha um especial obrigada,

que trocou a leitura do vencedor do Prémio Nóbel de Literatura na praia, para cirurgicamente verificiar cada vírgula e cada ponto desta dissertação. Ao meu tio, um brinde aos seus anos de decifrar letra de médico, e aos seus dotes culinários temperados com amor.

Aos meus pais, que sempre procuram o meu bem estar, apoiaram e descobriram em mim um amor pela arte que saiu “das pedras da rua”, e que para seu orgulho ( e minha vergonha) fazem questão de expor na sala de jantar. À Carol, a minha irmã mais nova, e a mais sábia de nós todos.

Ao Telmo, a quem devo o título deste trabalho, alargar horizontes, conversas, e acima de tudo a possibilidade de alargar a Arte a todas as áreas da minha vida. Por sempre incentivares a minha *autoprogettazione*, muito obrigada!

À belíssima e querida amiga Maria, a deambulações sem rumo nenhum sobre amor e arte.

Por fim, um obrigada aos meus amigos e colegas, de trabalho e licenciatura. À Danielle, primeiramente, a quem despejei o meu coração inúmeras vezes, me ajudou com as fotografias que constam neste trabalho, ao Delano por me desafiar em pensamento. À Inês João, pelos momentos musicais que me proporcionou e pelo escapismo nostálgico. À Isabela, por trocas inestimáveis sobre história e política, à Marta pela sincera boa disposição e prontidão em ajudar.

## Resumo

Este projeto debruçou-se sobre a ligação do arquiteto José Marques da Silva à Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade, culminando na exposição temporária *Marques da Silva da Formação à Criação. Um percurso pela Ordem da Trindade*.

Esta relação, inicia-se com o seu pai, Bernardo Marques da Silva, canteiro marmorista, Irmão e mesário desta Ordem, e que teve a sua oficina nas instalações da Ordem Terceira. Isto foi decisivo, pois permitiu ao seu filho – José Marques da Silva – e aos restantes cinco filhos rapazes, obterem na sede da Ordem Terceira a formação do *métier* familiar na oficina e o ensino oficinal. Os filhos de Bernardo Marques da Silva frequentaram, igualmente o *Lyceu* da Ordem da Trindade, fundado em 1851, para os filhos dos irmãos. José Marques da Silva, foi o único que aqui frequentou o Ensino Secundário, selecionando dentro das disciplinas opcionais Desenho e Francês.

Já adulto e como profissional, em 1901, Marques da Silva retorna à Ordem da Trindade, para projetar e presidir à empreitada da tribuna da capela-mor. O processo revelou-se conturbado, marcado por desajustes na equipa e de financiamento instável. Em 4 de janeiro de 1904**,** o arquiteto afasta-se da direção da obra da tribuna da Igreja da Santíssima Trindade.

Esta investigação cruzou fontes primárias de dois arquivos: o inexplorado Arquivo da Ordem da Trindade, e as informações documentais da Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva. Permitiu o acesso ao universo da infância do arquiteto, alargando-o, igualmente, ao panorama educacional oitocentista do *Lyceu* da Trindade. No campo da arquitetura, o retábulo mor da igreja da Santíssima Trindade, desenhado por Marques da Silva, foi o pretexto para o estudo e pesquisa que desenvolvemos.

Palavras-chave: “Ordem da Trindade”, “José Marques da Silva”, “Igreja da Santíssima Trindade”, Retábulo, “Liceu da Ordem da Trindade”.

## Abstract

This project focused on the connection between the architect José Marques da Silva and the *Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade*, culminating in the temporary exhibition *Marques da Silva da Formação à Criação. Um percurso pela Ordem da Trindade*.

This relationship begins with his father, Bernardo Marques da Silva, a marble mason, Brother and board member of this Ordem, who had his workshop within the premises of the *Ordem Terceira*. This was decisive, as it allowed his son – José Marques da Silva – and the other five sons to acquire, at the headquarters of the *Ordem Terceira*, training in the family *métier* at the workshop as well as vocational education. Bernardo Marques da Silva's sons also attended the *Lyceu da Ordem da Trindade*, founded in 1851 for the sons of the Brothers. José Marques da Silva was the only one to pursue Secondary Education there, choosing, among the optional subjects, Drawing and French.

As an adult and professional, in 1901, Marques da Silva returned to the *Ordem da Trindade* to design and oversee the construction of the choir of the main chapel. The process proved to be troubled, marked by mismatches within the team and unstable funding. On January 4th, 1904, the architect stepped away from directing the construction of the choir of the *Igreja da Santíssima Trindade*.

This investigation drew on primary sources from two archives: the unexplored *Arquivo da Ordem da Trindade* and the documentary holdings of the *Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva*. It provided access to the architect's childhood universe, while also extending into the 19th-century educational panorama of the *Lyceu da Trindade*. In the field of architecture, the main altarpiece of the *Igreja da Santíssima Trindade*, designed by Marques da Silva, was the pretext for the study and research we developed.

Key-words: “Order of the Trinity” “José Marques da Silva”, “Church of the Most Holy Trinity”, “Altarpiece”, “Lyceum of the Order of the Trinity”;

# Índice de Figuras


Figura 1 - Retrato de Bernardo Marques da Silva ..... 26

Figura 2- Registo de ingresso de Bernardo Marques da Silva na Ordem da Trindade ..... 27

Figura 3 - Pedra de armas da Capela dos Condes da Trindade ..... 29

Figura 4 – Retrato de meio corpo de José Marques da Silva jovem ..... 31

Figura 5 - Matrícula de José Marques da Silva no *Lyceu* da Trindade em 1876/1877 ..... 33

Figura 6- Matrícula de José Marques da Silva no *Lyceu* da Trindade em 1881/1882 ..... 34

Figura 7- Regulamento do *Lyceu* em 1882 ..... 41

Figura 8- Distribuição das disciplinas no *Lyceu* em 1882 ..... 43

Figura 9- Artigo "Ordem da Trindade" em *O Commercio do Porto* ..... 65

Figura 10- Retrato de *Thereza* de Jesus Gomes Pinto Oliveira, 1905 ..... 67

Figura 11- Retábulo da Igreja da Santíssima Trindade ..... 70

Figura 12- Comprovativo de recebimentos por douração ..... 74

Figura 13- Pormenor do ático do retábulo da Igreja da Santíssima Trindade, Porto ..... 76

Figura 14- [Alçado e planta da tribuna], José Marques da Silva, [1901] ..... 78

Figura 15- [Estudo do alçado e planta da tribuna], Marques da Silva, [1901] ..... 79

Figura 16- [Estudo do alçado principal], José Marques da Silva, [1901] ..... 80

Figura 17 - *O Batismo de Cristo*, José de Brito ..... 84

Figura 18 - Carta de José Marques da Silva ao Prior da Ordem da Trindade, 4 de janeiro de 1904 ..... 92

Figura 19- Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906 ..... 97

Figura 20- *Um escultor em madeira*, 1897 ..... 101

Figura 21- "Marcel Gautherot: Registos modernos da invenção da Pampulha" ..... 117

# Índice de Tabelas

TABELA 1- FASES DA OBRA CONSTRUTIVA CONFORME *CADERNO DE ENCARGOS* ..... 82

# Índice de Gráficos

GRÁFICO 1- EVOLUÇÃO DAS DOAÇÕES PARA A TRIBUNA DA CAPELA-MOR DA IGREJA DA SANTÍSSIMA TRINDADE ENTRE 1903 E 1908. ..... 69
GRÁFICO 2- PAÍSES DOS VISITANTES INQUIRIDOS ..... 113
GRÁFICO 3- FASES DO PLANEAMENTO DA EXPOSIÇÃO ..... 115

## Lista de abreviaturas e siglas

Arquivo da Ordem da Trindade …….. AOT

Arquivo da Fundação Instituto Marques da Silva……..AFIMS

Arquivo da Misericórdia do Porto …… AMP

Mesa Administrativa da Ordem da Trindade ……Mesa/*Meza*

# Introdução

Num raio de alguns metros, em espaços e instalações da Ordem da Trindade, a criança José Marques da Silva dava os primeiros passos da sua formação. Na Rua da Trindade n. 9[1] e na oficina de mármores, aprendia o *métier* com o seu pai – canteiro. No *Lyceu* da Trindade, aprendia a ler, escrever e a contar, mas também o desenho e o francês.

José Marques da Silva (1869 – 1947), tornar-se-ia um arquiteto que pela sua formação académica no Porto e Paris, marcaria a paisagem arquitetónica portuense com obras de referência como a Estação de S. Bento, o Teatro Nacional S. João ou a Casa de Serralves.

Quando Marques da Silva estudava na Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade (1876) — instituição de assistência ativa no Porto desde 1755 — erguia-se, após cerca de 70 anos de construção, a Igreja da Santíssima Trindade, iniciada em 1803, com projeto de Carlos Amarante. Ao longo dos cerca de 100 anos que se seguiram, três gerações da família Sardinha incluíram-se no vasto projeto, até que, em 1901, José Marques da Silva juntou-se à lista de nomes que concretizaram a Igreja – com o projeto do retábulo da capela-mor.

O projeto do retábulo da capela-mor é caso único no vasto e diversificado espólio de obras construídas e projetadas pelo arquiteto. Por outro lado, no campo da retabulística é um caso de especial interesse para a história de arte: devido à sua cronologia – início do século XX, à abundância de documentação, assim como à sua autoria.

A ausência de estudos no âmbito da história de arte sobre o retábulo de Marques da Silva, assim como todo o templo da Igreja da Santíssima Trindade, vem enfatizar a pertinência deste projeto. Como averiguamos, pelo levantamento no capítulo do *Estado de Arte*, não existe produção científica sobre este assunto.

Por outro lado, o acesso a fontes inéditas do Arquivo da Ordem da Trindade (AOT), com informação cruzada com o longo trabalho de inventariação e investigação realizado pela Fundação Instituto Marques da Silva (FIMS), tornou o processo investigativo, não apenas facilitado, mas valioso. A metodologia aplicada foi, assim,

[1] CARDOSO, 1992, PP. 13 e 14;

orientada pela relevância e preponderância da documentação inédita estudada, sobretudo do Arquivo da Ordem Terceira da Santíssima Trindade.

De outro modo, em consonância, com a melhor prática da investigação, recorremos a fontes primárias como *Caderno de Encargos*, ou iconográficas como desenhos preparatórios, desenho finais, assim como o próprio objeto de estudo– o retábulo da capela-mor da Igreja da Santíssima Trindade. Estas fontes permitiram-nos traçar o trajeto do processo criativo do arquiteto em constrangimento com a encomenda, comparando-se, por fim, com a obra construída.

Aglutinando estas diretrizes e culminando na comunicação do trabalho investigativo através da curadoria de uma exposição levada a cabo ao longo do ano letivo procura-se responder à questão - *De que forma se relacionam o arquiteto José Marques da Silva e a Ordem da Trindade?*

Contextualizamos, igualmente, que em 2023 a Ordem da Trindade avançou com um projeto de musealização do seu espólio. Esta iniciativa foi ainda enriquecida, em 2024, com uma extensão da sua aposta cultural, através de uma sala de exposições temporárias no retrocoro da igreja da Ordem, parte integrante do percurso museológico. A exposição "**Marques da Silva da Formação à Criação. Um percurso pela Ordem da Trindade**", prevista entre outubro de 2025 e janeiro de 2026, insere-se no contexto das comemorações dos 150 anos da formação de José Marques da Silva em Paris, em 2026, e das Jornadas do Património de 2025, dedicadas ao tema "Património Arquitetónico".

Assim, o trabalho investigativo ao longo deste projeto, vai ser intercalado com imagens dos objetos ou documentos que constarão na exposição, de forma a facilitar e evidenciar a ligação entre a abordagem científica e a narrativa expositiva. Não obstante, consta em *Apêndice* o inventário das mesmas peças e outros materiais resultantes da organização do *Guião da Exposição Temporária*.

Este projeto está organizado em seis capítulos. Iniciamos pelo levamento do *Estado de Arte,* e continuamos para *A formação do arquiteto José Marques da Silva na Ordem Terceira da Santíssima Trindade*. Este capítulo aborda o percurso inicial de José

Marques da Silva, incluindo a aprendizagem com o pai, Bernardo, na sua oficina de mármores, a frequência no *Lyceu* da Trindade. O seguinte, *A academia portuense de Belas-Artes, estudos em Paris e regresso ao Porto*, debruça-se sobre os estudos superiores e a herança construtiva do arquiteto. O quarto capítulo, *A Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade*, traça um panorama do contexto arquitetónico da Igreja da Santíssima Trindade, com destaque para a capela-mor, da autoria de José Geraldo da Silva Sardinha, e a abertura do concurso para o retábulo. O quinto capítulo, *Retábulo e tribuna da capela-mor da Igreja da Santíssima Trindade*, analisa as especificidades da encomenda, o processo criativo e a obra final. Por fim, o último capítulo e segunda parte aborda a criação do *Guião da Exposição temporária* **Marques da Silva da Formação à Criação. Um percurso pela Ordem da Trindade.**

# 1. Estado de Arte

Há 54 anos, o Pe. Xavier Coutinho reuniu, na obra *História Documental da Ordem Terceira da Santíssima Trindade*, os documentos fundamentais sobre a ordem[2]. Sem esse levantamento, esta pesquisa não seria possível. Contudo, a obra não aborda a dimensão da história da arte ligada à instituição, lacuna que permanece até hoje.

Já William de Sousa Martins, na obra *Ordens terceiras no mundo-luso brasileiro (séculos XVI-XX),* apela à exploração dos acervos documentais das ordens terceiras pelos seus fecundos campos de análise historiográfica: colocando duas questões:

> "Utilizando as metodologias da história da vida privada, não seria frutuoso buscar as existências de quem durante toda a sua vida frequentou uma Ordem Terceira? Ou abordar a documentação desses institutos no âmbito da história da cultura material?[3]"

Assim, procuramos ampliar na documentação inédita a teia de relações, utilizando o individuo – José Marques da Silva – maximizando-o no panorama nos entrelaces da sua história pessoal com a da Ordem da Trindade.

A extensão deste capítulo justifica-se pela vasta produção científica dedicada ao arquiteto José Marques da Silva. Optou-se por organizar a informação segundo as referências ao próprio arquiteto, em detrimento de nos orientarmos por cronologias ou autores. Esta escolha deve-se à prevalência de estudos centrados na sua obra construída e, mais recentemente, nas suas práticas em pintura, escultura e artes aplicadas.

Destacamos das edições da responsabilidade do FIMS às quais tivemos acesso, a relativa *Estação de S. Bento*. *Marques da Silv*a (2007) da autoria de António Cardoso, Domingos Tavares e Claúdia Emanuel, que neste contexto serve de guia metodológico[4].

Já na obra editada pelo Teatro S. João em ocasião das intervenções no mesmo em 2019, destacamos dois capítulos de especial relevância. No capítulo *Marques da Silva, um criador no limiar da modernidade. O teatro São João enquanto desafio para a conservação do Património do século XX*, Ana Tostões relaciona os elementos modernos

[2] COUTINHO, 1972;
[3] MARTINS,2019, P.36;
[4] CARDOSO & TAVARES & EMANUEL, 2007;

no teatro, enquanto "teatro lírico", com os novos modelos de conceção arquitetónica e o emprego de novos materiais[5].

Já em *Anverso e Reverso. Vinte e duas folhas volantes com notas e desenhos do arquiteto José Marques da Silva*, Luís Soares Carneiro debruça-se sobre folhas soltas em francês e em português de pensamentos do arquiteto, assim como uma lista de livros de interesse do arquiteto[6] - apresentando uma perspetiva do mundo interior de José Marques da Silva.

No que respeita ao trabalho do arquiteto em Guimarães, destaca-se a obra coordenada por António Amaro das Neves e Inês Sarmento, *Marques da Silva em Guimarães*[7]. Merece ainda referência a publicação de 1986, J. *Marques da Silva: Arquitecto, 1869–1947* [8].

Mais recentemente, a proposta de tese de Raquel Babo (2023) *Os cadernos do arquiteto José Marques da Silva. Entre o atlas, o arquivo e a exposição,* utiliza os cadernos de Marques da Silva como base para a criação de uma exposição, sublinhando a atualidade e relevância da investigação[9].

No que diz respeito às facetas artísticas menos exploradas do arquiteto, salienta-se a tese de doutoramento de Artur Duarte Ornelas Vasconcelos *Do Retrato à Paisagem. Memórias Afetivas e Operativas do Arquiteto Marques da Silva* (2012), que propõe uma leitura integrada do universo artístico de Marques da Silva, com base na sua coleção pessoal e nas suas aguarelas, revelando uma dimensão complementar da sua prática arquitetónica[10].

Relativamente ao desenho de mobiliário destacamos a dissertação de 2011 de Andreia Soares. *Estudos de História do Mobiliário em Portugal: Os projectos do Arquitecto Marques da Silva para a Associação Comercial do Porto* [11].

---

[5] TOSTÕES, 2019, PP. 37 a 49;
[6] CARNEIRO, 2019. P. 59;
[7] NEVES & SARMENTO, 2006;
[8] SECÇÃO REGIONAL DO NORTE ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITETOS PORTUGUESES, 1986;
[9] BABO, 2023;
[10] VASCONCELOS, 2012;
[11] SOARES, 2011;

Já quanto à área de escultura, que consideramos de particular importância, devido à ligação familiar com o pai - Bernardo Marques da Silva, marmorista - assinala-se a dissertação de *Arquiteto Marques da Silva: o outro lado da arte: estudo da coleção de escultura para um projeto de inclusão museológica de deficientes visuais* (2013) é um relance ao acervo de escultura da FIMS, com acréscimo de sistematização do autor através de um inventário[12].

Ainda relativamente ao universo do artista*, O ensino moderno da arquitetura. A formação do Arquitecto nas Escolas de Belas-Artes em Portugal,* de Gonçalo Canto Moniz de 2019, destaca-se o primeiro capítulo denominado *O ensino Beaux-Arts*, mais em concreto *2.1 A escola do Porto. A direção de Marques da Silva (1931 -1939),* na qual se retrata o arquiteto enquanto educador e o seu papel na reformulação do ensino de arquitetura na Escola de Belas-Artes do Porto[13]. No anexo da monografia constam as transformações implementadas no plano curricular no curso de arquitetura durante o seu magistério.

Na esfera pessoal de Marques da Silva, a tese de mestrado de Sofia Costa *A fotografia de família no sistema de informação Marques da Silva/Moreira da Silva: uma abordagem sistémica* (2014), permitiu a partir de um estudo do espólio fotográfico presente na FIMS, reconstituir as dinâmicas e laços da família Marques da Silva[14], ponto que exploraremos nesta mesma dissertação no *Formação do arquiteto antes de Paris*.

Na Fundação Instituto Marques da Silva tivemos acesso a documentação essencial, relativa à encomenda do retábulo, tais como: comprovativos de pagamento, contratos, estudos do retábulo, rascunhos do caderno de encargos, versão final do *Caderno de Encargos*.

Relativamente à Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade do Porto notamos uma carência de bibliografia recente. Destaca-se a obra, *A Ordem Terceira da Trindade e a sociedade portuense. Séculos XVIII, XIX e XX*, de Boaventura Silveira de

[12] SANTOS, 2013;
[13] MONIZ, 2019, PP. 35 a 53;
[14] COSTA, 2014;

2001, obra que apesar da sua extensão e abrangência de pontos, apresenta uma visão acrítica das informações, notando-se o carácter honorário da mesma em relação à Ordem[15].

Em contraponto, o *Processo de Classificação da Igreja da Ordem da Trindade*, quer o documento de candidatura de 2016, quer o resultado do mesmo no grau de imóvel de interesse público, sintetizam os principais pontos de valorização patrimonial "a importância urbanística do imóvel; o valor arquitetónico e artístico; a importância histórica e social da Ordem da Trindade[16]".

Consideremos o esforço da Instituição para a proteção, através da inventariação, do seu património arquivístico. A inventariação iniciada em 1975 por Luís Manuel Borges Cabral, intitulada *Arquivo da Ordem Terceira da Santíssima Trindade. Inventário Sumário do Arquivo Histórico*[17], que nos chegou em manuscrito, tinha sido terminada à data do falecimento do autor em 2024. Tanto o material escrito, como a organização em arquivo, mesmo que rudimentar e incompleta, pelo seu carácter inédito e impreterível, foi um trabalho sem o qual o acesso à documentação presente neste projeto seria impossível. Através dele, o acesso a fontes que destacamos pelo seu carácter extensíssimo em variedade, agrupam-se em dois temas distintos, Liceu e Obras da Capela-mor: em relação ao Liceu, o *Rg.to dos Alummnos do Lyceu*, o *Regulamento Interno do Lyceu da Celestial da Ordem Terceira da SS. Trindade no Porto de 1882*, o *Livro de Actas do Director do Lyceu; e*m relação à Capela-mor, acresce-se, ainda, o *Livro 2º. Resol. da Meza e Junta*, o C*oppiador n.4*, o *Catálogo de Benfeitores da Egreja*, *Actas das commissões das obras da Capela-mor*, *Copiador d`officios n.3*.

No que respeita à produção retabular, observa-se uma lacuna significativa na historiografia de arte, especialmente no que diz respeito ao século XX. Apesar da diversidade tipológica da obra de José Marques da Silva, o retábulo da Igreja da Trindade constitui um caso singular, cuja relevância confirma a pertinência desta investigação.

[15] BOAVENTURA, 2001;
[16] DR CULTURA NORTE, 2019;
[17] CABRAL, 2024;

# 2. A formação do arquiteto José Marques da Silva na Ordem Terceira da Santíssima Trindade

## 2.1. A Família Marques da Silva

### 2.1.1. Bernardo Marques da Silva

Para o propósito deste projeto debruçamo-nos, primeiramente, sobre Marques da Silva pai – Bernardo Marques da Silva. O primeiro mestre de José Marques da Silva, o primeiro a acreditar no seu primogénito, e aquele que fez da cidade do Porto: os cemitérios da Lapa e de Agramonte, o seu museu a céu aberto através da sua obra de mármore. É através de Bernardo que ocorre a primeira ligação de José Marques da Silva, então menino, à Ordem da Trindade.

Bernardo Marques da Silva, nasceu em 1847, em Paranhos, filho de Domingos Marques da Silva e Rosa Fonseca Pereira. Torna-se Irmão da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade, no dia 23 de março de 1877, aos 30 anos, com a profissão de "Mestre Marmorista", e com residência na Rua de Carlos Alberto[18].



**Figura 1 - Retrato de Bernardo Marques da Silva**

Fonte: Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva. Retrato de Bernardo Marques da Silva. [1925].

[18] CARDOSO, 1992, PP. 12 e 13;

O ingresso na Ordem da Trindade podia ocorrer em quatro modalidades, uma gratuita e três onerosas. As onerosas deviam ser pagas à entrada: a de 9 reis, a de 12 reis, a de 18 reis[19]. Bernardo paga a máxima à entrada – tem o número de Irmão "11:664[20]".

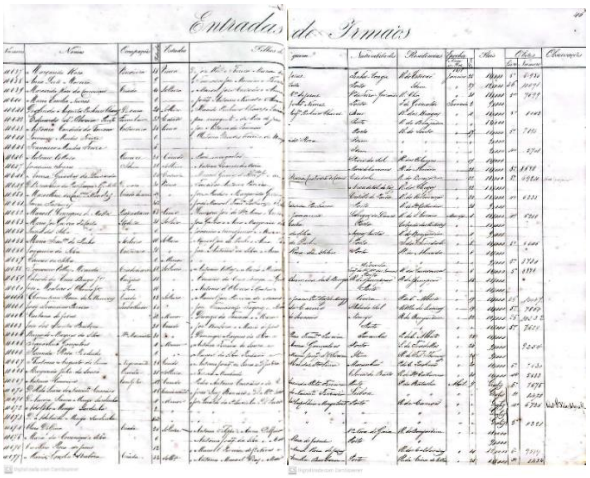



**Figura 2- Registo de ingresso de Bernardo Marques da Silva na Ordem da Trindade**

Fonte: Arquivo da Ordem da Trindade, *Entrada de Irmãos*, fol. 42 e 43

Neste mesmo ano, 1867, data do casamento com Rosa Francisca Pereira, com quem viria a ter 10 filhos, já se encontra registado com a ocupação de "*pedreiro lavrista*"[21]. Nessa altura a oficina de mármores estava sediada na Praça de Carlos Alberto n.91, depois transferindo-se para o antigo, e atualmente extinto cemitério da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade. Estes pormenores: o casamento; a oficialização da profissão inicialmente como marmorista e, posteriormente "mestre"; o ingresso na Ordem da Trindade com o pagamento da máxima cota; apontam que aos 30 anos, Bernardo gozava de uma adultez plena e reconhecimento profissional[22].

No *Catálogo dos NN. II dos ex-mezários e ex-mezárias*[23], comprova-se que Bernardo Marques da Silva foi de 1882 a 1885 mesário da Ordem da Trindade,

[19] AOT, *Entrada de Irmãos;*
[20] AOT, *Entrada de Irmãos*, fol. 42 e 43;
[21] CARDOSO, 1992, P. 13;
[22] CARDOSO, 1992, PP. 12 e 13;
[23] AOT, *Catálogo dos NN. II dos ex-mezários e ex-mezárias,* fol. 65 e 66;

constando na qualidade de "definidor"[24]. O mesmo é corroborado pela sua assinatura, nessa qualidade, em vários documentos[25]. Destacamos, entre esses documentos o *Coppiador d`Officios n.3,* onde consta um apelo aos Irmãos da Ordem da Trindade para construção do monumental "*zimbório metallico da egreja da mesma ordem*[26]".

Após este período, sabemos que o canteiro, deixou de ser mesário e alterou o seu domicílio profissional para a Rua do Estevão, n.22[27].

Relativamente à obra produzida por Bernardo Marques da Silva para a Ordem da Trindade, Gonçalo de Vasconcelo Sousa em *Subsídios para uma iconografia da morte no Porto do séc. XIX* destaca a Capela dos Condes da Trindade com a pedra de armas no frontão[28].

[24] Para a Mesa Administrativa era constituída pelos seguintes Irmãos Professos, Provedor ou Prior, Sub-Prior, Secretário, Tesoureiro, dois Vigários, Mestre dos Noviços, Procurador Geral, Inspetor da Cera, e Oito Defenidores. *Estatutos da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade do Porto*, 1830, cap. 3. Artº.1.º Por sua vez, os definidores tinham como obrigação *"(…) deliberar sobre todos os cazos nella propostos, somente levados dos bons desejos do argumento da ordem, despidos d`amor proprio, interesse particular ou odio; p. que tendo d`assignar todas as suas rezoluçoens ficão responsabilizados a ellas; não faltando nunca a sem legitimo impedimento, tanto a estas reunioens, como a outro qualquer Acto da Ordem, aceitando com humilde obedicencia, e desempenhando com cuidado qual quer negocio de que a Meza os incumba. Os seus votos serão ou de viva voz ou por Escurtinio* (…)" *Estatutos da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade do Porto*, 1830, cap. 13.º;

[25] CARDOSO,1992, P. 13;

[26] AOT, *Coppiador d´Officios*, 1883, 1 de março de 1883;

[27] CARDOSO,1996, P. 13;

[28] SOUSA, 2020 (1995), PP. 177 e 178;



**Figura 3 - Pedra de armas da Capela dos Condes da Trindade**

Relativamente à encomenda para outras ordens terceiras, encontramos a maior concentração de obras da sua autoria na Secção Privativa da Ordem Terceira da Nossa Senhora do Carmo, no cemitério de Agramonte – corroborando a importância destas instituições enquanto encomendadores. No Cemitério do Prado do Repouso, salientamos, pelo valor estético, a Capela funerária de José Marques Coelho, e o jazigo do Barão de Vallado, ambos com formas neogóticas[29].

Bernardo Marques da Silva, para além da encomenda regional, marcadamente oitocentista, de cunho funerário, estava igualmente atento ao processo de mecanização e industrialização.

Neste período, o Porto, abria-se às emergências da indústria e tecnologia, através de exposições no Palácio de Cristal. Na linha deste processo evolutivo, Bernardo Marques da Silva passou a utilizar o trabalho de serração e afeiçoamento de mármores para a construção civil e equipamentos[30].

Bernardo Marques da Silva, tornar-se-á um portuense oitocentista do seu tempo, cidadão ativo na vida pública da cidade, membro de Irmandades e Confrarias e industrial de relativo sucesso, o que lhe permitirá mais tarde suportar os estudos do filho mais velho em Paris. Esta evolução encontra-se documentada no *Rg. to d`alumnos*

[29] SOUSA, 2020 (1995), PP. 177 e 178;
[30] CARDOSO, 1992, P. 15;

*do Lyceu*, onde percebemos a sua ascendência social, sendo a "ocupação" registada em 1882/1883, "*canteiro*", e em 1883/1884 "*proprietário*[31]".

As distintas fontes consultadas no Arquivo da Ordem da Trindade (AOT), não mencionam o óbito de Bernardo a 24 de junho de 1925[32] na qualidade de Irmão. A sepultura da família Marques da Silva no cemitério da Ordem da Lapa demonstra, a esta data, uma maior ligação com esta Ordem[33].

A ligação de Bernardo Marques da Silva a diferentes Ordens Terceiras e a encomenda privada poderá estar associada à mobilidade frequente da residência familiar, possivelmente motivada pela deslocação da sua oficina.

Os registos a que tivemos acesso sugerem uma relativa mobilidade familiar, com prevalência de residência sita na Rua Costa Cabral, embora com diferentes números, passando por Paranhos, Rua Formosa, Rua Estevão nº 30, Rua Visconde de Setúbal, e Rua da Trindade[34].

### 2.1.2. Uma primeira formação

José Marques da Silva encontrou na Ordem da Trindade a sua primeira Escola. Quer no ensino primário e secundário, em que frequentou o *Lyceu* da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade, e obteve o ensino teórico, quer na oficina do pai instalada nas dependências da Ordem, e onde obteve o ensino prático do *métier* familiar.

[31] AOT, *Rg. to d`alumnos do Lyceu;*
[32] FIMS, 2025;
[33] Sepultura da família Marques da Silva no cemitério da Ordem da Lapa;
[34] AOT, N. 7 *Rg. to d`alumnos do Lyceu;*



**Figura 4 – Retrato de meio corpo de José Marques da Silva jovem**

Fonte: Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva. PHOTOGRAPHIA LUSITANA. *Fotografia de meio corpo, de José Marques da Silva, ainda jovem.* [188-]

Existem dois documentos que atestam a passagem do arquiteto pelo *Lyceu* da Trindade: *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* com início no ano letivo de 1857/1858*,* até 1884/1885 e o *Rg. to d`alumnos do Lyceu,* com abertura no ano letivo de 1881/ 1882 até a 1911/1912*.*

O *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos* constituiu uma fonte valiosa para a nossa investigação. Organizado em fólios e por colunas, regista diversas informações: número de inscrição, nome do aluno, filiação, naturalidade, ocupação dos pais e residência.

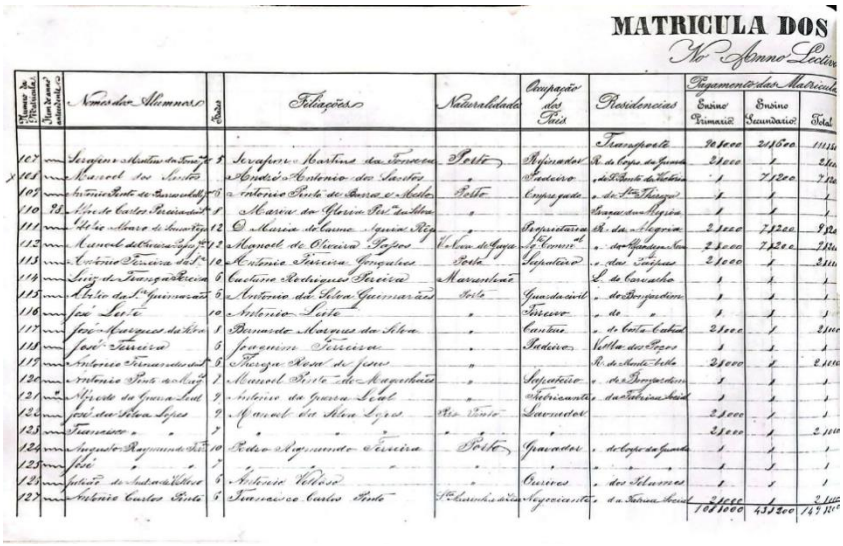
Inclui igualmente dados relativos à inscrição, como o valor da cota paga: 2$000 para o Ensino Primário e 7$200 para o Ensino Secundário até ao ano de 1880[35]; a partir dessa data, os valores passam a ser 3$000 e 9$000, respetivamente[36].

O documento indica também a frequência dos alunos numa das quatro classes do Ensino Primário ou numa das quatro classes do Ensino Secundário, estas últimas diferenciadas pelas opções de língua estrangeira (Francês ou Inglês) e pelas disciplinas opcionais de Comércio ou Desenho. Por fim, regista-se o número de faltas dadas pelo aluno,

[35] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* fol. 159;
[36] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* fol. 181;

distinguindo-se entre “motivadas” e “não motivadas” — embora este campo nunca tenha sido preenchido —, existindo ainda um espaço destinado a observações[37] .

O primeiro registo de José Marques da Silva no *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos* ocorre no ano de 1876/1877. José conforme registado no documento, tinha à data 8 anos de idade[38], e ingressa na 3ª classe do Ensino Primário a 2 de maio[39]. A entrada em maio, pode ser explicada pelo *Regulamento*, e o seu aditamento em 1859, que prevê que não se admitiriam alunos com menos 7 de anos feitos à data do início do ano letivo em outubro[40]. José Marques da Silva nasce a 18 de outubro de 1869.


MATRICULA DOS

No Anno Lectivo

| Numero de Matricula | Numero geral | Nomes dos Alumnos | Idade | Filiações | Naturalidade | Occupação dos Paes | Residencias | Pagamento das Matriculas | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | Ensino Primario | Ensino Secundario | Total |
| 107 | | Sergio [illegible] | 9 | Sevafim [illegible] | Porto | [illegible] | Tamagueira | 2$000 | 1 | [illegible] |
| 108 | | Manoel dos Santos | 8 | Andre [illegible] | [illegible] | Padeiro | [illegible] | 1 | 7$200 | [illegible] |
| 109 | | [illegible] | 8 | [illegible] | Porto | [illegible] | [illegible] | 1 | 1 | 1 |
| 110 | 98 | [illegible] | 8 | Maria da Gloria [illegible] | [illegible] | [illegible] | [illegible] | 1 | 1 | 1 |
| 111 | | [illegible] | 12 | D. Maria [illegible] | [illegible] | Proprietaria | R. da Magoeira | 2$000 | 7$200 | [illegible] |
| 112 | | Manoel de Oliveira Lopes | 12 | Manoel de Oliveira Lopes | [illegible] | Sr. Commr. | [illegible] | 2$000 | 7$200 | [illegible] |
| 113 | | [illegible] | 10 | Antonio Teixeira Gonçalves | Porto | Capitalista | [illegible] | 2$000 | 1 | [illegible] |
| 114 | | [illegible] | 6 | Custodio Rodrigues Pereira | Maranhão | [illegible] | [illegible] | 1 | 1 | 1 |
| 115 | | [illegible] | 6 | Antonio da Silva Guimarães | Porto | Guarda civil | [illegible] | 1 | 1 | 1 |
| 116 | | [illegible] | 10 | Antonio [illegible] | [illegible] | Ferreiro | [illegible] | 1 | 1 | 1 |
| 117 | | [illegible] | 1 | Bernardo Marques da Silva | [illegible] | Cantor | [illegible] | 2$000 | 1 | [illegible] |
| 118 | | [illegible] | 5 | Joaquim Teixeira | [illegible] | Padeiro | [illegible] | 1 | 1 | 1 |
| 119 | | [illegible] | 5 | Thereza [illegible] | [illegible] | [illegible] | [illegible] | 1 | 1 | [illegible] |
| 120 | | [illegible] | 1 | Manoel [illegible] | [illegible] | Sapateiro | [illegible] | 1 | 1 | 1 |
| 121 | | [illegible] | 9 | [illegible] | [illegible] | [illegible] | [illegible] | 1 | 1 | 1 |
| 122 | | [illegible] | 9 | Manoel da Silva Lopes | [illegible] | Lavrador | [illegible] | 2$000 | 1 | 1 |
| 123 | | [illegible] | 7 | [illegible] | [illegible] | [illegible] | [illegible] | 2$000 | 1 | [illegible] |
| 124 | | [illegible] | 10 | Pedro [illegible] | [illegible] | Gravador | [illegible] | 1 | 1 | 1 |
| 125 | | [illegible] | 7 | [illegible] | [illegible] | [illegible] | [illegible] | 1 | 1 | 1 |
| 126 | | [illegible] | 6 | [illegible] | [illegible] | Ourives | [illegible] | 1 | 1 | 1 |
| 127 | | [illegible] | 5 | [illegible] | [illegible] | [illegible] | [illegible] | 2$000 | 1 | [illegible] |
| | | | | | | | | [illegible] | 43$200 | [illegible] |

[37] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos;*

[38] Tinha na verdade, em maio do ano letivo de 1876/1877, na verdade 7 anos de idade.

[39] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* fol. 145*;*

[40] SILVEIRA, 2001, PP. 359 a 366;

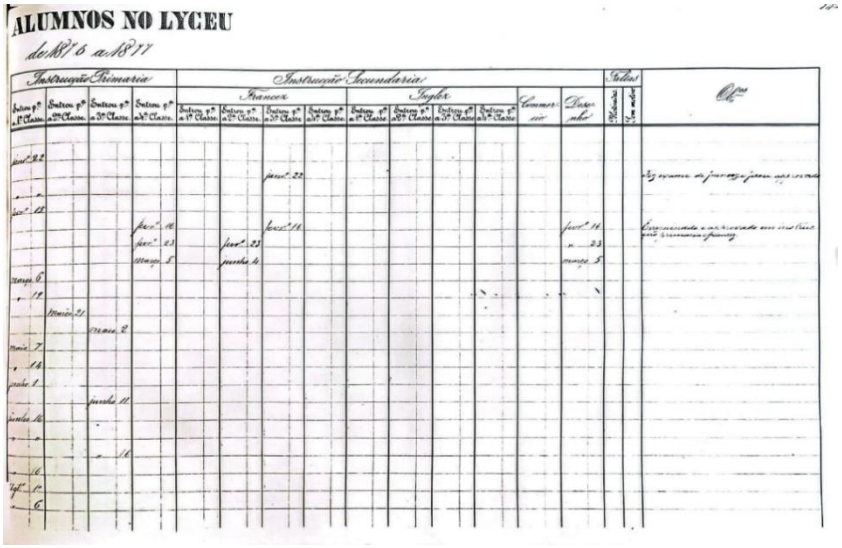



**Figura 5 - Matrícula de José Marques da Silva no *Lyceu* da Trindade em 1876/1877**

Fonte: Arquivo da Ordem da Trindade, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* fol. 145;

Marques da Silva volta a repetir a 3ª classe, iniciando o ano letivo em outubro de 1877/1878, e de seguida a 4ª classe no mesmo ano a 27 de junho. Nesta data é inscrito pela primeira vez na aula de *Dezenho*, disciplina de Ensino Secundário, estando ainda no Ensino Primário, paga por isso 2$000[41]. No ano letivo seguinte, 1878/1879, com 9 anos, é matriculado de novo na 4ª classe, a 12 de outubro, e a desenho no mesmo dia, pagando o mesmo valor[42]. Em 1879/1880, volta a repetir a inscrição na 4ª classe, a 6 de outubro, e desenho a 16 de novembro. Em 1880/ 1881, refere-se que José tem 12 anos, entra na 4ª classe do Ensino Primário e na turma de desenho a 2 de outubro, e na 1ª classe do Ensino Secundário a 2 de julho, com o ingresso na 1ª Classe de francês. Para o efeito, pagam o valor da dupla inscrição, 12$000. Note-se, que neste mesmo ano, "*Fez exame d`instrução primaria e ficou approvado*[43]". Por fim, em 1881/1882, com 13 anos, entra para a 4ª classe de francês, a 3 de outubro, e a desenho no mesmo dia. No *Lº 1*

[41] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* fol. 148;
[42] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* fol. 159;
[43] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* fol. 172;

*Da Matricula dos Alumnos* consta "*Fez exame singular da língua franceza e ficou approvado*[44]".

Uma outra fonte, *Rg. to d`alumnos do Lyceu,* no AOT comprova a sua formação de Liceu, na Escola da Ordem. No ano de abertura deste registo, a 3 de outubro, 1881/1882, o aluno aparece como matrícula 103. Ainda com 13 anos frequentava o ensino secundário. O seu pai assina na linha de filiações, neste momento tem como residência a rua Costa Cabral, e paga 9$000 reis de matrícula[45]. Notamos nesta fonte, tal como na anterior, um erro no registo da idade do futuro arquiteto: a 3 de outubro não tinha de facto, completado 13 anos, mas apenas 12, já que a data de nascimento é 18 de outubro de 1869.

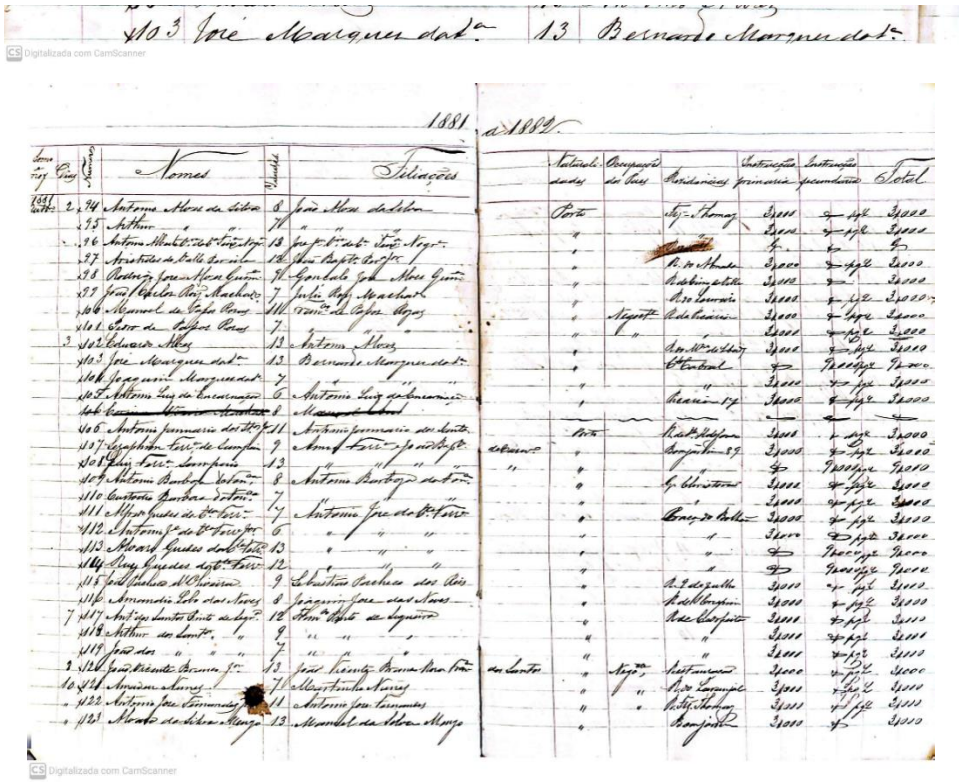


**Figura 6- Matrícula de José Marques da Silva no *Lyceu* da Trindade em 1881/1882**

Fonte: Arquivo da Ordem da Trindade, *Rg. to d`alumnos do Lyceu,* n.p.;

[44] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* fol. 181;
[45] AOT, *Rg. to d`alumnos do Lyceu;*

O *Rg. to d`alumnos do Lyceu*, que compreende os anos de 1881 a 1912, apenas menciona o nome de José Marques da Silva no ano de abertura do mesmo, isto é, no ano letivo de 1881/1882, mais nenhuma entrada é dada em nome do aluno[46].

Em acréscimo, consta no arquivo da Ordem, um manuscrito, denominado *Actas do Diretor do Lyceu*[47]*,* iniciado em 1858 até 1912, com um lapso temporal entre as datas de 1875 a 1888, período que engloba a frequência de José Marques da Silva, tanto no ensino primário na Celestial Ordem Terceira, como no ensino secundário.

Nas palavras da obra mestra sobre José Marques da Silva de António Cardoso:

> "Pelos estudos realizados no Liceu da Trindade e pela exigência do artigo 46º. dos Estatutos da Academia, verifica-se a deliberada intencionalidade na preparação para a carreira de arquiteto embora tivesse recebido ensino simultâneo das três Artes – como dizia – princípio orgânico da pedagogia reinantes, seguindo os cursos de Arquitetura Civil, Desenho Histórico e Escultura[48]."

### 2.1.3. A frequência dos irmãos Marques da Silva no *Lyceu* da Trindade

Da análise dos registos de matrícula da família Marques da Silva do período de 1881 até 1898 verificamos que dos 6 irmãos do sexo masculino Marques da Silva – José, Joaquim, Augusto, Manoel, Edoardo e Arnaldo - apenas o mais velho, motivo do nosso estudo, concluiu a Instrução Secundária no *Lyceu* da Ordem[49].

Estes registos de matrícula, permitem-nos traçar um esboço da família Marques da Silva, são demonstrativos da sua elevada mobilidade e da frequência e grau de ensino de cada um dos irmãos.

Joaquim Marques da Silva, o segundo filho mais velho, através da análise do *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos, verificamos* que chegou a frequentar a aula de *Dezenho* em

---

[46] AOT, *Rg. to d`alumnos do Lyceu;*

[47] Este documento, consta como uma acta dos melhores alunos de cada disciplina, rapazes e raparigas, assim como novas matrículas. Ainda, menciona os alunos aprovados em exames específicos nos Liceus oficiais.

[48] CARDOSO, 1992, P. 16;

[49] AOT, *Rg. to d`alumnos do Lyceu*, 1881;

1883/1884 com 8 anos de idade. Nesse mesmo ano "*Fez exame de Francez (final) e ficou distinto*[50]". No ano letivo seguinte – 1884/ 1885, não é inscrito na aula de desenho, esta é a sua última inscrição no *Lyceu*[51].

Em acréscimo, descobrimos que o filho Manoel Marques da Silva foi condecorado pelo *Lyceu* no ano letivo 1897, à data com a denominação Instituto Escolar, "*Por approvação no exame d`admissão dos lyceus officiaes*", juntamente com mais 13 colegas provenientes da mesma instituição, de ambos os sexos[52].

No ano letivo de 1898/1899, a Ordem confere ainda o diploma, de "*approvação em instrução primária*" ao mais novo dos irmãos, Arnaldo, à data com 13 anos. De notar, que Arnaldo foi inscrito pela primeira vez, 1891/1892, com 6 anos[53].

Como o *Registo dos Alumnos* inclui apenas rapazes, e as *Actas do Director* mencionam apenas dois alunos — Manoel e Arnaldo —, não é possível confirmar se as filhas de Bernardo e Rosa - Maria, Emília (?), Luísa, Ana e Ardelina[54] - frequentaram ou não o *Lyceu*. Sabe-se, no entanto, que o *Lyceu* oferecia um plano de estudos adaptado para alunas.

Considerando a mobilidade frequente da família, motivada pela alteração geográfica do domicílio profissional de Bernardo, propomos que terá privilegiado a transmissão do conhecimento profissional a alguns dos seus filhos, nomeadamente os rapazes, sendo o ensino no *Lyceu* da Trindade um elemento central na sua formação artística e oficial.

[50] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* fol. 197;
[51] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* fol. 204;
[52] AOT, *Actas do conselho do director do lyceu da C. O. 3º da S.S. Trindade*, fol. 24 e 25;
[53] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* fol. 205;
[54] Ver *Anexos*;

## 2.2. Panorama do ensino no *Lyceu* da Ordem Terceira da Santíssima Trindade

A Ordem da Trindade, à semelhança de outras Ordens Terceiras, sempre próximas da comunidade e na dianteira das urgências sociais que pautavam o momento, iniciou a valência ensino em 1851. Até 1857, ano em que passou a incluir o ensino secundário, a Ordem apenas oferecia o ensino primário para frequência dos filhos dos Irmãos da Ordem, sendo gratuita para os Irmãos pobres[55].

Nas reformas de Passos Manuel, que datam de 1835 e 1836, é de notar o artigo 39: "O estabelecimento das escolas de instrução secundária é livre a toda a pessoa ou corporação[56]" – isto confirma a legalidade do ensino privado secundário da Ordem da Trindade.

Como referimos, em 1857 a *Meza* decide alargar a sua área de atuação no panorama educativo, incluindo o ensino secundário, através da abertura de um Liceu. Este *Lyceu*, subscrevia uma retórica vanguardista e ousada, com sistema de coeducação já na sua abertura – isto é ambos os sexos a frequentar a mesma sala de aula – uma proposta avançada pelo prior Visconde da Trindade, José de António de Sousa Basto, o mesmo que assinará, em sessão de *Meza* e Junta a 21 de julho de 1857, o primeiro regulamento da instituição. Os primeiros dois artigos desse regulamento aqui transcritos capturam o espírito para o qual o *Lyceu* foi criado, assim como elencam o plano curricular proposto aos alunos do mesmo.

> "Artigo primeiro – Criar-se-á, no edifício desta Celestial Ordem, um liceu para ambos os sexos no qual os filhos dos nossos Irmãos recebam uma educação civil, literária e religiosa, digna.
>
> Artigo segundo – Este estabelecimento denominar-se-á "Liceu da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade do Porto" e compor-se-á das aulas de Português, Latim, Francês, e Inglês, Lógica, Retórica, Geografia, Desenho, Comércio e Música; e bem assim do ensino de prendas, malha, costura e bordados próprios para as meninas[57]".

[55] SILVEIRA, 2001, P. 245;
[56] CARVALHO, 2001, P. 565,
[57] SILVEIRA, 2001, PP. 245 e 246;

Para melhor conhecimento, tentamos averiguar sobre a existência de um plano curricular específico neste período, no entanto notamos uma certa liberdade, tanto em carga horária, como nas disciplinas que compunham os respetivos currículos oficial e privado, tal como escreve Rómulo Carvalho:

> "Não se sabe, por exemplo, através da reforma, de quantos anos constaria o curso dos Liceus, nem quais as matérias que se lecionaram em cada ano, nem o que se ensinaria em cada uma delas, nem a sua distribuição horária no trabalho escolar[58]".

Em 1860, o curso liceal oficial teria 5 anos. Não obstante esta informação, o parecer que temos é que o ensino privado fruía de alguma liberdade[59]. Conforme verificamos na brochura *Regulamento Interno do Lyceu da Celestial Ordem Terceira da SS. Trindade do Porto de 1882*, verificamos que o ensino secundário à data da edição do mesmo era realizado em dois anos[60].

No *Lyceu* da Trindade as aulas de francês estavam organizadas em 4 classes, plano de estudos detalhado em *Anexo*. Esperava-se que com o aproveitamento da formação, o aluno tivesse o domínio completo da gramática francesa, nas 4 conjugações verbais, e verbos irregulares, e fosse capaz de reconhecer as orações, funções sintáticas e classes de palavras. Adquirisse ainda, capacidades de escrever, ler e falar fluentemente. Previa-se apenas o uso dos livros autorizados pelo Conselho Superior de Instrução Pública, à data do *Regulamento*[61].

Relativamente, às aulas de Desenho, embora escassa a informação, sabemos que havia uma só classe. Mas pelo acervo da Ordem da Trindade: vários exemplares de 1900 da revista inglesa semanal *The Graphic*, estampas dispersas com diferentes motivos, assim como desenhos de alunos ao mesmo estilo, é certo dizer que se empregava uma pedagogia baseada na emolução de estampas e ilustrações.

---

[58] CARVALHO, 2001, P. 566:
[59] CARVALHO, 2001, PP. 594 e 595;
[60] AOT, *Regulamento Interno do Lyceu da Celestial Ordem Terceira da SS. Trindade no Porto*, 1882, P. 3;
[61] À data de 1857 "ou que, po outro de futuro, o mesmo Conselho venha a publicar.".

As disciplinas opcionais, Desenho e Comércio, ao momento de fundação do *Lyceu*, andavam a par e par[62], com uma preferência paulatina para a segunda, que se refletiu na criação de um Curso completo de Comércio em 1905[63].

Como é conferível no Plano de Estudos que consta em *Anexo*, e na estrita disciplina aplicada na escola, a pedagogia aqui empregue fomentava a competição entre alunos através de prémios e outros incentivos, veja-se o ponto 4 do art. 26:

> "Nomear, dentre os alunos, os que estiverem mais habilitados para monitores das classes indicadas, obrigando-os a fazer uso dum distintivo (durante o desempenho do seu cargo) sobre o lado esquerdo do peito, da cor que distingue as classes na aula[64]."

Em acréscimo, a assiduidade e a pontualidade nas aulas era rigorosamente controlada, e a disciplina era empregue com preferência pela humilhação emocional em detrimento do castigo físico "(…) *em todos os mais casos, são recomendados os que podem ferir o amor próprio e o sentimento*[65]", sendo o "*despedimento do aluno*" muitas vezes recomendado.

A qualidade do ensino do *Lyceu* da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade era reconhecida pelos portuenses. Diversas figuras da casa real assinaram ao seu patronato, tal como a Infanta Isabel Maria, que se viria a tornar Priora Perpétua, em 1860.

Para infelicidade deste projeto a fonte que poderia abarcar os dados relativos à frequência das aulas, no arquivo da Ordem da Trindade – *Actas do Conselho do Diretor do Lyceu da C.o. 3º da SS. Trindade de 1858 - 1922* – é interrompido no ano de 1874[66].

---

[62] Ver em *Apêndice* número de alunos por disciplina no Lyceu

[63] AOT, *Livro 2º das Resoluções da Meza e Junta*, fol. 153. *"Continunado no uso da palavra, expoz mais o N. I. Prior a deliberação tomada pela Meza àcerca da creação d`um curso de commercio no nosso Lyceu, para a qual seriam augmentadas as disciplinas de geographia, arithemetica, calligraphia, e escripturação commercial".*

[64] SILVEIRA, 2001, P. 362;

[65] SILVEIRA, 2001, P. 364;

[66] No *Regulamento Interno do Liceu da Celestial Ordem da Trindade* em *QUANTO AO DEVER DOS PROFESSORES E MAIS FUNCIONÁRIOS [ESCOLARES],* Artigo vigésimo sétimo ponto 2, relativo ao professor substituto ou ajudante esteve deve *"Descrever, nos livros de matrículas, os alunos que se matricularem tanto de masculino como do outro sexo, colocando-os convenientemente nos referidos livros nas classes a que pertencem ou vierem a pertencer, por efeito do seu adiantamento"*- a carência destas informações

Entre as informações relativas aos alunos matriculados nas aulas específicas como francês, comércio, desenho ou prendas, são mencionados os alunos a quem foram atribuídos prémios de distinção por excelência.

O jornal portuense *O tripeiro*, em diversos artigos, fala-nos de atribuição de prémios aos melhores alunos da escola, numa tradição de homenagear a excelência. Nestes artigos, menciona-se um tipo de celebração onde se presta homenagem aos melhores alunos, mencionando os melhores alunos de cada ano letivo[67].

## *2.3.* Reconstituir o percurso do arquiteto José Marques da Silva no *Lyceu*

Para ir ao encontro da experiência do arquiteto José Marques da Silva no *Lyceu*, atentemos ao *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos* e ao documento em vigor aquando da sua instrução no ensino secundário na Escola da Ordem – *Regulamento Interno do Lyceu da Celestial Ordem Terceira da SS. Trindade do Porto de 1882*.

empobrece classes a que pertenceu Marques da Silva empobrece o nosso entendimento do seu percurso académico no Lyceu.

[67] *O tripeiro*, série 5, ano IX, P. 253. Dia 15;


REGULAMENTO INTERNO
DO
LYCEU
DA
CELESTIAL ORDEM TERCEIRA DA SS. TRINDADE
NO PORTO
MANDADO IMPRIMIR PELA MESA A EXPENSAS DO R. I. INSPECTOR DO MESMO LYCEU
O EXC.mo SNR.
JOÃO JOSÉ DA COSTA BASTO
PORTO
TYPOGRAPHIA DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA
Cancella Velha, 62
1882
AOT 17

**Figura 7- Regulamento do *Lyceu* em 1882**

Fonte: Arquivo da Ordem da Trindade, *Regulamento Interno do Lyceu da Celestial Ordem Terceira da SS. Trindade do Porto de 1882*

O Ensino Primário realizava-se em quatro classes, sendo possível que estas classes não se referissem a anos de aprendizagem, mas a turmas. O arquiteto frequenta 6 anos o *Lyceu*, de 1876 a 1882, dos quais dois relativos ao Ensino Secundário.

A frequência na aula de *Dezenho*, foi deveras persistente no percurso do arquiteto, iniciando-se apenas com 9 anos no ano letivo de 1877/1878 até 1881/1882[68]. Esta classe devia aplicar um método de ensino baseado na observação e cópia, por exemplo ilustrações de revistas, como vimos a *The Graphic*.

As aulas de francês, estendem-se por dois anos, passando o futuro arquiteto diretamente da primeira classe de francês no ano letivo 1880/1881, (inscrito a 2 de julho[69]), para a 4ª classe (inscrito a 3 de outubro do ano seguinte). Estes dois anos de frequência de francês permitiam a aprovação no exame de língua francesa, à data um

[68] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumno,* fol. 148 a 181;
[69] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumno,* fol.172;

exame de admissão ao Liceu nacional[70]. O futuro arquiteto realiza o mesmo em 1881/1882, a 3 de outubro, com aprovação[71].

Para mais completa ilustração do percurso académico do arquiteto, fazemos uma imersão mais profunda no curriculum.

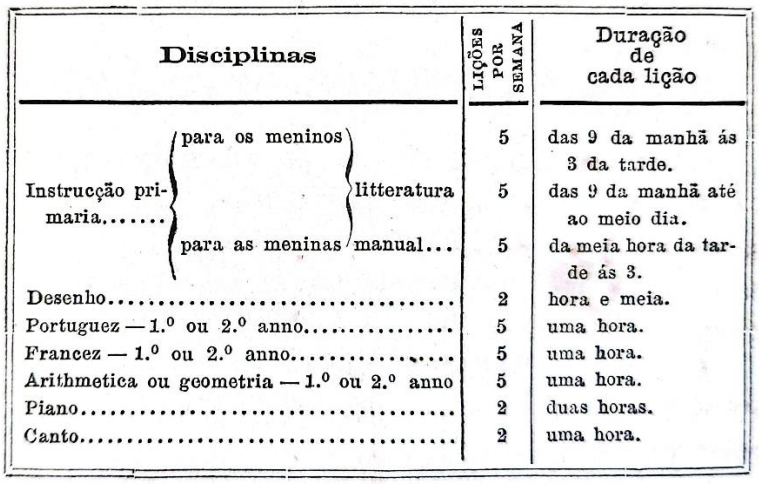
No Capítulo I de abertura do *Regulamento Interno do Lyceu da Celestial Ordem Terceira da SS. Trindade do Porto de 1882*, é mencionado que o mesmo tem por intenção a matéria de ensino "*o 1.º e o 2.º anno do curso geral dos Lyceus nacionaes, em curso biennal*[72]". Para compreendermos o plano pedagógico devemos atender ao estado do ensino nacional.

Neste período estava ainda em vigor o Decreto de 10 de abril de 1860 que pouco acrescentava ao de 1844, do qual retiramos que a duração do ensino liceal oficial era de 5 anos – constatamos que o do *Lyceu* da Trindade tinha apenas 2 anos.

O plano do ensino oficial era composto por aulas de 2 horas para cada disciplina, cargas letivas semanais (variando do tempo mínimo de 9 horas semanais no 4º ano e de 12 horas no 5º ano) e diárias (de 6 horas)[73].

Já no *Lyceu* da Trindade, para o ensino secundário, o plano curricular propunha 18 horas de aulas semanais, distribuídas do seguinte modo: Desenho (2 lições semanais, de duração de 1 hora e meia), Português (5 de 1 hora), Francês (5 de 1 hora), Aritmética ou Geometria – propomos a frequência da disciplina de Geometria – (5 de 1 hora)[74].

[70] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumno,* fol.168;
[71] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumno,* fol.181;
[72] AOT, *Regulamento Interno do Lyceu da Celestial Ordem Terceira da SS. Trindade no Porto*, 1882, P. 3;
[73] CORREIA, 2009, P.39;
[74] AOT, *Regulamento Interno do Lyceu da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade no Porto*, 1882, P. 6;



| Disciplinas | | | Lições por semana | Duração de cada lição |
|---|---|---|---|---|
| Instrucção primaria..... | para os meninos | litteratura | 5 | das 9 da manhã ás 3 da tarde. |
| | para as meninas | litteratura | 5 | das 9 da manhã até ao meio dia. |
| | | manual... | 5 | da meia hora da tarde ás 3. |
| Desenho..... | | | 2 | hora e meia. |
| Portuguez — 1.º ou 2.º anno..... | | | 5 | uma hora. |
| Francez — 1.º ou 2.º anno..... | | | 5 | uma hora. |
| Arithmetica ou geometria — 1.º ou 2.º anno | | | 5 | uma hora. |
| Piano..... | | | 2 | duas horas. |
| Canto..... | | | 2 | uma hora. |

**Figura 8- Distribuição das disciplinas no *Lyceu* em 1882**

Fonte: Arquivo da Ordem da Trindade, *Regulamento Interno do Lyceu da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade no Porto*, 1882, P. 6;

No capítulo 7 do mesmo *Regulamento* compreendemos quando seriam as interrupções letivas:

*"1º Desde a véspera de Natal até ao dia 1º de janeiro;*

*2º Os tres dias immediatos ao domingo da Quinquagesima;*

*3º Desde a quarta-feira de trevas até à quarta-feira seguinte;*

*4º Desde a quinta-feira que procede o domingo da SS. Trindade até à segunda-feira inclusive;*

*5º O dia comemorativo dos finados;*

*6º Os dias anniversarios natalicios de SUAS MAGESTADES FIDELISSIMAS; EL-REI e a RAINHA reinantes; - (D. Luís I, nascido a 31 de outubro de 1838, e D. Maria Pia, nascida a 16 de outubro de 1847)*

*7ºOs dias de anniversarios natalicios dos Protectores d`este Lyceu, os Excellentísismos Senhores Conde e Condessa da Trindade;*

*8º Os dias santificados;*

*9º As quintas-feiras das semanas em que não haja outro feriado;*

*10.º E finalmente qualquer outro que extraordinariamente se repute de conveniecia*[75]*."*

Recordemos que, os estabelecimentos de ensino privado gozavam de liberdade para a escolha da carga horária e das disciplinas selecionadas, enquanto que o Curso Geral de Lyceus propunha, distribuído de forma diferente ao longo dos 5 anos : Língua Portuguesa (80 aulas semanais), Língua Latina (80 aulas semanais); Língua Francesa (40 aulas semanais); Língua Inglesa (29 aulas semanais); Oratória, poética, literatura (portuguesa) (48 horas semanais); História e cronologia; Geografia (Portugal e colónias) (48 horas semanais); Física e química elementar e Introdução e à história natural (57 horas semanais); Filosofia racional e moral e princípios de direito natural (36); Desenho linear (50); Sobre este plano alargado o próprio Conselho do Liceu do Porto escreve em 1871[76]:

> *"Distribuição das matérias d 'ensino, que em vez de excitar a um tempo, mas em dóses convenientes todas as faculdades da alma, excitao desenvolvimento exagerado d umas, á custa do atrophianíento dõutras, gerando entre ellas urna perniciosa desegualdade d 'aptidões e forças. Pouco tempo emfim para se estudarem certas disciplinas, e muito, sobejo até, para se esquecerem*[77]*."*

Com a informação que nos é disponibilizada no *Rg.to d`alunnos do Lyceu*, profissão dos pais e etc., é possível perceber que a Instituição era selecionada para a preparação de futuros profissionais liberais, designadamente: comerciantes, ou engenheiros e arquitetos. Outra via de pesquisa, passará por relacionar a ocupação dos pais, informação presente em "Filiação", um campo no documento presente nos anos letivos 1881/1882 a 1911/1912, com o trajeto profissional dos ex-alunos do *Lyceu*, como podemos averiguar em *apêndice*.

No ano de 1881/1882, no Ensino Secundário podemos concluir alguns aspetos, entre eles, uma grande disparidade entre o perfil de pessoas que frequentavam o Ensino

---

[75]AOT*, Regulamento Interno do Lyceu da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade no Porto*, 1882, P. 7;

[76] CORREIA, 2009, P. 39;

[77] *Representação sobre a necessidade de uma lei geral de Instrucção Pública a propósito das reformas ultimamente decretadas na Instrucção Secundária dirigida á Carnara dos Snrs,Deputados da Nação pelo Conselho do Lyceu Nacional do Porto*, 8 de março de 1871.

Primário e o Ensino Secundário. Atentemos, que este documento, nos fornece apenas dados das inscrições do sexo masculino. Nesse ano, frequentavam, apenas 13 pessoas o ensino secundário, incluindo José Marques da Silva, todos pagavam cotas de 9 reis, e muitos tinham relação de parentesco entre si[78]. Em contrapartida, existiram 164 matrículas no total, entre os quais 151 estavam matriculados no ensino primário (92%). Desses 164 alunos, 70 não pagavam a matrícula atribuída de 3 reis, todos do ensino primário, correspondendo a 42,68% dos alunos[79].

# 3. Academia Portuense de Belas Artes, estudos em Paris e regresso ao Porto

As Academias Belas Artes de Lisboa e Porto foram criadas em 1836, na sequência da reforma de instrução pública de Passos Manuel. Funcionavam como programas autónomos de aulas e à data do ingresso de Marques de Silva na década de 80, ainda assim se encontravam. O candidato deveria ter a idade mínima de 10 anos, saber ler, escrever e contar, mostrar habilidade para o desenho e equivalência ao 1º ano de matemática.

Até ao que Gonçalo Canto Moniz denomina a *Reforma de 1881* – que se fará sentir em diferentes magnitudes na escola lisboeta e portuense – o ensino da arquitetura em Portugal era arcaico e baseado na cópia, sem nenhuma disciplina teórica em todos os anos de formação "ao contrário da academia francesa", à data o referencial de aprendizagem. O autor cita o decreto de 22 de outubro de 1836 com os deveres do professor de arquitetura:

> "Cumpre ao Professor de Arquitectura dar aos seus discípulos noções prévias de aritmética e geometria teórica e prática, perspetiva e mecânica (…) as cinco ordens gregas e romanas (…) noções elementares da Arte da construção dos edifícios; da distribuição das partes de que devem compor-se; dos ornatos que convém a cada um conforme o seu destino; das plantas; perfis e alçados, segundo a natureza e configuração dos terrenos; e dos meios que se

[78] Em *Apêndice, Lista de Alunos inscritos no Ensino Secundário no aluno letivo de 1881/1882;*
[79] AOT, *Rg. to d`alumnos do Lyceu;*

> devem empregar para que o edifício, além da simetria e elegância, tenha a necessária segurança e solidez (…) depois de exercitados os discípulos em tirar cópias de boas estampas os animará a desenhar casas rústicas e urbanas, palácios, templos, praças, etc., etc., (…) convenientes, balas, enseadas, portos, etc., e ultimamente as habilitará na praxe do risco das cartas topográficas."

Esta reforma foi conduzida por uma comissão integrada por artistas e arquitetos que se haviam formado em Paris - pensionistas do estado desde 1860 - e que daí importavam a sua pedagogia. Das principais reformas destacam-se, o ensino dividido em duas áreas, Curso Geral de Desenho e Cursos Especiais – entre os quais de Arquitetura.

O Curso Geral de Desenho exaltava a primazia do desenho enquanto tronco de todas as disciplinas artísticas, e por outro lado, os cursos especiais atendiam às suas particularidades técnicas.

Arquitetura passaria a ter 10 anos para obtenção de Diploma: 4 anos do Curso Geral, 4 de Curso de Arquitetura Civil e 2 anos de uma primeira experiência em obras. Esta formação poderia ainda ser completada com formação no estrangeiro, cujo encargo poderia ser coberto por uma das 3 bolsas anuais facultadas pelo estado, ou através de encargo pessoal.

A disparidade entre as Academias da capital e do Norte eram notórias, com um avanço da primeira o que viria a inverter-se na passagem do século. A academia de Lisboa tinha 9 professores para as cadeiras principais e quatro para as auxiliares, o Porto contava apenas com 4 professores e um plano de estudos mais modesto[80]. O Percurso na Academia Portuense – que contava em simultâneo com os cursos de Desenho Histórico, Pintura, Escultura e Arquitetura - era realizado em cinco anos, sendo que o aluno teria que completar quatro cadeiras e quatro cursos consoante o curso eleito pelo aluno[81]. Em Lisboa, com a Reforma Curricular, introduziu-se a 3ª cadeira auxiliar, *"Elementos de Geologia, História da Architectura, Archeologia*", em 1884, cadeira que o Porto teria que esperar por 1911 para receber. No centro formalizava-se a bibliografia

[80] MONIZ, 2019, PP.26 a 28;
[81] CARDOSO, 1992, P. 26;

francesa do século XIX, sem abandonar os Grandes da tratadística clássica- Vitrúvio, Vignola, Serlio[82].

A Academia do Porto, na ausência de um corpo científico autónomo, a Arquitetura como uma arte mecânica que a aproxima da engenharia ou que exige saberes politécnico, continuará a sua relação simbiótica com as restantes *Beaux-Arts.*

Assim, José Marques da Silva ao ingressar na Academia Portuense, terá aulas de Arquitetura Civil com o Arquiteto José Geraldo da Silva Sardinha (1845 – 1927) – mais tarde referido em Acta pela *Meza* da Ordem como "*o arquitecto da caza*" – aulas de Escultura por Soares dos Reis (1847 – 1889), e Desenho Histórico por João Marques da Silva Oliveira (1853-1927)[83].

Valoriza-se a disciplina de desenho, e eram várias as formas da Academia de fomentar este exercício, refere-se o Prémio pecuniário de Desenho, com um valor de 60 $ 00 réis. A constatação da valorização da disciplina é também baseada no facto de as disciplinas de desenho serem as que incluíam o maior número de aluno inscritos.

### 3.1.1. O percurso formativo de José Marques da Silva na Academia Portuense

No ano de 1883, com 13 anos, Marques da Silva, entrou no 1ª ano na Academia Portuense de Belas-Artes. Para a disciplina de Arquitetura Civil, houve quarenta e nove matrículas, com apenas vinte e três aprovações. José, aluno do primeiro ano, obteve 13 valores, destacaram-se na sua turma, Júlio Vaz, Ventura Terra e Júlio Ramos e por fim, Adães Bermudes — futuro concorrente à bolsa do estado em Paris que venceria José Marques da Silva[84].

Nos dois seguintes anos letivos, realizou as disciplinas de Desenho Histórico com 11 valores, e Arquitetura Civil com 14 valores[85]. Realizou também escultura, sob

[82] MONIZ, 2019, P. 28;
[83] VASCONCELOS, 2012, P. 21;
[84] CARDOSO,1992: P. 36;
[85] CARDOSO, 1992, PP. 43 a 45;

orientação do professor Soares dos Reis, terminando com 12 valores. Obtém uma menção honrosa no ano letivo de 1885/1886 no Prémio Soares dos Reis por um "projeto de inovação" atribuído ao melhor aluno da aula de arquitetura. A seleção da atribuição era realizada por José Sardinha, que presidia a aula de arquitetura[86].

No ano letivo seguinte conquista o primeiro prémio do mesmo concurso, recebendo o valor de 6$ 000 réis, com o projeto para uma *arca d`agua* [87].

O percurso na Academia Portuense termina no ano letivo de 1887/1888, com o aproveitamento na disciplina de Desenho Histórico pela qual recebeu uma menção honrosa em concurso da disciplina, que nesse ano propôs o exercício do desenho de uma estátua de gesso. Termina a disciplina de Escultura com 15 valores, neste momento já não lecionada por Soares dos Reis, e Arquitetura Civil com 14 valores.

Em 1888, Marques da Silva concorre a Pensionista do Estado, o que lhe permitira a obtenção de bolsa para formação em Paris. Curiosamente a prova final, que realizou para o efeito, resultante de sorteio, foi *Uma estação terminus de caminho de ferro para uma cidade de 200 000 habitantes*, exercício que viria a ser recorrente nos momentos de viragem da sua carreira.

O júri apresenta algumas dúvidas quer na disposição dos corpos interiores, quer no afastamento do programa enunciado. Para além disso os candidatos são igualmente avaliados numa prova de modelação, na qual o arquiteto é severamente penalizado, sendo considerado de "notável mediocridade". Por outro lado, outro comentário avaliativo refere: o ornato "foi estudado conscienciosamente[88]". Acreditamos que esta disparidade de avaliações nos elementos de avaliação tenha sido o motivo que conduziu o trabalho de Marques da Silva a um segundo lugar, tendo sido eleito Adães Bermudes a pensionista.

[86] BASTO, 2012, P. 110 e 111;
[87] CARDOSO, 1992; PP. 50 a 52;
[88] CARDOSO, 1992, PP. 57 e 58;

Não tendo conseguido o apoio do Estado, e não sem contestação do jovem Marques da Silva, ele parte, com o apoio familiar, para Paris, em 1889[89].

### 3.1.2. Período de Marques da Silva em Paris

Inicia a sua formação em Paris a 6 de agosto de 1890, ingressa na 2ª classe, podendo assistir facultativamente aos cursos científicos e aprendendo no atliêr de Victor Laloux.

Frequenta os cursos de: Matemática orientado pelo professor (Brisse), Geometria Descritiva (Pillet), Estereotomia (Marcel Lambet), Perspetiva (Julien), Construção (Paul-Louis Monduit)[90], completou ainda os cursos teóricos, nas áreas de Ciências e História[91].

Tal como no *Lyceu e* no Porto, na capital francesa recorria-se ao princípio básico pedagógico de emolução, por período limitado, e *en loge*[92]. Eram realizados concursos internos, com temas lançados pelos professores, provas práticas de grande dimensão, orientadas pelo arquiteto da oficina.

Destacamos duas disciplinas particularmente relevantes: Teoria da Arquitetura e História Geral da Arquitetura. A disciplina de Teoria da Arquitetura era lecionada por Guiallaume, incorporava conhecimentos de elementos analíticos, isto é, um domínio da linguagem que compõe a arquitetura clássica, dentro da gramática dórica, jónica e coríntia[93]. Distinto da academia portuguesa, em Paris, Marques da Silva teve aulas de História da Arquitetura, que era lecionado por Lucien Magne, sendo de relevância a componente prática da arqueologia[94].

No concurso de História Geral de Arquitetura em 1893, apresenta um *rendu* para um *Fogão para a Sala dos Estados em Puy—en Velay,* demonstrando preocupação com o

[89] CARDOSO, 1992, PP. 56 a 61;
[90] CARDOSO, 1992, P. P 69 e 70;
[91] CARDOSO, 1992, P. 67;
[92] CARDOSO, 1992, P. 68;
[93] CARDOSO, 1992, P. 72;
[94] CARDOSO, 1992, PP. 75 e 76;

local de implantação, inovação e referências históricas aos fogões e chaminés do século XIII e XIV[95].

Durante os seus estudos em Paris, o nosso arquiteto, manteve-se atento aos Concursos Públicos que ocorriam em Portugal. Trabalhou em colaboração, com o escultor Teixeira Lopes, também ele estudante em Paris, no projeto do monumento a D. Henrique, em 1893[96]. Em 1895, apresenta uma proposta para o restauro dos Mosteiros dos Jerónimos. Neste projeto – nascido no contexto do Centenário da Descoberta da índia– o arquiteto propõe uma absorção pelos temas historicistas da portugalidade, o manuelino, enquanto o "estilo original português", que se consagra no neomanuelino. O arquiteto perceciona bem o carácter simbólico do monumento, enquanto objeto simultaneamente de fé e consagração histórica[97]. Na memória descritiva do mesmo, ele próprio diz que visou "dar ao monumento mais o seu carácter histórico que utilitário[98]".

No culminar da formação em Paris havia também uma componente prática, acompanhamento de trabalhos de construção. Daqui inferimos que o aluno terá seguido, pelo menos durante um ano, sob a direção de um engenheiro do Estado, ou arquiteto do Governo.

O arquiteto obtém o diploma em dezembro de 1894 concessionado pelo arquiteto Louis-Marie Cordonnier, com base num projeto para a *Gare Central* para a cidade do Porto, *respondendo* a uma necessidade dos portuenses[99], e demonstrando o desejo de aplicar-se a uma tipologia de um "tema verdadeiramente moderno: a gare de caminho de ferro[100]". Neste ano, na prova oral de física, química e geologia, Marques da Silva, não responde satisfatoriamente na área de física e química sobre o mesmo projeto, e é retido mais um ano[101].

---

[95] CARDOSO, 1992, P. 87;
[96] CARDOSO, 1992, P. 93;
[97] CARDOSO, 1992, PP. 112 e 113;
[98] CARDOSO, 1992, P. 114;
[99] CARDOSO, 1992, PP. 102 e 103;
[100] CARDOSO, 1992, P. 111;
[101] CARDOSO, 1992, P. 111;

José Marques da Silva termina os seus estudos em Paris a 10 de dezembro de 1896, com o mesmo projeto da Gare Central, devido aos estímulos de Laloux[102], tornando-se parte no ano seguinte, da *Societé de Archiectes Diplomés par le Gouverment*, extremamente raro[103]. Algo que durante a sua carreira mencionará em correspondência e assinará em trabalhos e desenhos finais, como veremos.

## 3.2. Regresso ao Porto e herança construtiva

Não é intenção desta dissertação alongarmo-nos sobre a obra do arquiteto regressado ao Porto. Apenas uma breve referência.

Os equipamentos realizados, tanto públicos como as habitações privadas, atestam a polivalência do arquiteto, cuja produção se concentrou principalmente em dois grandes epicentros: o Porto e Guimarães.

Inserido numa sociedade em plena transformação política e estética, o arquiteto soube adaptar-se ao espírito das encomendas e produziu em grande quantidade e variedade.

Destacou-se na resposta às novas necessidades urbanas, como demonstra o bairro operário "O Comércio do Porto", no Monte de Pedral, no Porto, em 1899, e o prédio de rendimento na Rua Alexandre Braga, construído em duas fases, entre 1925 e 1928. Paralelamente, projetou diferentes moradias destinadas a uma clientela mais abastada, realizando não só os projetos de arquitetura, como também intervenções no interior dessas habitações[104].

No âmbito da educação, interveio em importantes liceus como o Liceu Alexandre Herculano, em 1914, e o Liceu Rodrigues de Freitas. No setor cultural, destacou-se com projetos como o Teatro S. João, no Porto, em 1909, e o Teatro Apolo, em Monção, em 1912. Realizou também remodelações em infraestruturas hospitalares, como no

[102] CARDOSO, 1992, P. 121;
[103] Apenas concedido aos arquitetos José Luís Monteiro, Ventura Terra, Manuel Marques e Marques da Silva. – CARDOSO, 1992, P. 122;
[104] CARDOSO, 1992, PP. 746 a 750;

Hospital da Lapa, em 1915, e no Hospital de Vizela, em 1917. No comércio e serviços, desenhou edifícios como o Grande Armazém Nascimento, em 1914, e a sede da Companhia de Seguros A Nacional, em 1919[105].

Na área dos monumentos, é de salientar o Monumento aos Heróis das Guerras Peninsulares, de 1909. Além disso, deu continuidade ao ofício do pai, através do desenho de numerosos jazigos e capelas funerárias, trabalho que realizou ao longo de toda a sua carreira profissional. No âmbito religioso, projetou também igrejas, como a Igreja de Cedofeita, no Porto, em 1899.

A intervenção urbanística foi outra vertente importante da sua atividade, com especial destaque para a Zona IV da Avenida dos Aliados, no Porto, em 1925. Em Santo Tirso, no ano seguinte, projetou a Escadaria do Alto da Vila e respetivos arranjos urbanísticos e jardins, tendo também atuado em Felgueiras, em 1924[106].

Importa referir que, para além das obras construídas, muitas outras não saíram do papel, refletindo ainda assim a diversidade e o dinamismo do seu percurso.

Analisando o *Inventário de obras do arquiteto José Marques da Silva*[107] verificamos que até 1908 houve uma preferência pelas encomendas de cariz privado, moradias e encomendas religiosas, para a partir de 1909, ano em que obtém a encomenda do Teatro S. João e dos Monumentos da Guerra Peninsular, uma mudança da preferência para encomendas de grandes obras de equipamentos públicos.

Tendo por base o mesmo *Inventário*, destacamos a encomenda da "Tribuna-mor[108]" da Igreja da Santíssima Trindade, pelo seu carácter único na tipologia das obras, quer construídas, quer apenas projetadas, pelo arquiteto.

[105] CARDOSO, 1992, PP. 748 e 749;
[106] CARDOSO, 1992, PP. 746 a 752;
[107] CARDOSO, 1992, PP. 746 a 752;
[108] CARDOSO, 1992, P. 746;

### 3.2.1. Outras artes

Sendo o mote deste projeto o retábulo da Igreja da Santíssima Trindade e arquitetura a arte subjacente, José Marques da Silva teve manifestações em outras artes. Referimos, primeiramente, a escultura arte que aprendeu com o pai e desenvolveu na academia portuense com o escultor Soares dos Reis. O grande espólio da Fundação Instituto Marques da Silva deste suporte artístico atesta a sua importância para o arquiteto[109]. Conforme o próprio José Marques da Silva escreve em notas pessoais "Comecei por artista de cinzel, continuei como artista de lápis…[110]".

Contudo, não é descabido questionar sob a autoria de alguns elementos de artes plásticas e decorativas presentes no retábulo da Igreja da Santíssima Trindade. Ricardo Santos na sua dissertação *Arquiteto Marques da Silva: O outro lado da arte*, propõe que muitos dos elementos decorativos de escultura arquitetónica são atribuídos aos Baganha, que operavam como estucadores/ modeladores. Particularmente, Enes Baganha desenhava e modelava frisos, ornatos em gesso que de seguida eram aplicados nas obras de Marques da Silva[111].

Em acréscimo, a tese de doutoramento de Artur Vasconcelos, procura averiguar se o arquiteto também se dedicou à pintura ao ar livre, maioritariamente através da pintura de aguarelas, como escreve nas primeiras linhas das suas considerações finais:

> "Da cultura de primazia do desenho, veiculada pela formação do arquiteto em ambas escolas, Porto e Paris, Marques da Silva herdara uma forma de projetar assente no desenho como forma fundamental. O desenho em Marques da Silva é estrutural, e estruturador[112]."

Podemos compreender ainda no nosso objeto de estudo, de forma evidente, esta primazia do desenho no ornamento, o elemento *beauxartizante* das obras de Marques da Silva – que lhe conferem historicismo e ecletismo[113].

---

[109] SANTOS, 2013;
[110] CARDOSO, 1992, P. 16;
[111] SANTOS, 2013, PP. 219 a 227;
[112] VASCONCELOS, 2012, P. 252;

# 4. A Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade

As ordens terceiras, foram criadas no século XIII como via intermédia entre a vida religiosa e a secular. Nestas instituições eram admitidos ambos os sexos, distinguindo-se das outras ordens pela sua autonomia face à jurisdição episcopal, tendo como soberano o monarca.

Os seus membros, Irmãos, pagam cotas, oferecem legados, realizam empréstimos – deste modo, as Ordens tinham um pulsante poder económico e influência social. A hierarquia interna, descrita nos Estatutos, baseia-se na capacidade económica do indivíduo, que assegura o seu lugar em Mesa Administrativa.

No século XIX, as obras assistenciais aumentaram seguindo as necessidades do tempo, levando a um crescimento de adesões, que por sua vez se justifica por uma vitalidade espiritual e o deterioramento económico das confrarias e misericórdias. O ingresso nestas ordens, assegurava apoio em caso de pobreza ou crédito e espaço de sociabilidade e afirmação social[114]. Esta maleabilidade e flexibilidade no tempo, em grande parte devido: ao sistema democrático de gestão, à inclusão social, à criatividade e à competência dos órgãos administrativos, tem permitido a sua permanência temporal.

Já a Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade, primeiramente, com o nome de Arquiconfraria da Santíssima Trindade e Redenção dos Cativos, foi criada por Bula papal em 1755, substituindo a Ordem Terceira de S. Domingos, que vivia em constantes querelas com os frades da mesma invocação – a Ordem Primeira de S. Domingos. Assim, o monarca D. José, escreve ao papa Bento XIV que resolve a disputa, atribuindo aos terceiros a invocação da Santíssima Trindade.

O passado dos trinitários remonta ao século XII, e tinham a missão do resgate dos cristãos cativos no caminho de Jerusalém. Esta missão no século XIX no Porto,

[114] MARTINS, 2019, PP. 15 a 18;

permanece transfigurada, através da botica criada em 1824, do Hospital 1852, e a sopa económica em 1880.

No plano educacional, como já referimos, em 1851 o ensino primário, e em 1857 o Liceu.

Em 1930 é inaugurado o Asilo para os Irmãos Pobres e Irmãos Inválidos, o Internato de Vitalícios e o "refeitório da solidariedade", ações de solidariedade que a Ordem continua até hoje[115].

## 4.1. A Igreja da Santíssima Trindade

Para compreensão da encomenda da capela-mor devemos entender *a priori* o contexto da arquitetura magnânima e de grande envergadura e que se prolongou na diáspora temporal que foi a da Igreja da Santíssima Trindade.

O início da construção da Igreja da Santíssima Trindade remete à seleção pela recém renomeada Ordem Terceira de S. Domingos, a Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade e Redenção dos Cativos, em 1755, com a escolha de um terreno de implantação para a sua a sede.

Com a constatação da incapacidade da Igreja do Calvário Novo de receber a sepultura dos Irmãos por ser estreita e pequena, e sendo autorizado pelo regente do reino D. João VI a Aviso de 18 de março de 1796, a construção na Praça do Laranjal de uma nova Igreja, a Ordem considerou em termo de Mesa de 6 de fevereiro de 1803, a sua seleção:*"(…) escolherão o citio da nova Prassa do Laranjal, não só por ser o mais próprio que há, como tambem por se achar já aprovado pello Defenitorio de oito de Junho de mil e sete centos e noventa e hum*[116]*".*

A escolha para arquiteto de Carlos Amarante parece ter sido por preferência e estima do próprio rei, e recebe à data do início da construção, a quantia de 120 mil

[115] DR CULTURA NORTE, 2016, PP. 5 e 6;
[116] AOT, Livro 1.º de Resoluções de Mesa e Junta, fols. 95 e 96;

reis[117]. É aproveitada a pedra do templo do Calvário, e empregue para mestre pedreiro Manuel Luiz[118].

No entanto, a direção da obra passa, em 1814, para João Francisco Guimarães, que recebe, por sua vez, 1600 reis e faz alterações menores ao desenho original:

> "O desenho original de Amarante era composto por um portal e dois grandes janelões, encimados por duas janelas. Mais tarde, este desenho foi ligeiramente modificado por João Francisco Guimarães, que substitui os janelões por dois portais laterais, alterando dessa forma, a entrada da igreja, de um três portais[119]".

A cerimónia da colocação da primeira pedra, a 17 de abril de 1803, ocorreu com toda a pompa e circunstância, e não se pouparam a despesas extraordinárias, que incluíram fogo de artificio, música, tolde para a Capela, etc.[120].

Eduardo Alves Duarte, crê que a fachada foi um ensaio para a frente sul da Academia Real da Marinha e Comércio, atual Reitoria da Universidade do Porto. Contudo, é tornado claro um recurso à tratadística francesa, na organização em dois corpos laterais à igreja. A centralidade é enfatizada pela única torre, ao centro e recuada sobre a fachada[121].

Na Academia Real da Marinha e Comércio, no alçado sul, reconhecemos a mesma galilé serliana com recurso ao rusticado, no piso térreo, denotando a influência clássica. De facto, a linguagem de Amarante é a linguagem retirada da tratadística, o uso do dórico é o mais frequente e apropriado para os edifícios civis e religiosos. Não obstante, devemos argumentar, contra a afirmação de Duarte, 2020, que afirma o uso exclusivo de frontões triangulares, pelo arquiteto minhoto, em igrejas. Segundo o autor, Amarante segue as diretrizes de Blondel:

---

[117] DUARTE, 2020, P. 178;
[118] COUTINHO I, 1972, P. 427;
[119] DUARTE, 2000, PP. 178 e 179;
[120] COUTINHO I, 1972, P. 425;
[121] DUARTE, 2000, PP. 199 e 200;

> "Assim, Carlos Amarante, seguindo os conselhos de Blondel, sempre utilizou frontões triangulares pois, só esses convinham às grandes obras, sobretudo às igrejas, quase sempre colocando escultura no seu interior, a fim de lhes conferir beleza e magnificência[122]

Não obstante, na igreja da Santíssima Trindade, o que observamos na fachada são frontões nas janelas intercalados de frontões curvos, e o frontão de maior relevância na composição - o frontão sobre o pórtico - é também ele curvo.

A torre, apenas construída em 1848, é de facto o elemento com maior protagonismo no frontispício do templo. Existem várias propostas para esta opção em detrimento das habituais duas torres: o contexto da arquitetura anglo- palladiana do Porto; a tradição do gótico francês desde o manuelino; ou o desejo de afirmação urbana. Estamos inclinados em subscrever a tese da sua afirmação urbana.

A única torre, colocada no centro da fachada enquanto eixo organizador da mesma, já se havia tornado costume na cidade – citemos a igreja de uma outra irmandade, a Igreja dos Clérigos. Para além disso, a forma inusual da mesma - um obelisco – é possível ter sido uma proposta original de Amarante, não menos provável será "ter sido uma cópia rigorosa de uma das propostas de Blondel para uma abadia real na Flandres[123]".

Não conhecemos nenhum projeto de Carlos Amarante para a cidade do Porto, mas à semelhança das cúpulas de Braga, como S. João Marcos, é de propor que a cúpula imaginada terá sido oitavada[124]. De facto, seriam muito elevados os encargos para levar a cabo a proposta cobertura, fosse qual fosse a proposta.

O mesmo autor chama-nos a atenção para o que considera um certo *blondelianismo*, que de entre a tratadística a que Amarante se alicerçava – e havia outras, Vignola, Serlio, Palladio, Pozzo, Briseux – o arquiteto francês e a sua obra *Cours d´Architecture,* era o predileto. As sonâncias do tratado francês, sentem-se na arquitetura da Trindade através da composição hierarquizada, composta a partir de um elemento central[125]. E acima de tudo, a "*architecture pyramidale",* em que *"liasions qui*

[122] DUARTE, 2000, P. 223;
[123] DUARTE, 2000, P. 227;
[124] DUARTE, 2000, P. 229;
[125] DUARTE,2000, PP. 241 a 244;

*seus peuvent mettre d`accord les partties avec le tout"*[126]*(*o que em acréscimo, muito convém à iconografia da Santíssima Trindade).

Existem, no entanto, três nomes que devemos evocar e a quem a bibliografia não deu a atenção devida, são estes os mestres de obra João da Silva Sardinha, Francisco Geraldo Sardinha e por fim, o arquiteto José Geraldo da Silva Sardinha[127] (1845- 1906). O primeiro destes, tinha regime de exclusividade com a Ordem da Trindade.

É em 1818 que a obra da Trindade, tanto da Igreja como do Hospital, passa de João Francisco Guimarães para o primeiro dos Sardinhas:

> *"(…) o Snr. João Franc.º Guim.es; e logo pello o N. Ir. Pr.or. foi ditto que por ter falecido de vida prezente o mestre prezente, digo o mestre pedreiro Manoel Luis Nogueira, por essa razão se precizava nomiar outro mestre para por em cher (sic) este lugar, propondo ao m.mo tempo que se deveria nomiar hum mestre que travalhasse, riscasse, e mandasse na mesma obra, com a condissão porem que este não poderia trazer outras obras fora nem meter offeçiais nem aprendizes sem consentimento da Meza. (…) E passandose a eleger quem mais se poderia despicar a aseitar de mestre com as condissois asima sahio aprovado João da Silva Sardinha, de Pedrozo, M. Pedrereiro (…)*[128]*"*

Este foi também um momento de muitas dificuldades financeiras para a Ordem; trabalhavam 14 pedreiros na obra, mais 5 na pedreira contígua que exploravam[129]. Sabemos também que as formas de angariação de fundos foram de natureza bastante criativa em colaboração com o Real Teatro de S. João. Entre 1823 e 1829 e depois 1835, foram realizadas, óperas, farsas, comédias que arrecadaram 2. 126. 800 réis no total. No entanto, nenhum deste valor foi elencado às obras da igreja, nem do hospital, optou-se pelas instalações higiénicas da farmácia[130].

---

[126] DUARTE, 2000, P. 242;

[127] José Geraldo da Silva Sardinha foi autor e dirigiu de inúmeras obras de relevo na cidade do Porto, Braga e Viana do Castelo, destacando-se o Palácio Episcopal, a Escola Médico Cirúrgica, a Igreja do Bonfim, o Grande Hotel na Rua Santa Catarina, e o Teatro Sá de Miranda em Viana do Castelo. Não obstante, a única monografia ao arquiteto destinada foca-se no seu trabalho como docente, da autoria de João Maria de Távora de Magalhães Basto, 2012, carecendo um estudo da sua obra construída. Serve a presente nota um convite à sua produção.

[128] AOT, *Livro 1º de Rezoluções de Meza e Junt*a, fol. 103;

[129] COUTINHO I, 1972, P. 447;

[130] COUTINHO I, 1972, PP. 439 e 449;

Em a *Memória à serca da Obra da Nova Igreja* de 1840, são colocados a par os avanços realizados na obra do templo da Trindade e não são poupados elogios a todos os envolvidos na construção destacando-se:

> *"(…) não sendo menos de ellogiar ao nosso Irmão Mestre Pedreiro João da Silva Sardinha, não só pela sua boa conduta e perícia com que tem executado o magnifico risco do nosso Edificio; mas athé porque, junto com o seu filho, Francisco Geraldo da Silva e o dito Mestre Carpinteiro Queiróz, que entre si delenirão a forma de arrearam a grande prancha, que ocupava todo o corpo da nossa Igreja (…)*[131]*"*

Em 1841, estavam terminados apenas a nave da igreja até o transepto. Numa carta para uma benfeitora no Rio de Janeiro, adianta-se a seguinte descrição do ritmo das obras do templo:

> *"(…) A Meza tem o gosto de participar a a V. Ex.ª que a Ordem já celebra os Officios Divinos na sua Igreja Nova, a qual porem não está concluída, porque lhe falta o Sumptuoso Cruzeiro com o seu Zimborio, e a Cappllа Mor; mas do Cruzeiro para baixo, que he a parte que serve agora, já dá espaço mais largo à concorencia dos Fieis*[132]*"*

Aquando da perceção da dimensão do templo, e da sua imposição no tecido urbano, em 1846, a questão da toponímia levanta-se. A antiga Praça do Laranjal, a dianteira em relação à Igreja, passa a denominar-se Praça da Santíssima Trindade.

De dimensão para o estudo da fachada são as duas esculturas dos Santos padroeiros da Ordem – S. Felix de Valois e J. João da Mata. Muita discussão ocorreu em Meza acerca das mesmas, para além de no entretanto as mesmas impedirem o avanço da obra uma vez que estas teriam que ser colocadas pelo telhado.

O primeiro escultor consultado foi Francisco Pedro de Oliveira e Souza em 1849. A proposta apresentada mereceu reservas da *Meza* devido à iconografia dos santos, considerando que esta provavelmente muito desagradaria os fiéis, pois não correspondia à forma como iam os andores das procissões. O artista, por sua vez, justificou a iconografia, referindo que a mesma correspondia à forma como historicamente se teriam vestido os religiosos trinos. O tema resultou em muita reflexão

[131] AOT, *Lembranças ou Hist. das Épocas*, fols. 125 e 126;
[132]AOT, *Copiador das Cartas*, etc. Tomo I., P. 80;

e até debate público. O escultor selecionado foi outro – João Albertino de Azevedo, e teve o acompanhamento de uma direção criativa – João Baptista Ribeiro. Para acompanhar a proposta e execução, foi criada uma Comissão dedicada, pela *Meza* administrativa, que veremos é o *modus operandi* da Ordem em momentos de maior exigência[133].

Nesse mesmo ano, é passada a direção de mestre de obras de João Sardinha para Francisco, "*Em seguida foi lido hum requerimento de Francisco Geraldo da Silva Sardinha pedindo o lugar de Mestre Pedreiro, que seo falecido Pae exercêra nas obras da nossa Ordem por de espaço de trinta e hum annos*[134]*.*"

Durante os anos seguintes a Ordem dedicou fundos aos seus outros dois trabalhos assistenciais, os esforços construtivos e financeiros foram direcionados para o Liceu e para o Hospital. O templo verá acrescentos menores como: grades de ferro, portões, vidros na fachada, etc.. Mas em 1871, é reconhecida a importância de continuar as obras da capela-mor[135], neste momento sob a direção do engenheiro Faustino José da Victoria:

> *"(…) necessidade de continuar a galeria da parte poente, que faz parte da obra que circula a Capela-môr (…) e conhecida a necessidade da sua continuação, não só para encontro das paredes da Capella-môr e maior segurança da abóboda, como tambem para poder covrir-se de madeira e telhado todo este lado para evitar o prejuízo das agoas pluviais que muito concorrião para o estrago da obra já feita*[136]*."*

Faz-se o orçamento para a quantia de 54. 000 $ reis, expande-se as subscrições da cidade ao Brasil, como já era hábito, quando era necessário arrecadar uma quantia voluptua. Passado alguns anos, nova Comissão é criada para dar seguimento à cobertura do zimbório, um grande grupo de engenheiros são convidados a dar o seu parecer: Augusto Luciano Simões, Diniz Theodoro d`Oliveira, Gustavo Adolpho Glz. e Souza, José

---

[133] COUTINHO I, 1972, PP. 568 a 570;
[134] AOT, *Livro de Rezoluções de Meza e Junta*, fol. 39 e 40;
[135]A documentação utilizará o termo "*Capella-môr*" várias vezes referindo-se ao zimbório, na documentação até 1884 fará usado indiscriminado de "*Capella-môr*" e "*zimborio*" referindo-se ao mesmo elemento, isto é, o espaço de interseção da nave central com a nave transversal.
[136] AOT, *Livro 3º das Rezoluções de Meza e Junta*, fol. 124;

de Macedo Araújo Júnior, Agnello José Moreira, José Verissimo Mendes Guerreiro e por fim, o arquiteto José Geraldo da Silva Sardinha. Entendem que a construção obrigaria ao reforço dos pilares, consideram a construção do zimbório em pedra, arriscada, optam pela construção em ferro, executada numa fábrica – isto tudo um processo altamente fiscalizado[137].

Em 1881, a *Meza* percebe que o projeto conforme riscado por Carlos Amarante, a jóia da coroa da Igreja da Santíssima Trindade – que muitas Mezas tinham lutado por levar avante- era impossível pela sua situação financeira da Ordem:

> *"(…) a ser completamente impossível concluir a obra, se exforçasse a Meza em conservar e respeitar o que se acha feito, cobrindo-se a capella mór até à altura do annel, garantindo-se assim da acção do tempo, tanto trabalho, dinheiro e sacrifícios ali consumiudos*[138]*."*

O que inicialmente apenas tinha sido pensado como solução provisória, a cobertura em cúpula de tijolo, seria a que nos chegaria até hoje. A 1892 a obra é dada como concluída e é realizada a sua Benção solene[139].

### 4.1.1. A Capela-mor

Dedicamos este subcapítulo distinto à história da capela-mor pois, como vimos anteriormente, a construção foi dada de sul para norte, isto é, do corpo principal para a abside. Mantiveram-se durante a centúria construtiva diversas construções "provisórias" - demonstrando uma certa autonomia da restante construção. Em acréscimo, no contexto desta dissertação consideramos fundamental um esboço detalhado da história construtiva da mesma.

A primeira capela data de 1805 e no lançamento da primeira pedra, já teriam as imagens essenciais às devoções tridentinas à Santíssima Trindade, a Nossa Senhora dos Remédios, e dos fundadores da Ordem: S. João da Matta e S. Félix de Valoix. Para além disso, havia para ali sido transladado a Imagem do Sr. de Bonfim, com grande devoção

[137] COUTINHO I, 1972, PP. 624 a 630;
[138] AOT, Livro *2º das Resoluções da Meza e Junta*, fol.. 87;
[139] COUTINHO I, 1972, PP. 608 e 609;

dos populares pelos seus milagres concedidos, dando à igreja grande celebridade. Assim, em 1807 é feita a transladação do Santíssimo da Capela do Calvário para esta igreja. É colocado o trono, e madeiras, obras do mestre João Gonçalves, com 18 carros de telha. Acrescenta-se a coroação de Jesus Morto, Santa Thereza, S. Caetano, Santo António, S. Miguel dos Santos, Coração de Jesus. Entretanto, considera-se que é preciso aumentar a primeira capela provisória.

Estes trabalhos de acrescentos ficaram por sua vez, ao embaraço de António José do Vale, e cobertas pelo Santo Sacrifício da Missa. Pela total mobilização financeira dos devotos portuenses a ordem acreditou que esta seria a versão definitiva. Contudo, os fiéis ficaram completamente insatisfeitos, consequentemente a Ordem vende a igreja do Calvário Novo[140].

Passaram-se mais de 30 anos, e em maio de 1840, o culto continuava a fazer-se na agora denominada Capela Velha. Coloca-se a questão de novo – fazer uma nova capela-mor provisória – relembramos seria esta a terceira e de novo a não definitiva. Neste momento liderava a empreitada João da Silva Sardinha, que a desaconselha vivamente. "(…) *seria uma obra cara, difícil, devido ao cano de água que ali passa e inútil porque teria de ser demolida no dia em que se pretendesse continuar a obra da construção do corpo da igreja nomeadamente do zimbório*[141]."

É requisitado ao Governo o retábulo-mor da igreja da Serra do Pilar – notemos que o convento da Serra do Pilar estava ao abandono.

> "*Aos tres dias de Maio do Anno de mil oito centos e quarenta nesta nossa Secretaria e Caza do Despacho da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade, onde se acharão reunidos a Meza e Junta, a que presidia o nosso Irmão Prior Domingos d`Almeira Ribeiro, por este foi dito que, visto o adiantamento que se achava a Capela velha forsozo era tomar medidas para a tão desejosa transladação; e como este he hum dos negócios da qualidade marcados no Estat. Cap. 19.º Art. 4.º, por isso se havia convocado a Junta para mais assertada resolução. Continuou dizendo, que, tanto pelos Irmaons em geral, como pelo Publico, havia um manifesto dezejo, de que Esta Ordem se servisse do corpo da nova Igreja (quando o estado da Obra desse lugar a isso)*

[140] COUTINHO I, 1972, PP. 430 a 433;
[141] COUTINHO I, 1972, P. 451;

*para nelle se fazererem os Officios Divinos: Então submeteo à deliveração da Meza e Junta. Se sim ou não se devia construir huma Capella Mór provisória? Fizerão-se algumas reflexoens a este respeito, e para mais esclarecimento foi chamado o Mestre Pedreiro e depois de presente consultou-se sobre o negocio em questão ao que respondeu: que a provisória Capella Mor se podia muito bem edificar; porem que achava da sua obrigação o patentear a Esta Meza que, quando a obra da Capella Mór effectiva quisesse continuar e muito principalmente o Zimbório do Cruzeiro, esta continuação não podia ter lugar, sem que se demolisse a Capella provisória que agora se havia de fazer, em razão da grande estacaria que he preciza para sustentar a prancha. Allem disso, que o aliçerse era obra muito dispendiosa atendendo ao cano que passa no Cruzeiro, cuja grande depesa hum dia havia de ser perdida. Informada por esta forma a Meza e Junta retirou-se o Mestre Pedreiro; e o Nosso Irmão Prior Presidente, pôs a questão à vetação e foi unanimamente resolvido que nãp se edificasse a Capella Mór provisória, mas sim que se tapasse de pedra o grande Arco do Cruzeiro, e nos resumíssemos tão somente ao Corpo da Igreja*."

Foi decidido à data que as celebrações aconteceriam com apenas um corpo de uma nave, a ocorrer na parte nascente da mesma. Quanto ao que deveria enaltecer esta capela, o Prior Domingos D`Almeida Ribeiro avança com a solução do empréstimo do retábulo agostinho:

"*Continuou mais dizendo, que a Tribuna que foi dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho da Serra, se achava inda na mesma Igreja sem que tivesse serventia alguma, e que se lembrava que Esta Ordem a pedisse ao Governo de S. Majestade porque considerava que, com este pedido, se beneficiava a Ordem, e ao mesmo tempo se fazia hum serviço à Religião pondo no Culto huma pessa que tanto ornou aquelle Santuario. Foi resolvido que a dita Tribuna se pedisse ao Governo; e que se algum dia seus próprios donos a requesitassem à Ordem esta pronptamente lhe sedeira* [142]."

A Ordem Terceira economizaria fundos necessários para o grande encargo que se avizinhava e a cidade não desperdiçaria a preciosa obra de talha. De facto, o pedido chega a ser realizado a 16 de maio de 1840, dirigindo-se a Sua Majestade. Ficamos a saber, igualmente que o retábulo desejado pela Ordem era o retábulo da "Tribuna da Capela-Môr":

"*Dizem o Prior e Mezarios da Ordem da Santissima Trindade da Cidade do Porto, que na Igreja do extinto Convento do Pilar, existe ainda a Tribuna da Capela-mór, que, pelo estado de*

[142] AOT, *Livro 1º das Rezol. de Meza e Junta,* fols. 168-168 v.;

*ruína e profanação em que se acha a mesma Igreja, de nada ali serve, podendo aliás prestar de muito aos Suppt.es. quando empregada na decoração do magnifico Templo que elles andão concluindo na Praça do Laranjal com inexplicável prazer das Almas Devotas a quem tão grato é ver erigir neste Século um monumento de Piedade!! Lembrarão-se os Supp. de a Augusta neta de tantos Reis Piedozos, folgariua de concorrer com alguma couza para uma obra tão meritória, e firmes em que suas esperanças, não serão frustadas, P. a V. Majestade se Dignde Mandar expedir as Ordens necessárias para que a dita Tribuna seja entregue aos Suppt.eS*[143]"

Acerca da transladação da tribuna de Vila Nova de Gaia para o Laranjal, mais nada se fez e nada leva a crer que se concretizou. Mas no mesmo espírito de remodelações da capela-mor da viragem do século, na sessão da Mesa e Junta de 7 de fevereiro de 1901 é aprovado o projeto do retábulo do arquiteto José Marques da Silva:

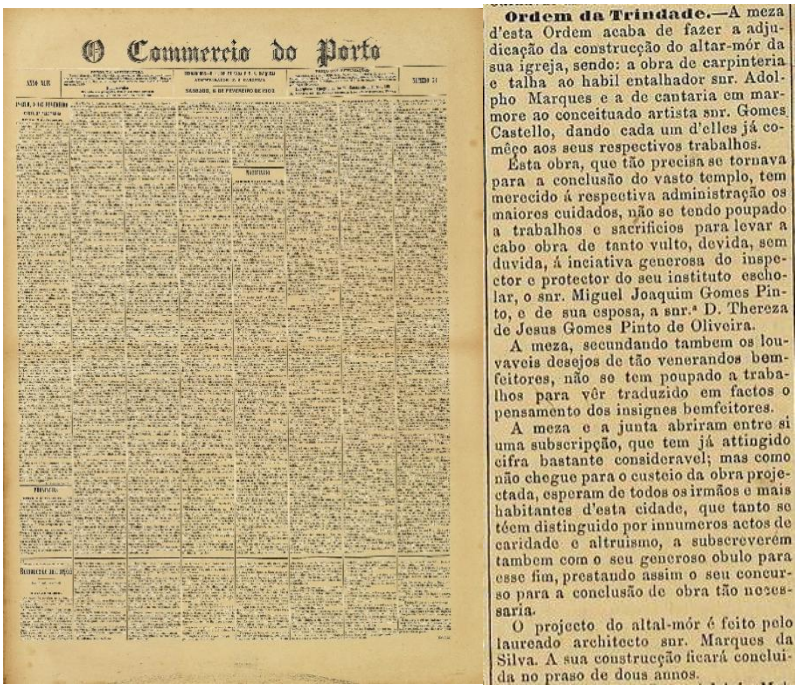
"*O mesmo Irmão Prior* [ Sr. Barão de Vallado] *apresentou à consideração da Mesa e Junta três projectos de plantas para a tribuna do altar da capella-môr da nossa egreja, sendo uma elaborada pelo architecto, Snr. Jose Geraldo da Silva Sardinha, outra pelo architecto, Snr. Jose Marques da Silva e finalmente pelo Snr. Eduardo Alves; e sendo as mesmas attenciosamente examinadas por todos os membros da Mesa e Junta, entenderam que satisfazia ao fim desejado apresentada pelo architecto Snr. Jose Marques da Silva, a qual sendo previamente discutida, foi aprovada por unanidade, digo unanimidade*[144]."

Anteriormente, em 1900, A Mesa Administrativa, em prol de aligeirar a tomada de decisões relativas às obras da capela-mor, elege uma Comissão, presidida por Miguel Joaquim Gomes Pinto. A sua nomeação baseou-se na sua importância enquanto portador de fundos monetários, recurso tão caro à ordem, *"um tão valioso protector da religião e culto divino*", e "*pelos seus continuados actos de generosidade, mas tambem e principalmente pela importante promessa que havia feito de uma valiosa esmolla*". Acrescenta-se ainda que a valiosa esmola ascendeu a um conto de reis[145].

[143] AOT, *Copiador de Cartas Tomo I,* 1792, P. 70;
[144] AOT, *Livro 2º das Resol. de Mesa e Junta*, fols. 140 a 143;
[145] AOT, *Actas das Comissão das Obras da Capella Mo*r, 1900;

Esta Comissão reúne-se duas vezes, uma para votar os órgãos da mesma, a 1 de agosto de 1900, e a seguinte, a 5 de agosto de 1900, para reunir e aprovar a planta do arquiteto José Geraldo da Silva Sardinha[146].

Posteriormente, é criada uma Comissão específica para a peça central da capela-mor – o retábulo. Tal atesta a edição matutina de *Commercio do Porto* de 8 de fevereiro de 1902, "*Aggregado à Comissão de Obra do mesmo altar, o N. I. Defenidor. o Snr. José Lopes Martins*[147]". O presidente da dita Comissão terá sido o mesário ou definidor José Lopes Martins, contudo, face ao valor da sua doação (que não conhecemos), este não terá sido o motivo da sua seleção para o cargo. Nessa mesma notícia, é mencionado o nome dos principais benfeitores o casal, Miguel Gomes Pinto – diretor da prévia Comissão - e a esposa *Thereza* Gomes Pinto de Oliveira.



O Commercio do Porto

**Ordem da Trindade.**—A meza d'esta Ordem acaba de fazer a adjudicação da construcção do altar-mór da sua igreja, sendo: a obra de carpinteria e talha ao habil entalhador snr. Adolpho Marques e a de cantaria em marmore ao conceituado artista snr. Gomes Castello, dando cada um d'elles já começo aos seus respectivos trabalhos.

Esta obra, que tão precisa se tornava para a conclusão do vasto templo, tem merecido á respectiva administração os maiores cuidados, não se tendo poupado a trabalhos e sacrificios para levar a cabo obra de tanto vulto, devida, sem duvida, á inciativa generosa do inspector e protector do seu instituto escholar, o snr. Miguel Joaquim Gomes Pinto, e de sua esposa, a snr.ª D. Thereza de Jesus Gomes Pinto de Oliveira.

A meza, secundando tambem os louvaveis desejos de tão venerandos bemfeitores, não se tem poupado a trabalhos para vêr traduzido em factos o pensamento dos insignes bemfeitores.

A meza e a junta abriram entre si uma subscripção, que tem já attingido cifra bastante consideravel; mas como não chegue para o custeio da obra projectada, esperam de todos os irmãos e mais habitantes d'esta cidade, que tanto se téem distinguido por innumeros actos de caridade e altruismo, a subscreverem tambem com o seu generoso obulo para esse fim, prestando assim o seu concurso para a conclusão de obra tão necessaria.

O projecto do altal-mór é feito pelo laureado architecto snr. Marques da Silva. A sua construcção ficará concluida no praso de dous annos.

**Figura 9- Artigo "Ordem da Trindade" em *O Commercio do Porto***

Fonte: Arquivo Muncipal Sophia Melo Breyner, *O Commercio do Porto*, 8 de fevereiro de 1902;

[146] Ver em *Anexo*, transcrições – *Actas das Comissões das Obras da Cappela-Môr*;
[147] *O Commercio do Porto*, 8 de fevereiro de 1902;

*Thereza* de Jesus Gomes Pinto de Oliveira nasceu na freguesia de São Nicolau, no Porto, casando-se, primeiramente, com Luís Mendes de Oliveira em 1873, natural de Fafe que morreu em 1873. *Thereza* morre em 1905, momento em que estava a dar-se por terminada a obra do retábulo da capela-mor. O segundo cônjuge, Miguel, apenas morre a 30 de agosto em 1926. O casal, e Miguel enquanto viúvo, destacaram-se pelo seu trabalho de beneficência nas instituições do Porto, não apenas na Ordem da Trindade, como também na Santa Casa da Misericórdia, na Ordem do Carmo, na de S. Francisco, Terço, Colégio de Meninos Órfãos, Oficinas de São José, Asilo da Infância Desvalida, Recolhimento das Meninas Desamparadas, os Albergues Noturnos do Porto, e a Associação de Beneficência dos Empregados do Comércio.

Na Misericórdia do Porto, destacam-se pelas suas doações recorrentes, incluindo pela criação de diversos prémios que favoreciam os bons alunos, incluindo a criação do Prémio Miguel e *Thereza*, instituído a 11 de novembro de 1892, com donativo de 300$000 reis para uma asilada e 300$000 reis para um asilado[148]. Foram ainda criadas outras condecorações da mesma natureza como o Prémio Francisco Carqueja, instaurado em 1909 de 100$000. A Misericórdia, a 19 de março de 1910, atribui a Miguel, que morre apenas em 1926 o título de "Vice-Provedor Honorário[149]".

[148] AMP, *Relatório da Misericórdia do Porto*, 1913-1914, P. 82;
[149] AMP, *Relatório da Misericórdia do Porto*, 1909-1910, P. 132;



**Figura 10- Retrato de *Thereza* de Jesus Gomes Pinto Oliveira, 1905**

Fonte: Museu da Misericórdia do Porto, António Carneiro, *Retrato de Thereza de Jesus Gomes Pinto Oliveira,* 1905

Para a mesma empreitada o casal realiza duas doações. A primeira, a 12 de agosto de 1905, sob a forma de "*15 acções do Banco Commcercial do Porto de 1º Semestre de 1905 do Legado de D. Theresa de Jesus Gomes Pinto d`Oliveira*", o único em toda a *Subcripção* desta natureza, atestando a literacia económica do casal, no valor de 22$500. A segunda, em nome do viúvo Miguel e esposa, no valor de 200$000 a 23 de setembro de 1905[150]. Em contrapartida, pelas suas doações, a Ordem realiza dois retratos individuais de Gomes Pinto e esposa, pagando 30$000 pelos dois caixilhos a 11 de janeiro de 1904[151].

Curiosamente, as relações deste casal através de contribuições financeiras em obras projetadas pelo arquiteto, não se ficam pela obra da tribuna da Ordem da

[150] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906;* P. 40;
[151] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906;* P. 29;

Trindade, mas incluem também o "projeto joanino" da Igreja de Cedofeita, para o qual fizeram igualmente importantes donativos[152].

Apesar da generosa doação dos beneméritos mencionados, a Ordem da Trindade havia realizado um "*Emprestimo de 56% de reis 10 contos para a continuação das obras da egreja da Ordem conforme a autorização do G. de S. M. de 2 de Junho de 1887*[153]*"* Corroborando, o esforço económico na qual a Ordem estava devido às obras, a carta do Provedor, Barão de Vallado, no ano de 1902, cujo destinatário nos é oculto e cuja nota não temos acesso, faz saber:

> *"Illmo. e Exmo. Snr. Acuso recebido officio de V. Excma com data de 3 de Julho do Corr., com a n. 31 pelo qual tenho, a honra de responder. Que com receção a nota (f) da receita do orçamento, d`esta Ordem do anno economico de 1902 a 1903, tenho a expôr a V. Exca, que não vae incluida quantia alguma na dita verba por ser incobrável pelas razões expostas na mesma nota, e que em, quanto a consignar no mesmo orçamento como receita extraordinária e especial as verbas provenientes da subscripção para as obras da tribuna e altar-môr, nada se pôde porem quanto incluir no dito orçamento por isso ha so por em quanto diversas quantias subcriptas e não recebidas. Remeto pois V. Exma. o respectivo orçamento com as explicações exigidas, para os devidos effeitos. Deus guarde a V. Excia. Porto Secretaria 10 de Julho de 1902. O Prior (o) Barão de Vallado*[154]*."*

Deste modo, talvez podemos compreender porque foram realizadas subscripções particulares, desde 1903 até 1908, mencionados no *Livro de com que fim para que foram as Subscripções, donativos e quotas 1904-1906,* que menciona o nome dos benfeitores e as quantias para o fim das obras do altar-mor.

[152] CARDOSO, 1992, P. 540;
[153] AOT, *Copiador*, 1900, n.p.;
[154] AOT, *Copiador*, 1902, P. 21;

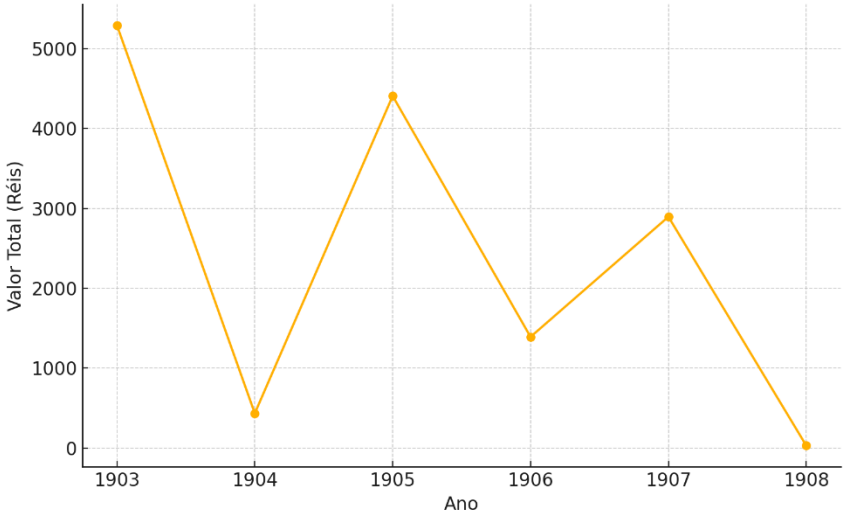



**Gráfico 1- Evolução das doações para a tribuna da capela-mor da Igreja da Santíssima Trindade entre 1903 e 1908.**

Fonte: Arquivo da Ordem da Trindade, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906,* P. 29 a 51;

# 5. Retábulo e tribuna da Capela-mor da Igreja da Santíssima Trindade

## 5.1. A tribuna da Capela-mor



**Figura 11- Retábulo da Igreja da Santíssima Trindade**

Os retábulos respondem a necessidades litúrgicas e estéticas de uma comunidade, refletindo as idiossincrasias da mesma: as características do local de implantação, no caso uma capela-mor, e por último atendem à natureza dos atos litúrgicos que aí se realizam, tendo assim uma funcionalidade[155]. Sobre o tema

[155] LAMEIRA, 2005, P. 9;

escreveram Domingos de Pinho Brandão[156], Natália Marinho Ferreira-Alves[157] e Francisco Lameira[158], entre outros.

Este retábulo, apresenta duas funções, uma função devocional e uma função eucarística[159]. A primeira, verificável pelo painel móvel que ocupa a boca da tribuna em certos momentos da época litúrgica. A segunda que afirma a devoção ao Santíssimo Sacramento – que à semelhança de outras ordens terceiras, que se afirmaram nas comunidades a partir do século XVII, no âmbito das reformas tridentinas, também passaram a usar o retábulo eucarístico — até então reservado a catedrais, igrejas monásticas e matrizes[160].

Irmandades e Confrarias, como a Ordem da Trindade desde a sua fundação, eram presididas por personalidades de alto estatuto social e de grandes recursos financeiros. Estavam por isso dotadas para realizaram a seleção das melhores encomendas, isto é, escolherem os melhores artistas e recorrerem aos melhores materiais. "Como demonstração da participação ativa da sociedade civil, refere-se que o maior número de retábulos mandados fazer no período em questão, deve-se à iniciativa das confrarias ou irmandades[161]". Não obstante, no retábulo em questão, financiado pela Ordem da Trindade, benfeitores particulares destacam-se devido às suas grandes doações que impulsionam a empreitada[162], como vemos em *apêndice*[163].

Para a realização do retábulo foi necessária a colaboração de diversos artistas. A capela-mor da Igreja da Santíssima Trindade foi desenhada pelo arquiteto José Geraldo da Silva Sardinha em 1900[164]. O arquiteto José Marques da Silva desenha a tribuna e retábulo. O empreiteiro que dirigiu a obra foi *Adolpho Marquez* – este foi o nome inicialmente indicado para o projeto[165], mas em 1903 vemos o nome do entalhador

---

[156] *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na diocese do Porto*, 1985;
[157] *A evolução da talha dourada no interior das igrejas portuenses,* 1993;
[158] *O Retábulo em Portugal. Das origens ao declínio*, 2005;
[159] LAMEIRA, 2005, P. 13 e 14;
[160] LAMEIRA, 2005, P.12;
[161] LAMEIRA, 2005; PP. 21 e 22;
[162] LAMEIRA, 2005, PP. 22 e 23;
[163]Ver "*Síntese de gastos e obras realizadas na tribuna da capela-mor consoante contabilidade da Ordem da Trindade*"
[164] AOT, *Actas das Comissão das Obras da Capella Mo*r, 1900;
[165] *Commercio do Porto*, 8 de fevereiro de 1902;

Zeferino José Pinto e Filho a liderar a empreitada até à sua conclusão[166]. O canteiro foi *Gomes Castello*[167], o pintor- dourador foi João Silveira Tavares. O autor do painel foi José de Brito[168]. Podemos destacar ainda outros artífices que podem ser distintos ou que podem estar concentrados na pessoa do entalhador, tal como o ensamblador, nome que desconhecemos.

O projeto do retábulo da Igreja da Santíssima Trindade foi selecionado em reunião da *Meza* Administrativa de 27 de fevereiro de 1901. De entre os projetos apresentados por três arquitetos portuenses convidados, a *Meza* demonstrou erudição na seleção - José Geraldo da Silva Sardinha, José Marques da Silva e Eduardo Alves[169]. Tendo em conta que todos os concorrentes foram estudantes da Academia de Belas Artes do Porto, identitários da estética *beaux-arts* portuense, questionamos quais os motivos que levaram à seleção do projeto de Marques da Silva. Cremos terem sido as particularidades do projeto e não a compensação pedida pelo arquiteto, como veremos mais tarde. Apesar desta incerteza, sabemos, contudo, da indiscutível vitória do projeto selecionado "(…) *a planta apresentada pelo architecto Snr. Jose Marques da Silva, a qual sendo previamente discutida foi approvada por unamidade* [sic]*, digo, unanimidade*[170]".

A execução do retábulo foi realizada em madeira, material amplamente utilizado por razões de praticidade, economia e tradição construtiva, recorrendo-se essencialmente a espécies locais. É prática corrente empregar diferentes qualidades de madeira consoante a sua função: as madeiras de maior qualidade, mais finas e sensíveis à modelação, foram destinadas às zonas escultóricas e de maior destaque — como os anjos do ático, esculpidos em cedro —, enquanto as madeiras de menor qualidade foram reservadas às partes ocultas ou estruturais, sendo, neste caso, empregue castanho seco (*castanea sativa*)[171] no interior do retábulo.

---

[166] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906;*
[167] *Commercio do Porto*, 8 de fevereiro de 1902;
[168] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906;*
[169] AOT, *Livro 2º das Resol. da Meza e Junta*, fol. 141;
[170] AOT, *Livro 2º das Resol. da Meza e Junta*, fol. 141;
[171] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902*,* n.p. (Ponto 29);

Como verificamos, o retábulo projetado por Marques da Silva apresenta duas formas de material - pedra (mármore) e madeira. Utiliza o mármore rosa embutido no embasamento – não apenas mármore em *trompe l`eil* – e madeira entalhada e dourada no corpo e ático. Como refere Francisco Lameira, em Portugal encontramos duas formas produtivas: uma forma mais tradicional, que usa a madeira dourada; e outra mais de acordo com as normas italianizantes e eruditas, com recurso à pedraria[172]. Assim, a conciliação da pedra com o douramento, demonstra da parte do arquiteto, um compromisso - respeitando a tradição, recorrendo a formas e estéticas ancoradas e divulgadas por outras ordens terceiras na cidade portuense e, simultaneamente, empregando uma estética erudita de gosto clássico.

Descobrimos na nossa investigação, que o douramento do retábulo ocorreu bastante depois da assemblagem do mesmo, pelas mãos do pintor-dourador João da Silveira Tavares apenas em 1932. Para pagar, o douramento a Ordem recorreu a uma subscrição iniciada a 8 de novembro 1929[173]. Conforme verificamos em *apêndice*[174], João da Silveira Tavares recebeu em dois pagamentos, um a 30 de abril de 1932 (no valor de 500 escudos) para preparação das madeiras, enceramento e envernizamento[175], e a 11 de maio de 1932 (7.125 escudos), para douramento e limpeza de imagens[176]. Um total de 7.625 escudos, representando quase metade do investimento da *Meza* na obra (46,52 %) [177], corroborando a importância desta fase da empreitada. Natália Marinho Ferreira-Alves chama a atenção acerca da função da talha dourada enquanto elemento da sedução do crente:

> "não desempenha um papel meramente decorativo mas, pelo contrário, constitui um processo original e convincente de tocar o Crente, levando-o, através do estímulo de mecanismos sensoriais, ao entendimento (e posterior adesão) dos princípios fundamentais da fé católica[178].

---

[172] LAMEIRA, 2005, P. 40 e 41;
[173] AOT, *Catálogo dos benfeitores das obras da 1861-1921,* P. 39*;*
[174] Ver quadro "*Síntese de gastos e obras realizadas na tribuna da capela-mor consoante contabilidade da OT*";
[175]AOT, [*Comprovativo de recebimento de pagamento passados pelo pintor-dourador João Silveira Tavares à Ordem da Trindade a 30 de abril de 1932]*, 1932;
[176]AOT, [*Comprovativo de recebimento de pagamento passados pelo pintor-dourador João Silveira Tavares à Ordem da Trindade a 11 de maio de 1932]*, 1932;
[177] Notemos o câmbio de réis para escudos em 1911, equivalendo 1 escudo a 1000 réis;
[178] FERREIRA-ALVES, 1993, P. 34;

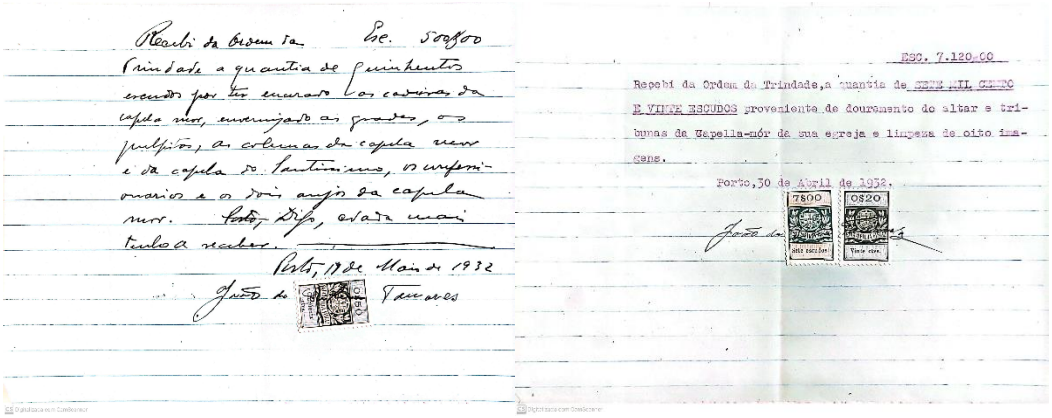


**Figura 12- Comprovativo de recebimentos por douração**

Fonte: Arquivo da Ordem da Trindade, [Comprovativo de recebimento de pagamento passados pelo pintor-dourador João Silveira Tavares à Ordem da Trindade a 30 de abril de 1932], 1932. [Comprovativo de recebimento de pagamento passados pelo pintor-dourador João Silveira Tavares à Ordem da Trindade a 11 de maio de 1932], 1932.

## 5.2. Análise morfológica do retábulo

O objeto de estudo é um retábulo com 3 tramos, sendo o tramo central mais alto e mais longo que os dois tramos laterais, a tipologia mais usual de retábulos. Assim, enquadramos na *terceira tipologia* retabulística em conformidade com a tese de Francisco Lameira em - *O retábulo em Portugal das origens ao declínio*[179], à qual recorremos para a execução desta leitura iconográfica e estilística.

No embasamento, parte do retábulo mais próxima do nível térreo, encontramos uma mesa de altar, esta não se projeta em corte transversal, isto poderá ter sido uma destruição pós Concílio Vaticano II, ocorrido em 1962. O embasamento em mármore rosa, trabalho de cantaria, apresenta duplo registo, sotobanco e banco, no banco apoia-se o corpo do retábulo. O sacrário, com grande destaque, situado ao nível do banco, é realçado pela sua microarquitectura com pilastra dórica e motivo de *Agnus Dei* e hóstia[180]- esta iconografia impulsionada pelas Ordens Terceiras desde o contexto

[179] LAMEIRA, 2005, P. 31;
[180] LAMEIRA, 2005, PP. 24 e 25;

tridentino, é a do Santíssimo Sacramento, destacam por isso, os símbolos da Eucaristia[181].

O corpo é de grande destaque na composição do retábulo, sobrepondo-se ao sotobanco, e definido pela ordem coríntia. É composto por duas colunas em cada tramo, sendo que a coluna mais próxima ao camarim se projeta em direção à nave.

O entablamento é composto pela arquitrave, friso e cornija, é contínuo, mesmo havendo camarim, sendo que o camarim é mais pequeno que a ordem arquitetónica. O camarim é profundo e aqui encontra-se o trono eucarístico.

O projeto prevê a presença de um trono eucarístico[182], com grande notoriedade. Este tem 7 degraus – para a oração do Lausperene, ou Oração das 40 horas, para a qual se coloca no mínimo 40 velas[183]- é ainda, encimado por uma peanha.

Este trono tem uma função na promoção e difusão da eucaristia valorizada como expressão suprema da presença verdadeira, real e substancial do Corpo e Sangue de Cristo, reafirmando-se o papel do Sacramento e para a procissão do Corpo de Deus[184].

O ático apresenta um tímpano curvo com arabescos entalhados em baixo-relevo e uma custódia ao centro. Este elemento é encimado por dois anjos de cada lado, uma grinalda, e ao centro a pedra de armas da Ordem, em policromia. A policromia resume-se às três cores com grande simbolismo para a Santíssima Trindade – vermelho, azul e branco- conforme trata Fausto Sanches Martins.

O fundo branco representa Deus Pai, omnipotente. O azul, Cristo, mais particularmente no ato da Paixão e Morte, e o vermelho o Espírito Santo, "conotado com o amor eterno[185]".

---

[181] LAMEIRA, 2005, P. 19;
[182] Sobre o mesmo dedicou-se o autor Fausto Martins em *Trono Eucarístico do Retábulo Barroco Português: Origem, Função, forma e Simbolismo;*
[183] LAMEIRA, 2005, P. 16;
[184] MARTINS, 1991, P. 30;
[185] MARTINS, 2005, P. 11;

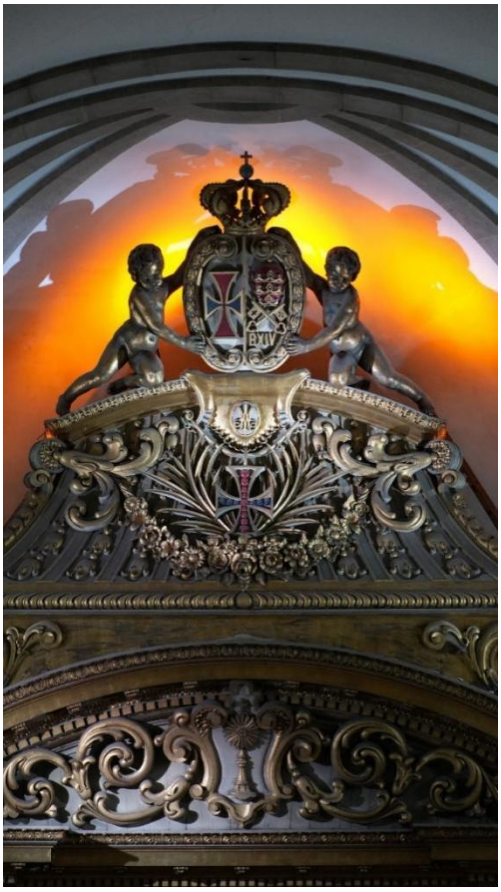


**Figura 13- Pormenor do ático do retábulo da Igreja da Santíssima Trindade, Porto**

### 5.2.1. Estudos do retábulo e tribuna da Igreja da Santíssima Trindade

Utilizamos como fonte, os documentos (estudos e manuscritos) que podem ser consultados com maior pormenor em *anexo*, e cujos originais se encontram no arquivo da FIMS.

A principal referência quer para o empreiteiro quer para a *Meza* Administrativa foi uma *maquette* de gesso, cujo paradeiro é incógnito, mas sabemos ter existido na posse da Ordem da Trindade pela referência feita em vários documentos (o *Contrato celebrado com o arquiteto*[186]*, o Caderno de Encargos, e a Empreitada de Cantaria em marmore).* Encontramos recibo de quitação datado de 27 de setembro de 1902 na

[186] AFIMS, *Contrato celebrado entre o Prior da Celestial Ordem Terceira da S.S. Trindade e o architecto José Marques da Silva;*

quantia de 115 $ 000 reis em nome de José Pinto Moreira com a descrição "*um modelo de tribuna da egreja da Santíssima Trindade*[187]*".*

No entanto na FIMS, encontramos três cortes da tribuna em suportes diferentes, que nos demonstram um processo criativo, aproximando-se paulatinamente do projeto construído.

O primeiro desenho, intitulado *[Alçado e planta da tribuna],* é o mais distante do objeto construído e também o projeto com recurso a tipo de traço mais seguro e linhas definidas. Pelo seu maior rigor técnico entre os demais, assim como a sua coerência com as alíneas descritas no *Caderno de Encargos*, acreditamos que este foi o desenho subjacente ao *Caderno de Encargos* redigido em 1902[188].

Este projeto recorre a tinta-da-china sobre tela e destaca-se pelo seu ornamento, grandiosidade e altar circular.

[187] AFIMS, [*Comprovativo de recebimento de pagamento passado por José Pinto Moreira ao arquiteto José Marques da Silva a 27 de setembro de 1902]*, 1902;
[188] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902;



**Figura 14- [Alçado e planta da tribuna], José Marques da Silva, [1901]**

Fonte: Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva

Apresenta colunas salomónicas com folhas de acanto, um nicho colocado no interior do camarim, onde deveria constar a imagem da Nossa Senhora dos Remédios – padroeira da Ordem[189], e sobretudo pelo ático distinto que se assemelha ao corte de uma cúpula bulbosa, onde constam dois anjos notáveis. Conforme *Caderno de Encargos*: "*devendo os anjos representar alegorias cujo assumpto lhe será dado*[190]". Por outro lado, muitas das noções do que se viria a construir já estavam definidas: a dupla coluna sobre pedestais, o camarim profundo com trono eucarístico, os anjos com a grinalda e brasão da Ordem.

[189] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902, n.p. (Ponto 23);
[190] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902, n.p. (Ponto 31);

O segundo estudo, *[Estudo do alçado e planta da tribuna],* em lápis e aguarela sobre papel, devido aos materiais selecionados, tem o traço mais difuso e impercetível.




**Figura 15- [Estudo do alçado e planta da tribuna], Marques da Silva, [1901]**

Fonte: Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva

Contudo, compreendemos a evolução, principalmente nas colunas, que são agora lisas e depuradas, retirou-se ainda o nicho do camarim, e verifica-se maior sobriedade no ático, com a arquitrave bem demarcada. Destacamos o entablamento bem definido que separa claramente o corpo do ático do retábulo - proposta que se mantém no projeto construído.

Por último, o *[Estudo do alçado principal],* na qual o arquiteto recorre aos materiais lápis e tinta-da-china sobre papel vegetal, demonstra bastantes mais semelhanças com a obra construída. O recurso a esta técnica mista permite ao arquiteto comunicar volumetrias, assim como o recurso à tinta-da-china permite-lhe intensificar graficamente áreas do desenho.



**Figura 16- [Estudo do alçado principal], José Marques da Silva, [1901].**

Fonte: [Estudo do alçado principal], José Marques da Silva, [1901]. Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva

Entre a obra construída e o *[Estudo do alçado principal],* destacam-se primeiramente, no desenho, a inexistência de um frontão curvo, que domina a obra construída. Destacamos ainda o entablamento marcadamente definido, que se reproduz na obra construída. Em contraste, o sacrário projetado, que no desenho assume um papel de destaque, revela-se quase impercetível na composição global quando observado *in loco*, por se encontrar integrado no embasamento. Por fim, no que diz respeito às proporções e à volumetria, enquanto o projeto de Marques da Silva valoriza a harmonia proporcional e a simetria do conjunto, a obra edificada apresenta um impacto visual mais acentuado e uma monumentalidade significativamente superior.

Em suma, o processo criativo caminha em direção à sobriedade de formas, corroborado pela preferência pela ordem dórica em detrimento das colunas

salomónicas e pelo altar retangular em vez do semicircular. Salientamos que estes estudos não permitem conhecer a forma como Marques da Silva pensou a integração espacial, sendo que apenas a curvatura da abóboda e a integração do altar são sugeridas no desenho, mas com pouca definição.

### 5.2.2. Análise do *Caderno de Encargos* e projeto

O *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos*, trata-se de um documento com 12 páginas em papel listrado, redigido a 24 de janeiro de 1902, e assinado pelo arquiteto, assim como dois representantes da Ordem, o Prior, à data o Barão de Vallado (Augusto Correia Pinto Tameirão), o tesoureiro António Fernandes de Souza, e por fim, o empreiteiro, *Adolpho Marquez*.

Este documento é redigido a tinta preta e organizado em 35 pontos, com pequenos pormenores e alterações realizadas por cima a grafite, sendo rubricado pelo arquiteto, tesoureiro e prior no topo de cada folha. Trata-se de um documento com enfoque técnico e de natureza contratual, detalhando as obrigações do empreiteiro, materiais e procedimentos técnicos, pagamentos, garantias e fiscalizações.

Adicionamos um quadro síntese tendo por base as fases construtivas conforme descrito na cláusula 10:

> "*A 1ª prestação corresponde ao assento e completo acabamento das quatro columnas e sua achitrave até à cornija; a 2ª compreende a cornija, cimalha, grinaldas e cherubins; a 3ª o escudo e anjos; a 4ª os imperiais e o pingente; a 5ª a construcção da arcada e embazamento e a 6ª o completo acabamento da obra*[191]"

[191] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902*,* n.p.;

| Fases da Obra | | | |
|---|---|---|---|
| **Etapa** | **Prestação** | **Sumário de Tarefas** | **Cláusulas** |
| 0 | Assinatura contrato e início obra | 1. assinatura contrato entre arquiteto, empreiteiro, Prior e tesoureiro<br>2. desmontagem da tribuna e altar, aproveitando-se materiais que ficam na posse da ordem<br>3. montagem de vedação para zona de trabalhos | 1 e 28 |
| 1 | Quatro colunas, arquitrave até à cornija | Criação das colunas, da sua arquitrave até à cornija em madeira de castanho | 10, 13, 14, 15, 17, 29 |
| 2 | Cornija, cimalha, grinalhas e querubins | 1. Criada uma estrutura metálica embutida<br>2. Decoração na parte superior do Cibório<br>3. Fixação com ferros e pintura das peças ornamentais<br>4. Criação e aprovação pelo arquiteto dos modelos em tamanho real | 10, 18, 19, 20, 30, 31 |
| 3 | Escudo e anjos | 1. Execução de elementos escultóricos do frontão<br>2. Estruturação com ferros e montagem | 10, 20 |
| 4 | Imperiais e o pingente | 1.Execução de elementos escultóricos do frontão e montagem<br>2. Estruturação com ferros e montagem | 10, 20 |
| 5 | Arcada e embasamento | 1. Enfase ao fundo da tribuna<br>2. ligação à sacristia<br>3. nichos, ornamentação,<br>4. Criação do painel móvel<br>5. Arcada | 21, 22, 23, 24, 25, 26 |
| 6 | Acabamento da obra | 1. Degraus da tribuna (elementos funcionais)<br>2. Montagem do altar novo em madeira de castanho<br>3. Visturia do trabalho pelo arquiteto e aceitação pela *Meza* | 27, 32 |

**Tabela 1- Fases da obra construtiva conforme *Caderno de Encargos***

Fonte: *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902. Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva

O primeiro passo na obra seria desmontar a capela-mor anterior, preservando e aproveitando os materiais que ficariam na posse da Ordem até terminar a nova.

Compreendemos também, nos pontos 5 e 7, a urgência do início dos trabalhos: O ponto 5 é corrigido de "*O empreiteiro começará os trabalhos logo que lhe seja dada ordem.*[192]" para "O *empreiteiro começará os trabalhos immmediatamente*.[193]" No ponto 7, a urgência das obras é reiterada sendo o mesmo corrigido de *"Os trabalhos serão*

[192] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902*,* n.p. (Ponto 5);
[193] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902*,* n.p.*;*

*feitos com a necessária rapidez (…)*[194]"para *"máxima rapidez"*. A obra deveria estar terminada no prazo de dois anos após a assinatura de contrato- *Caderno de Encargos.* Destacamos *"o prazo irrevogavel para a completa execução de toda a empreitada; e, caso o empreiteiro não a entregue no dia fixado pagará de multa a quantia de 16$000 reis por cada semana de atrazo, devendo a importancia total das multas ser deduzida ao deposito de garantia, ou, diminuida ao pagamento a affectuar*[195]".

Para garantia da boa execução da obra foi efetuado um depósito de 100$000 reis conforme expresso no ponto 8 para *"garantia de plena execução do contrato*[196]".

Prevê-se a utilização da madeira de castanho seco "*da melhor qualidade*[197]", sendo que as esculturas dos anjos e querubins serão de cedro – ponto 29[198]. As peças de madeira deviam ser sempre ligadas por enssamblagem com esmero, e nunca pregadas ou aparafusadas – ponto 17[199].

No ponto 26 percebemos que já se previa a instalação do painel móvel, com uma "*abertura que permita descer e subir o painel, que terá a instalação precisa para a sua colocação e funcionamento*[200]", que "*será devidamente estudado de forma a ficar bem*". Por sua vez, José de Brito apenas inicia a pintura do painel de "*O Batismo de Cristo*" em 1905[201], sendo pago em 8 fases, e saldado para término de contrato a 3 de maio de 1907[202], com a soma total de 800$000 reis.

---

[194] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902*,* n.p. (Ponto 7);
[195] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902*, n.p.* (Ponto 7);
[196] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902*,* n.p. (Ponto 8);
[197] AFIMS., *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902, n.p. (Ponto 29);
[198] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902*,* n.p. (Ponto 29);
[199] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902*,* n.p.(Ponto 17);
[200] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902*,* n.p. (Ponto 26);
[201] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*, P. 37;
[202] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*, P. 51;

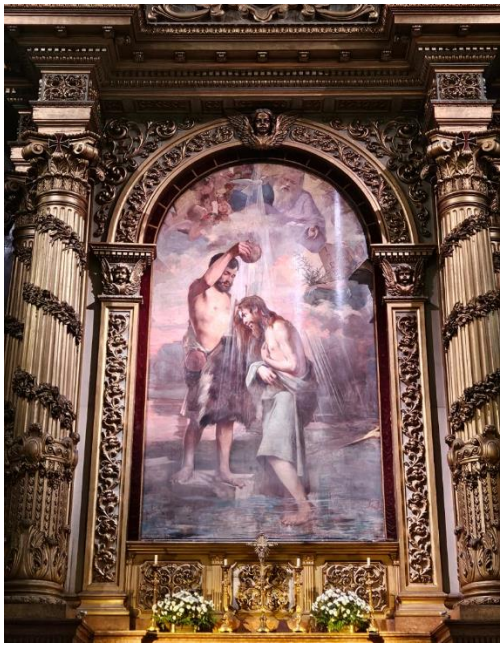


**Figura 17 - *O Batismo de Cristo*, José de Brito**

Ao longo do documento sabemos que os elementos de referência do projeto, quer para o empreiteiro – *Adolpho Marquez* – quer para a *Meza* foram os desenhos, principalmente um desenho aguarelado, mas sobretudo uma maquete em gesso, que conforme o ponto 30 é encomendada construir "*o empreiteiro deverá fazer em tamanho natural devendo apresentalos ao architecto para a sua aprovação prévia*[203]".

No ponto 31, é mencionado que para a realização das esculturas da tribuna é inicialmente proposto o nome de António Fernandes de Sá, sendo corrigido no *Caderno* para António Alves Pinto, filho de Zeferino José Pinto, que concretiza a encomenda. Os anjos que estariam no ático, deviam representar alegorias, no projeto inicial[204].

### 5.2.3. Análise do documento "*Empreitada de Cantaria em marmore*"

Para a análise da configuração e pavimento do altar, banco e sotobanco, recorremos não apenas ao objeto de estudo, mas também ao projeto proposto por

[203] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902*,* n.p. (Ponto 30);
[204] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902*,* n.p. (Ponto 31);

Marques da Silva, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore*.

Este outro documento, em formato de rascunho, especifica o processo de entrega de proposta para aquisição de materiais, o seu pagamento, os materiais a serem utilizados e detalhes da sua aplicação técnica. Inclui ainda, prazos para a concretização da obra assim como respetivas coimas em caso de infração dos mesmos, e formas de proteção como depósitos de garantia[205].

A pedra, utilizada foi mármore nacional de cor rosada ou encarnada "*o mais decorativa possível*[206]".

O documento *Empreitada de Cantaria em marmore* menciona, ainda, no ponto 6, de uma proposta que não foi concretizada, no projeto construído:

> "*As partes voltadas ao exterior de todos os lados aparentes, sejam lizos, molduras, ou ornamentos, serão polidas a esmeril, havendo no corpo do pedestal pelo lado da nave uma almofada com placa de marmore de cor esverdeada de Italia*[207]".

Quanto ao material não visível recorreu-se ao granito. No exterior, as placas de mármore foram ligadas com ganchos de metal chumbados, sendo a espessura do mármore de 0,20 m no corpo[208]. O assentamento do mármore seria realizado com cimento Portland, sendo que entre a base dos pedestais e o mármore haveria uma base de asfalto isoladora[209].

O documento verifica a precisão e atenção ao detalhe que o arquiteto demonstra ao longo do processo, com várias alíneas prevendo todas as possíveis situações e exigindo, descarte de qualquer pedra que demonstrasse imperfeição, incoerência, e o apresentar de uma amostra exata da pedra que se utilizaria na tribuna – ponto 4 e 5[210].

No ponto 11, prevê-se que os degraus, conforme a forma indicada em planta, apenas seriam assentes quando a obra de madeira fosse concluída, e só depois os

---

[205] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore*
[206] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p. (Ponto 4);
[207] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore;*
[208] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p. (Ponto 7)*;*
[209] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p.(Ponto 8)*;*
[210] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p. (Ponto 4 e 5)*;*

pedestais[211]. Esta informação é de importância pois permite-nos compreender qual o grau de completude do projeto projetado pelo arquiteto. Compreendemos, pelo ponto 12, os degraus são de mármore rosa nacional de formato arredondado com enchimento de granito, a altura de 0,16 m e 0,33 de largura, com exceção do último degrau, com 0,40 de largura[212]. No ponto 13, por sua vez, o arquiteto descreve o procedimento de acabamento, com o brunimento a pedra lustrada e a "*aguarroz"* e o modo em que as juntas deviam ser colocadas, conforme enunciado em desenho. Tudo isto, de acordo a aparência de *in loco.* A constatação desta conformidade convoca-nos a ideia que esta etapa será a *etapa 6,* conforme tabela *Fases da obra construtiva,* conforme *Caderno de Encargos* e consequentemente*,* que se respeitou o projeto de Marques da Silva até esta etapa.

Em suma, relativamente à escolha de materiais, recorre simultaneamente a materiais modernos e industriais, pela sua acessibilidade económica e funcionalidade. Dos industriais destacamos "*argamassa de cimento Portland*[213]", os "*gatos de metal chumbados*[214]", "*a capa de asfalto isoladora*[215]" e "a *pedra britada devidamente argamassada a cal hidráulica e saibro áspero*[216]". Dos materiais nobres, destacam-se mármore nacional rosado "*Luoiz"*[217], aplicado nos pedestais, nos degraus do altar e nos ladrilhos do pavimento e o mármore verde italiano[218], numa almofada do pedestal. Estes eram ao gosto da encomenda e de valor decorativo.

No ponto 16, começam a transparecer indícios as nuances de um desconforto entre a Ordem e Marques da Silva, passamos a transcrever*:*

> "*Os trabalhos serão feitos com a necessará apportunidade devendo os pedestaes estarem promptos e assentes no prazo maximo de 4 mezes e a restante obra ao mesmo tempo que a empreitada de carpinteria e talha, isto é no prazo maximo de 2 annos a partir da*

[211] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p. (Ponto 11);
[212] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p. (Ponto 12);
[213] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p. (Ponto 8*);*
[214] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p. (Ponto 7)*;*
[215] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p.*(*Ponto 8)*;*
[216] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p. *(*Ponto 15);
[217] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p;
[218] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore*, n.p.(Ponto 6);

*assignatura do contracto e caso assim não seja ser-lhe-há fixada uma multa de 15000 reis por cada semana de atrazo, cuja soma final lhe será descontada ao valor dos decimos e deposito.*[219]"

A partir do ponto 17 inclusive, existe uma inconsistência no desenvolvimento do planeamento, inconformidades na execução da obra e falhas no plano financeiro da mesma. No ponto 17, Marques da Silva escreve "*Falta o valor dos decimos e deposito*[220]". Verifica-se, igualmente, uma descontinuidade no documento entre os pontos 19 e 31.

A última folha está extremamente rasurada e aponta os pontos 31 a 33 e também o 2 com anotações por cima "*Falha*" – Falha com apontamentos "*pedra*" e "*empreitada*":

*"2ª No acto da entrega das propostas deverá cada concorrente depositar na secretaria da ordem, a quantia de 30$000 reis para garantia da execução do contracto e cumprimento final da obra, podendo na hippothese contratia serverter esta importancia a favor do fundo das obras.*

*Falha*

*32ª, O empreiteiro deverá sujeitar-se a qualquer alteração de talha para expanção da maquette, ou durante o decorrer dos trabalhos o architecto julgue necessária em virtude do effeito definitivo, ou da situação particular da construcção sem que tal alteração possa modificar a essência do projecto.*

*Falha*

*31ª Os trabalhos deverão ser feitos com a necessária rapidez sendo de 4 mezes o prazao fixado para terminar a obra relativa a cada prestação e de 2 annos a partir do dia da assignatura do contracto, o prazo irrevogável para a completa execução de toda a empreitada: e caso o empreiteiro não a entregue no dia fixado pagara de multa a quantia de 16 000 reis por cada semana de atrazo, cuja soma final lhe será (…)*[221]"

Esta transcrição atesta alguns pontos de tensão de José Marques da Silva e os fazedores da obra, atrasos na obra e querelas com o empreiteiro.

[219] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p.(Ponto 16);
[220] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p. (Ponto 17);
[221] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p.;

Verificamos que a obra se prolongou para além do expectado, o empreiteiro parece não ter aceitado as alterações ocorridas no plano projetado[222], e para além disso escasseou-se o fundo de garantia da obra de pedreiro[223].

A obra de mármore foi extremamente dispendiosa, sendo comprada à empresa gerida pelo pai do arquiteto – Bernardo Marques da Silva – e custou 1.400$000 réis, representado 8, 55% da despesa descrita no documento *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*. Foi pago na fase final dos trabalhos, em três fases, dezembro de 1906, junho 1907 e saldado para fim de obras em 1908[224], com um depósito de *José Pacheco Castêllo*, como podemos ver em *apêndice*[225]. Este depósito, conforme ponto 2, salientado pelo arquiteto na última página da *Empreitada de cantaria em mámore*, foi constituído em garantia da boa execução da obra inicialmente adjudicada a *Gomes Castello*[226], que reverteu a favor do fundo da obra por incumprimento.

### 5.2.4. Análise do documento "*Contrato celebrado entre o Prior da Celestial da Ordem Terceira da S.S. Trindade e o architecto José Marques da Silva*"

No AFIMS encontra-se um documento não datado e bastante rasurado, que não apresenta a assinatura de nenhum dos intervenientes mencionados no *Caderno de Encargos*. Este documento não tendo carácter legal tem como título *Contrato celebrado entre o Prior da Celestial da Ordem Terceira da S.S. Trindade e o architecto José Marques da Silva*[227].

---

[222] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p. (Ponto 32);
[223] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p.;
[224] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*, PP. 49 e 51;
[225] Ver quadro "*Síntese de gastos e obras realizadas na tribuna da capela-mor consoante contabilidade da OT*";
[226] Consideramos que *José Pacheco Castêllo*, que consta em *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*, P. 51; e *Gomes Castello*, mencionado como o "*A Meza d`esta Ordem acaba de fazer a adjudicação da construção do altar-mór da sua igreja (…) a cantaria em mamore ao conceituado artista snr. Gomes Castello, dando cada um d`elles já comêço aos seus respetivos trabalhos*." em *Commercio do Porto*, a 8 de fevereiro de 1902, são o mesmo indivíduo.
[227] AFIMS, *Contrato celebrado entre o Prior da Celestial Ordem Terceira da S.S. Trindade e o architecto José Marques da Silva;*

A sua aparência de rascunho, com numerosas rasuras, e o uso da forma passiva do pretérito perfeito — com expressões como "*Pelo mesmo Snr Prior foi dito*" e "*Pelo architecto foi dito que, tendo sido encarregado em 1900 pela elaboração do projeto*" — sugerem tratar-se apenas de uma anotação ou memória de um contrato apalavrado um indivíduo. De notar ainda a referência ao ano de 1900 que é incorreta, dado que o projeto foi aprovado em *Meza* de 1901.

Este documento enfatiza em grande parte, a forma como devem ser pagos os honorários (cláusulas 2.ª e 3ª) as funções do arquiteto (cláusula 4.ª), os pagamentos (5ª) e por fim, formas de rompimento da relação contratual, por dispensa do arquiteto, (6ª.) ou por desistência do mesmo (7ª.)

Dada a importância desta fonte no enquadramento da relação contratual entre a Ordem e o arquiteto, optamos por transcrever integralmente, complementando com comentários ou inferências quando pertinentes:

> "*Contrato celebrado entre o Prior da Celestial Ordem Terceira da S.S. Trindade e o architecto José Marques da Silva*
>
> *Aos de compareceram na secretaria da Celestial Ordem Terceira da S S. Trindade o Snr Prior e o architecto José Marques da Silva, achando-se tambem presentes os Sres que servem de testemunhas.*
>
> *Pelo mesmo Snr. Prior foi dito que tem plenos poderes para contractar com o architecto Snr. Jose Marques da Silva, a elaboração do projecto a direcção e fiscalização de trabalhos para execução da Tribuna, que deve erigir-se na Capela Môr da Igreja da Ordem d`accordo com o projecto approvado em reunião de Mezas e representado na maquette em gêsso de posse da Ordem; não devendo este contracto em nada restringir as deliberações da meza da Ordem de de na parte que se refere ás atribuições e honorarios do referido Snr. Architecto.*
>
> *Pelo architecto foi dito que tendo sido encarregado em 1900 da elaboração do projecto d`esde essa dada que leal e dedicadamente tem prestado os seus serviços profissionais para levar a bom termo a construção da Tribuna-mor da Ordem e que continuará a empregar os seus melhores esforços para dar á execução definitiva, a melhor possível interpretação d`arte[228]".*

[228] AFIMS, *Contrato celebrado entre o Prior da Celestial Ordem Terceira da S.S. Trindade e o architecto José Marques da Silva,* n.p.;

Neste excerto, correspondente à primeira página, consta uma informação vital - o arquiteto deixa a construção de forma à sua melhor possível interpretação e execução, passando o testemunho da empreitada de forma diligente. Este documento tem um carácter defensivo da boa conduta profissional de Marques da Silva e reitera os pontos acordados em contrato celebrado em 1901. Fala-nos também da existência de um modelo em gesso (já vastamente mencionado) cuja Ordem da Trindade teria posse.

*"Entre ambas as partes foram estabelecidas as seguintes condições:*

*Primeira*

*O presente contracto refere-se a todos os trabalhos, ou obras já feitas e que têm de fazer-se para a completa execução de toda a tribuna partes componentes e acessórias compreendendo pintura e douramento.*

*Segunda*

*O architecto Marques da Silva receberá d`honorarios a importancia de seis por cento sobre todas as despezas que se tenham feito ou hajam a fazer-se para a realização da obra.*

*Terceira*

*A percentagem total de 6% e subdividida parcelarmente da seguinte forma: elaboração do projeto, trez por cento, redação de cadernos de encargos e condições d`arrematação um por cento, detalhes e direção dos trabalhos dois por cento.*

*Quarta*

*O architecto fornecerá aos empreiteiros desenhos detalhados do projecto, para a execução definitiva, dirgirá e fiscalizará as obras com zelo a actividade.*

*Quinta*

*O primeiro pagamento de honrarios já feito é de 200$000 reis, os demais serão feitos ao mesmo tempo, que aos empreiteiros se façam pagamentos, e consistirão na percentagem de 6% sobre a importancia d`esses pagamentos.*

*Sexta*

*O architecto não será dispensado dos seus serviços, senão quando uma comissão de trez architectos julgar ser por um desleixo como erros graves na construcção. Em outro qualquer caso não poderá ser dispensado, e caso o seja ser-lhe-ha pago os honorarios como se estivesse naturalmente à testa dos trabalhos.*

*Setima*

*Caso circustancias estranhas á vontade do architecto não lhe permittam desempenhar cabalmente a sua missão, terá a faculdade de abandonar a direcção dos trabalhos, previndo a Meza com a antecipação d´um mez e devendo ser os seus honorarios*

*anulados d`accordo com a subdivisão da percentagem trasada na condição terceira, para efeito da sua aplicação aos trabalhos apresentados*[229]*."*

As clausulas do contrato relembradas no documento, retomam as particularidades da encomenda a Marques da Silva tratando-se não apenas da tribuna da capela-mor, mas também de todos os seus acessórios, assim como obras complementares, douramento e pintura.

O pagamento ao arquiteto de honorários era de 6 por cento sob todas as despesas que ocorressem durante a obra, sendo que o arquiteto não devia ser dispensado da sua função a não ser que se verificassem *"erros graves na construção*[230]". No ponto 7, salienta-se a possibilidade de o arquiteto sair sem mazelas financeiras do contrato, se "*circustâncias estranhas à vontade do architecto não lhe permitam desempenhar cabalmente a sua missão*[231]", o seu pagamento não deveria ficar prejudicado.

No entanto, devemos relembrar o ponto 12 do *Caderno de encargos*

*"No cazo da rescisão do contracto o adjudicatario perderá a favor do fundo das obras, da tribuna a importancia correspondente ao deposito e mais 10% do valor das obras que tiver exectudado que sejam dignas de ser aceites pela Meza da Celestial Ordem T. da S. S. T. Nenhuma indeminização será paga ao adjudicatario seja qual fôr o fundamento ou pretexto por elle allegado para justifical-a*[232]*".*

O desfecho do processo contratual permanece incógnito, mas a investigação leva-nos a apresentar algumas propostas.

---

[229] AFMS, *Contrato celebrado entre o Prior da Celestial da Ordem Terceira da S.S. Trindade e o architecto José Marques da Silva*;
[230] AFMS, *Contrato celebrado entre o Prior da Celestial da Ordem Terceira da S.S. Trindade e o architecto José Marques da Silva,* n. p.*, (*Ponto 6);
[231] AFMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902, n.p., (Ponto 7);
[232] AFMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902, n.p.;

## 5.3. Análise de correspondência entre Marques da Silva e *Meza* e rompimento de relação contratual

O estudo do processo de encomenda e a troca de correspondência entre o arquiteto Marques da Silva e a Ordem da Trindade na pessoa do Prior- Manoel Rauca da Costa, foi facilitado pela documentação presente na Fundação Instituto Marques da Silva. Encontramos 3 cartas entre Marques da Silva e o Prior, com um espaçamento, de sensivelmente um mês, todas elas do ano de 1904.

A primeira carta, de 4 de janeiro de 1904, e revela-nos algo inédito: o arquiteto coloca à disposição da *Meza* a sua continuidade na direção dos trabalhos:

> *"(…) venho como consequência fatal da desconfiança que sobre a minha obra se levantou de pôr nas mãos de V. Exc.ª muito respeitosa e humildemente o encargo de dirigir a construção da Tribuna da Cappela mór da Egreja da Celestial Ordem Terceira da SS. Trindade*[233]*."*

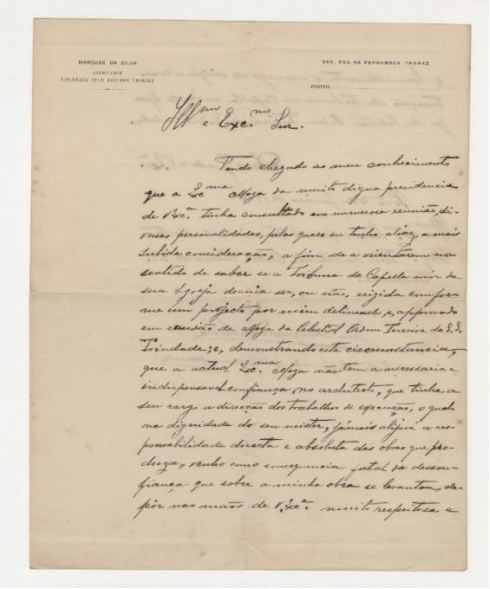


**Figura 18 - Carta de José Marques da Silva ao Prior da Ordem da Trindade, 4 de janeiro de 1904**

Fonte: Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva.

[233] AFIMS, *[Carta dirigida pelo arquiteto José Marques da Silva à Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva],* 4 de janeiro de 1904;

A Ordem havia reunido com outros especialistas, cujo nomes desconhecemos, sem o prévio consentimento de Marques da Silva. Esta situação foi o mote usado por José Marques da Silva para a interpelação mencionada.

"*IIM. Exc.mo Snr.*

*Tendo chegado ao meu conhecimento que o Exc.ma. Meza da muito digna providencia de V. Exc.ª Tinha consultado em numerosa reunião diversas personalidades, pelas quais tenho aliaz a mais subida consideração, a fim de a orientarem no sentido de saber se a Tribuna da Capela mór da sua Egreja deveria ser, ou não, confome um projeto por mim delineado, e aprovado em reunião de Meza da Celestial Ordem Terceira da S.S. Trindade; e, demonstrando esta circustancia, que a actual Ex.ma Meza não tem a necessária e indispensavel confiança no architecto, que tinha a cargo a direção dos trabalhos de execução, o qual na dignidade do seu mister, jamais alijará a responsabilidade directa e absoluta das obras que produza, venho como consequencia fatal da desconfiança que cobre a minha obra se levantou de pôr nas mãos de V. Ex.ª muito respeitosa e humildemente o encargo de dirigir a construção da Tribuna-môr da Egreja da Tribuna da Capella môr da Egreja da Celestial Ordem Terceira da SS. Trindade*[234]*."*

A resposta do Prior ao arquiteto data de 3 de fevereiro de 1904. Permite inferir pela apresentação de novo desenho, uma "solução" para o altar da capela-mor[235], a qual a *Meza* não tem capacidade de avaliar. No mesmo ofício, o Prior Manoel Roel da Costa enaltece as qualidades artísticas do arquiteto, apela à sua relação emocional com a Ordem, e, apesar da escassez de meios financeiros, dá conta do desejo da *Meza* e dos benfeitores de que a responsabilidade da obra permaneça na mão do arquiteto, pedindo ao arquiteto que dite o seu preço.

"*Illmo. Exmo. Snr.*

*A Mesa da Ordem da S.S. Trindade, a que tenho a honra de presidir, recebeu a desenho para o altar da capella mor e o officio de V. Ex.ª.*

*Acha a Mesa que o desenho por V. Ex.ª apresentado será uma solução que não tem competencia de avaliar, mas que conciliará, salva qualquer modificação os seus desejos.*

*Quanto ao officio de V. Ex.ª pensa a Mesa que embora os mesmos affaseres de V. Exª., mesmo assim poderá dispensar a esta Ordem que tem a honra de o ter como alunno nos seus*

[234] AFIMS, *[Carta dirigida pelo arquiteto José Marques da Silva à Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva],* 4 de janeiro de 1904;
[235] AFIMS, *[Carta dirigida pelo arquiteto José Marques da Silva à Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva],* 4 de janeiro de 1904;

*princípios litterarios, ser merecedora de que lhe presente os seus recursos artísticos alias reconhecidos por todo o país e que a Mesa tem na mais subida consideração.*

*Sendo porem que V. Exª subsiste na sua recusa a prestar os seus serviços a esta Ordem que bem necessita d`elles, ousamos pedir-lhe se digne de novo offciar-nos para nos sertificiar da sua resolução, pois que sendo urgentíssimo levar a effeito os desejos dos benfeitores que contribuem para esta obra, precisamos immediatamente resolver este momentero assumpto.*

*Conhece V. Exª que a Ordem é pobríssima, para bem pagar a quem lhe presta serviços, mas assim mesmo não querem os seus administradores que seja quem for preste os seus serviços gratuitamente á nossa Ordem, e assim pede a V. Exª se digne arbitrár qual agratificação pelo seu trabalho.*

*Deus guarde a V. Exª*

*Porto e Secretraria da Celestial Ordem 3ª. da S.S. Trindade 3 de Fevereiro de 1904*

*Illmo. Exmo. Snr. José Marques da Silva*

*O Prior*

*Manoel Raul da Costa*[236]*"*

Manoel Raul da Costa, no corpo da carta, não obstante, dá conhecimento da situação económica da Ordem da Trindade "*a Ordem é pobrissima, para bem pagar a quem lhe presta serviços*[237]*"* e apela à sua amizade, relembrando os estudos do arquiteto no Liceu da instituição, não querendo contudo, ter a ousadia de pedir um trabalho gratuito, "*mas assim mesmo não querem os seus administradores que seja quem for preste os seus serviços gratuitamente*[238]*"*.

O desfecho desta troca não é feliz. Na carta de 14 de março, a Ordem informa que a 8 de março foi colocado em *Meza* o pedido da sua primeira carta e envia os seus sentimentos pelo desfecho aceitando, contudo, o término da relação contratual "*pelos motivos que V. Ex. alega no referido officio*[239]*"*, procura, contudo, "*os oferecimentos de*

[236] AFIMS, *[Carta dirigida pela Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva],* 3 de fevereiro de 1904;

[237] AFIMS, *[Carta dirigida pelo arquiteto José Marques da Silva à Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva],* 3 de fevereiro de 1904;

[238] AFIMS, *[Carta dirigida pela Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva],* 3 de fevereiro de 1904;

[239] AFIMS, *[Carta dirigida pela Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva],* 14 de março de 1904;

*V Exª para esclarecer ou apreciar, qualquer trabalho para melhor solução de este assumpto que tanta importância liga*[240]*.*"

### 5.3.1. Decisões da *Meza* e constrangimentos na obra da Capela-mor

Em fevereiro de 1901 é iniciado o concurso para a tribuna da capela-mor da Igreja da Santíssima Trindade, ao qual concorrem os artistas: José Geraldo Sardinha, Eduardo Alves e José Marques da Silva[241].

A tribuna é uma componente da capela-mor. O projeto da capela-mor havia sido previamente concretizado, pelo professor do curso de arquitetura civil da Academia de Belas Artes do Porto – José Geraldo da Silva Sardinha. A relação da *Meza* Administrativa com este arquiteto, e previamente com o seu pai e avó, era de grande confiança[242].

A obra da tribuna da igreja da Ordem Terceira da Santíssima Trindade quer-se com a maior celeridade possível, a evidência deste facto já foi referida previamente em análise *Caderno de Encargos*[243]. Não obstante, a *Meza* Administrativa demonstrou incapacidade de cumprir as suas obrigações contratuais com José Marques da Silva e reúne com outros profissionais. Não sabemos quem esteve presente nessa reunião, sabemos sim, que o arquiteto teve conhecimento da mesma, o que se atesta na carta de 4 de janeiro de 1904, na qual refere "*diversas personalidades, pelas quais tenho aliaz a mais subida consideração*[244]". Este era o *modus operandi* da *Meza a priori*.

A carta transcrita comprova como a opinião profissional era, de facto, terceirizada em assuntos relativos à mesma empreitada. A carta é datada de 25 de novembro de 1901, direcionada a um carpinteiro e entalhador e constata a preocupação da Ordem com o trabalho do altar-mor da Igreja. Demonstra ainda a confiança e os tipos

---

[240] AFIMS, *[Carta dirigida pela Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva],* 14 de março de 1904;
[241] AOT, *Livro 2º das Resol. da Meza e Junta*, fol. 141;
[242] AOT*, Livro 1º das Rezol. de Meza e Junta,* fols. 168-168 v.;
[243] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902*,* n.p. (Ponto 7);
[244]AFIMS, *[Carta dirigida pelo arquiteto José Marques da Silva à Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva],* 4 de fevereiro de 1904;

de diagnóstico que eram solicitados a José Geraldo da Silva Sardinha, segue a transcrição da mencionada:

"*Ill.mo. Snr.*

*A Meza d´ esta Celestial Ordem resolveu na sua sessão de 22 do corrente, que eu, na qualidade de Secretario da mesma Ordem, officiasse a V.sa participando-lhe que era conveniente que V.sa nos informasse quaes as obras de talha e carpintaria que tinha executado ou mandado executar semelhantes as do altar-mor que esta Ordem há annunciado para a sua igreja, que tinha consultado o Architecto Snr. Sardinha, visto Vsa, o ter indigitado como conhecedor das suas obras, porem aquelle bem disse que não tinha conhecimento d`obra alguma executada por Vsa em vista do que nada poderá informar sobre tal assumpto. A vista disto cumpre-me participar a Vsa a deliberação da Mesa sobre tal assumpto, e pedindo ao mesmo tempo para que Vs nos indique quaes quer obras suas a fim de nos poder-mos orientar sobre a sua execução, porque sendo a obra em questão muito importante, não quer a Mesa sujeitar-se a adjudica-la definitivamente sem ter a convicção que será executada como ella merece, não quer isto dizer que Vsa. não esteja no caso de a executar, mas a nós como administradores responsáveis d`esta Ordem compete-nos averiguar sobre as aptidões dos artistas que tenham dado provas da execução das suas obras.*

*Tambem estou encarregado pela Mesa de lembrar a Vsa a apresentação da Maquette conforme está espessificado no art.º 28 dos encargos da mesma obra. A vista do esposto Vsa. se dignará responder o que lhe aprouver sobre tal assumpto.*

*Deus Guarde a Vossa Exca.*

*Porto Secretaria 25 de Novembro de 1901*

*Illmo Snr Alberto de Sousa Ruiz*

*O secretário Manoel Cardoso Lopes*[245]"

Mencionamos previamente que tal como refere o provedor Barão de Vallado, referente ao ano económico de 1902-1903, que a Ordem se encontrava já num estado economicamente frágil, dependente de subcripções, de "receita extraordinária"[246].

O documento que se segue para acompanhar os gastos e a entrada de doações é *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906.* Este livro é apenas iniciado a 1 de julho de 1903 e demonstra, a preocupação com o

[245] AOT, *Copiador,* 1901, P. 13;
[246] AOT, *Copiador,* 1901, P. 21;

controlo maior da contabilidade da empreitada, havendo duas formas de receita extraordinária, subscripções e juros, esmolas e multas[247].

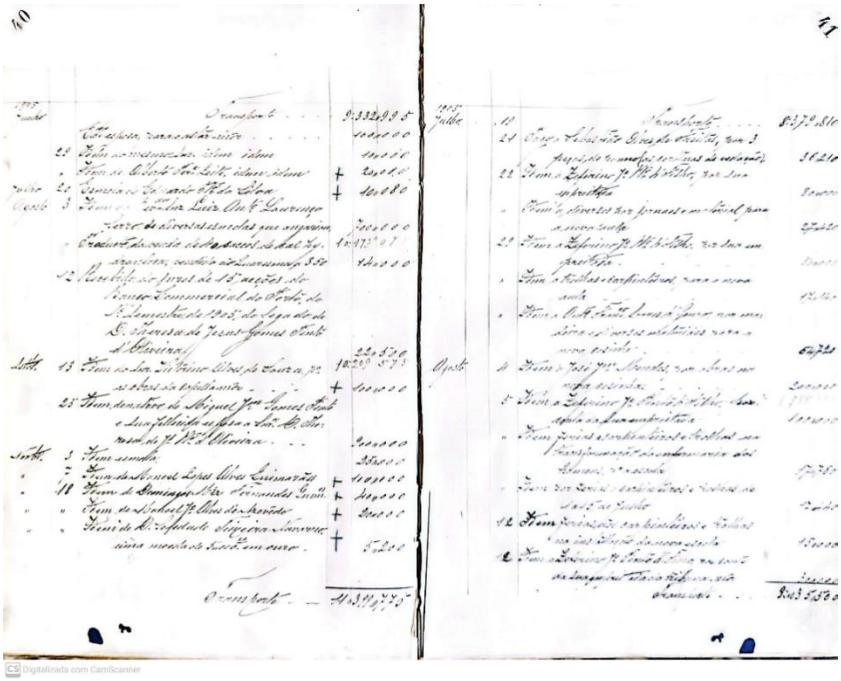


**Figura 19- Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906**

Fonte: Arquivo da Ordem da Trindade, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*

## 5.4. Rutura ou continuidade? Marques da Silva e a seus sucessores na obra da capela-mor: proposta e análise crítica do ocorrido

Procuramos compreender, a partir do cruzamento de toda as fontes a que tivemos acesso na AOT e na AFIMS, o processo de decisão e contratação da obra e o papel do arquiteto Marques da Silva na mesma.

A 27 de fevereiro de 1901 é aprovada pela *Meza,* por unanimidade a proposta para o retábulo da Igreja da Santíssima Trindade de Marques da Silva diante três

[247] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*, P. 28;

propostas apresentadas[248]. Em 24 de janeiro de 1902, é assinado o *Caderno de Encargos* entre representantes da Ordem, José Marques da Silva e *Adolpho Marquez*[249]. Em 8 de fevereiro de 1902, *O Commercio do Porto* informa sobre a adjudicação da obra, com a participação de *Adolpho Marquez* na qualidade de empreiteiro, carpintaria e talha, *Gomes Castello* na cantaria de mármore e Marques da Silva arquiteto e responsável e direção da fiscalização da obra[250].

O *Caderno Encargos* é exaustivo quanto às obras a executar, prazos de execução, depósitos de garantias a realizar pelos adjudicatários, e à forma e sequência de pagamento relativo às obras executadas.

Não obstante a fluidez que se percebe nesta sequência de etapas, há documentos posteriores que revelam problemas no seu cumprimento. Acreditamos que o documento mais esclarecedor para compreender o motivo de tensão entre os intervenientes da obra e Marques da Silva, é a *Empreitada de Cantaria em Mármore*, particularmente na última página onde são enumeradas as falhas que ocorreram ao longo da obra[251]. Acreditamos que a querela com o empreiteiro existiu, havendo prolongamento das obras. Relembremos que inicialmente é escolhido *Aldopho Marquez*, este é o nome publicitado no artigo do *Commercio do Porto*[252] e que assina no *Caderno de Encargos*[253], para liderar a empreitada, e quem a termina não é o mesmo[254]. Em acréscimo, também existiram falhas no trabalho de pedreiro[255], tendo ocorrido substituição do mesmo[256].

As evidências desta tensão entre Marques da Silva e a Ordem, cujo mote foi a reunião com diversas personalidades, está documentada na correspondência e

---

[248] AOT, *Livro 2º das Resol. da Meza e Junta*, fol. 141;
[249] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902;
[250] *Commercio do Porto*, 8 de fevereiro de 1902;
[251] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p.; (Pontos 2, 31 e 33);
[252] *Commercio do Porto*, 8 de fevereiro de 1902;
[253] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902;
[254] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*, P. 51;
[255] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore,* n.p. (Ponto 17);
[256] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*, PP. 49 e 51;

complementada pela *Empreitada em Cantaria*. A 14 de março de 1904, ao ser aceite o abandono da direção obra, pela *Meza* Administrativa, pelos motivos indicados, a *Meza* tenta acordar um preço com o mesmo. O arquiteto abandona a obra por um preço que não conseguimos determinar, mas que deverá incluir os décimos retidos e o depósito. Em acréscimo, a Ordem pede ao arquiteto os esclarecimentos para a continuação da obra[257], cuja direção passaria a vir a ser assumida por Zeferino José Pinto e Filho a essa data.

Em suma, a nossa proposta do ocorrido é que, apesar de uma relação inicial sólida, na qual José Marques da Silva vence o concurso do retábulo por unanimidade, e os diferentes documentos aos quais tivemos acesso, que corroboram uma atenção redobrada e diligente em todas as fases operativas por parte do arquiteto, a Ordem deparou-se com dificuldades financeiras que comprometeram a conclusão do projeto de Marques da Silva. Em 1904, o Provedor escreve em carta a "*a Ordem é pobríssima*[258]". De facto, acreditamos que após um impulso inicial sob a forma do mecenato particular de *Thereza* e Miguel Gomes Pinto, a Ordem foi pressionada por limitações financeiras a reunir com arquitetos e outros profissionais de confiança – para tentar encontrar soluções menos dispendiosas.

Por conseguinte, verifica-se uma incompatibilidade na exigência estética e profissional entre Marques da Silva e a *Meza* da Ordem da Trindade devido a motivos de natureza económica. Não obstante, a *Meza* responsabiliza-se que a obra é deixada respeitando o legado artístico do arquiteto, conforme ofício de 14 de março de 1904:

> *"A Mesa sente profundamente tal resolução, mas reconhece que não pode, nem deve, continuar a insistir pelos ponderosos motivos que V. Exa. allega no referido officio. Em todo o caso a Mesa aceita reconhecida os offerecimentos de V. Exa. para esclarecer ou apreciar, qualquer trabalho para melhor solução de este assumpto a que tanto importância liga*[259]*"*

[257] AFIMS, *[Carta dirigida pela Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva],* 14 de março de 1904;
[258] AFIMS, *[Carta pela Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva],* 3 de fevereiro de 1904;
[259] AFIMS, *[Carta dirigida pela Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva],* 14 de março de 1904;

Relativamente à continuidade da obra exploremos o *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906,* que se prolonga até 1908. Nele verificamos a presença reforçada de transações para Zeferino José Pinto e seu Filho. Os mesmos realizam todo o tipo de trabalhos na empreitada da capela-mor, desde nichos, talha, imagens e acabamentos. Vide Apêndice em Volume II, *Síntese de Gastos e obras realizadas na tribuna da capela-mor consoante contabilidade da Ordem da Trindade.*

A título ilustrativo no mesmo documento encontramos transações tais como: "*Pago a Zeferino José Pinto e Filho, por conta da sua empreitada da tribuna-mor*[260]" de 12 de agosto de 1905; a 21 de abril de 1906 "*Zeferino José Pinto e Filho, por conta dos nichos e Santos*[261]"; a 5 de maio de 1906 "*Pago a Zeferino J. Pinto & Filho, por conta das obras de talha do altar môr*[262]"; a 9 de junho de 1906 por "*pagamento da pintura e encarnação das imagens*[263]".

Do mesmo modo, recebem dinheiro para fazer pagamentos de materiais, encontra-se registado no *Livro*, a 9 de junho de 1906 "*Pago a Zeferino J. Pinto a Rocha & C.ª por dobradiças pª a tribuna*[264]".

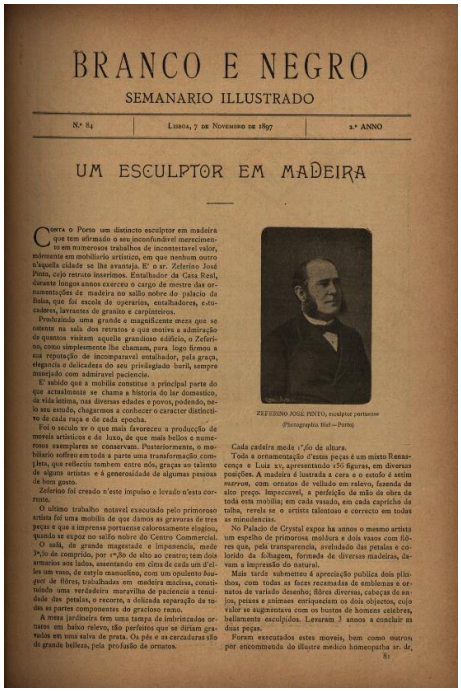
Por fim, o pagamento aos herdeiros de Zeferino José Pinto a 5 de janeiro de 1907, no valor de 259$790[265] conduz-nos à inferência de que Zeferino José Pinto e Filho terão assumido a responsabilidade legal e técnica pela empreitada, a ponto dos seus herdeiros receberem o saldo após a sua morte, e a obra estar formalmente encerrada à data.

A história da arte tem dado muito pouca atenção a estes artistas, havendo apenas uma breve menção num artigo publicado no jornal da época *Branco e Negro*. Nele, o artista é referido como entalhador da Casa Real e como responsável, no Palácio da Bolsa, pelo cargo de "*mestre das ornamentações*". É reconhecido pela sua mestria na talha e pela abundância dos ornamentos, privilegiando estilos manuelinos,

---

[260] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*, P.41;
[261] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*, P.49;
[262] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*, P.49;
[263] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*, P. 51;
[264] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*, P. 51;
[265] AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906*, P. 51;

renascentistas e Luís XV. Também no mobiliário se destaca pela riqueza decorativa e pela criatividade na conceção de motivos ornamentais. Muitos o elogiavam pelo gosto majestoso e imponente, qualidades que se confirmam na obra que aqui estudamos.



BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Nº 84 | LISBOA, 7 DE NOVEMBRO DE 1897 | 2.º ANNO

UM ESCULPTOR EM MADEIRA

Corre o Porto um distincto esculptor em madeira que tem affirmado o seu inconfundivel merecimento em numerosos trabalhos de incontestavel valor, mórmente em mobiliario artistico, em que nenhum outro n'aquella cidade se lhe avantaja. E' o sr. Zeferino José Pinto, cujo retrato inserimos. Entalhador da Casa Real, durante longos annos exerceu o cargo de mestre das ornamentações de madeira no salão nobre do palacio da Bolsa, que foi escola de operarios, entalhadores, estucadores, lavrantes de granito e carpinteiros.

Produzindo uma grande e magnificente mesa que se ostente na sala dos retratos e que motiva a admiração de quantos visitam aquelle grandioso edificio, o Zeferino, como simplesmente lhe chamam, pura logo firmou a sua reputação de incomparavel entalhador, pela graça, elegancia e delicadeza do seu privilegiado buril, sempre manejado com admiravel paciencia.

E' sabido que a mobilia constitue a principal parte do que actualmente se chama a historia do lar domestico, da vida intima, nas diversas edades e povos, podendo, pelo seu estudo, chegarmos a conhecer o caracter distinctivo de cada raça e de cada epocha.

Foi o seculo XV o que mais favoreceu a producção de moveis artisticos e de luxo, de que mais bellos e numerosos exemplares se conservam. Posteriormente, o mobiliario soffreu em todo a parte uma transformação completa, que reflectiu tambem entre nós, graças ao talento de alguns artistas e á generosidade de algumas pessoas de bom gosto.

Zeferino foi creado n'este impulso e levado n'esta corrente.

O ultimo trabalho notavel executado pelo primoroso artista foi uma mobilia de que damos as gravuras de tres peças e que a imprensa portuense calorosamente elogiou, quando se expoz no salão nobre do Centro Commercial.

O sofá, de grande magestade e imponencia, mede 3m,50 de comprido, por 1m,50 de alto ao centro; tem dois armarios aos lados, assentando em cima de cada um d'elles um vaso, de estylo manoelino, com um opulento fouger de flôres, trabalhadas em madeira macissa, constituindo uma verdadeira maravilha de paciencia a tenuidade das petalas, e recorte, e delicada separação de todas as partes componentes do gracioso ramo.

A mesa jardineira tem uma tampa de imbricados ornatos em baixo relevo, tão perfeitos que se diriam gravados em uma salva de prata. Os pés e as cercaduras são de grande belleza, pela profusão de ornatos.

ZEFERINO JOSÉ PINTO, esculptor portuense
(Photographia Biel—Porto)

Cada cadeira mede 1m,50 de altura.

Toda a ornamentação d'estas peças é um misto Renascença e Luiz XV, apresentando 256 figuras, em diversas posições. A madeira é lustrada a cera e o estofo é setim *marron*, com ornatos de velludo em relevo, fazendo de alto preço. Impeccavel, a perfeição da mão de obra de toda esta mobilia; em cada vasado, em cada capricho de talha, revela-se o artista talentoso e correcto em todas as minudencias.

No Palacio de Crystal expoz ha annos o mesmo artista um espelho de primorosa moldura e dois vasos com flôres que, pela transparencia, avelludado das petalas e colorido da folhagem, formam de diversas madeiras, davam a impressão do natural.

Mais tarde submetteu á apreciação publica dois plintos, com todas as faces recamadas de emblemas e ornatos de variado desenho; flôres diversas, cabeças de anjos, peixes e animaes enriqueciam os dois objectos, cujo valor se augmentava com os bustos de homens celebres, bellamente esculpidos. Levaram 3 annos a concluir as duas peças.

Foram executados estes moveis, bem como outros, por encommenda do illustre medico homeopatha sr. dr. [illegible]

**Figura 20- *Um escultor em madeira*, 1897**

Fonte: *Branco e Negro: Semanario Ilustrado*, 1897. Hemeroteca Municipal de Lisboa

> "*Zeferino José Pinto é egualmente um primoso esculptor de imagens religiosas, desde a miniatura ao tamanho natural, de tribunas em todos os estylos, andores, tocheiros, castiçaes, jarros, cruzes, sacras, peanhas, de todas as esculpturas decorativas dos templos*[266]"

Quanto à relação entre Marques da Silva e Zeferino, sabemos que pelo menos em um momento trabalharam juntos. Na viragem do século, por ocasião de arranjos na Casa Ramos Pinto & Irmão, o arquiteto desenhou móveis e ornatos, sendo o trabalho de talha do entalhador portuense[267].

[266] *Um escultor em madeira* (1897), P. 83:
[267] CARDOSO, 1992, P. 703;

## 5.5. Historicismo e inovação no retábulo e tribuna de Marques da Silva

A valorização da história de arte remete para a frequência do arquiteto na Academia Francesa. Em acréscimo, os seus interesses particulares pela história de arte, verificáveis pelas suas notas pessoais partilhadas em *Anverso e Revero, Vinte e duas folhas volantes com notas e desenhos do arquiteto José Marques da Silva*, permitem-nos crer numa sensibilidade e valorização histórica[268] e porventura conhecimento do passado retabulístico português.

Na retabulística, Francisco Lameira, apresenta o neoclássico e o revivalismo, que coloca nos seguintes termos "Período que vigora a partir da última década do século XVIII e que se prolonga, de forma decadente e muito para além do razoável, por todo o século XIX e pela primeira metade do século XX[269]".

Ao descrever os traços comuns da produção deste período, reconhecemos bastante do projeto do retábulo da Igreja da Santíssima Trindade: a predominância da madeira, a valorização dos elementos arquitetónicos, a contenção da ornamentação às zonas de carácter estrutural, a mecanização do retábulo, com a incorporação da tela de altar, a linearidade, a decoração em painéis moldurados de traço fino[270].

A título exemplificativo mencionamos os projetos de função religiosa da autoria de Marques da Silva. O arquiteto socorre-se de uma linguagem extremamente decorativa, na Igreja de Cedofeita, no denominado projeto "joanino" de 1896[271]. Também na Igreja de S. Torcato, iniciado em 1899, em Guimarães, o recurso à linguagem construtiva de outros períodos: abóbodas, arcobotantes, rosáceas, e torreões, e até ornatos, pináculos e gárgulas, no corpo da igreja – idiossincraticamente góticos – e o românico da fachada, acompanham-se das modalidades e vantagens dos modelos construtivos modernos[272]. Só mais avançado em cronologias, em 1930, o projeto da

[268] CARNEIRO, 2020, P. 58;
[269] LAMEIRA, 2005, P. 110;
[270] LAMEIRA, 2005, P.111 e 112;
[271] CARDOSO, 1992, P. 539;
[272] CARDOSO, 1992, PP. 557 a 564;

Igreja da Penha, irá recorrer a uma linguagem moderna, pondo em evidência o local de implantação[273].

Apesar de na Academia Francesa se ensinar uma certa liberdade, no que toca à seleção do estilo mais apropriado a usar em cada caso[274], estava de certa forma definido que nos edifícios religiosos devia ser empregue o gótico, e nos edifícios representativos o estilo clássico[275]. Porém, acreditamos que a escolha da linguagem clássica para o retábulo se deveu à consideração do neoclássico do templo, atendendo ao *bel composto* da obra. Conforme as palavras do próprio arquiteto "(…) No estudo da planta há a aplicação de toda a Arte e o conhecimento profundo do assunto a tratar, a fim de que ela corresponda, na sua aplicação, às necessidades a que tem de satisfazer.[276]". Segundo Gonçalo Moniz, este é um sintoma da formação *Beaux-Art* do arquiteto.

De igual modo, a reunião das formas clássicas de gosto erudito com as de gosto tradicional presentes, na forma da talha, demonstram subtileza e delicadeza, e em simultâneo uma capacidade de acomodar o espírito da encomenda - reminiscência do período de Paris e a estética *Beaux-Arts*, em particular das lições no Atlier de Laloux, onde desde aí se cimentaram "interesses pela teoria da Arquitetura, a visão historicista e eclética, uma cultura visual[277]".

[273] CARDOSO, 1992, P. 580;
[274] BENEVOLO, 1987, P. 150;
[275] BENEVOLO, 1987, P. 119;
[276] José Marques da Siva referenciado em MONIZ, 2019, P. 33;
[277] CARDOSO, 1992, P. 69;

# 6. Parte II - Guião da Exposição temporária "Marques da Silva da Formação à Criação. Um percurso pela Ordem da Trindade"

## 6.1. Enquadramento teórico e legal, património arquitetónico e o papel dos museus

A *Carta* que salienta a importância do património arquitetónico e que nos fornece as diretrizes sobre a mesma, é a *Carta de Granada*, de 3 de outubro de 1985, a qual, no art. º1, alínea 1, enquadra a Tribuna em estudo que serve de mote para a exposição:

> "Os monumentos: todas as construções particularmente notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, incluindo as instalações ou os elementos decorativos que fazem parte integrante de tais construções[278]."

A Proposta da criação de uma exposição temporária enquadra-se nas diretrizes da mesma *Carta*, nas perspetivas de informação e formação, determinadas no artigo 15, com destaque no ponto 2, particularmente a alínea a):

> "A promover, nesse sentido, políticas de informação e de sensibilização, nomeadamente com auxílio de técnicas modernas de difusão e de promoção, tendo, especificamente, como objetivo:
>
> a) Despertar ou desenvolver a sensibilidade do público, a partir da idade escolar, para a proteção do património, qualidade do ambiente edificado e expressão arquitetónica[279];"

Por outro lado, tal como prevê a *Convenção Quadro do Conselho da Europa relativa do Património Cultural para a Sociedade,* de 2005, ao reunir várias instituições na sensibilização para este património, cumprimos o artigo 1 alínea d), ao promovermos "uma maior sinergia de competências entre todos os agentes públicos, institucionais e

[278] *CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO DA EUROPA*, 1985; P. 1;
[279] *CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO DA EUROPA*, 1985, P. 4;

privados e interessados.[280]" Assim como o próprio estudo, seja através desta dissertação, seja através do arquiteto que está por detrás desta dissertação ao "valorizar o património cultural através da sua identificação, estudo, interpretação, proteção, conservação e apresentação[281]", no artigo 5, na alínea b).

Este projeto inclui-se ainda no artigo 14.º" Património cultural e sociedade da informação", que na alínea a) prevê: "Incentivando iniciativas que promovam a qualidade dos conteúdos e tendam a garantir a diversidade das línguas e culturas na sociedade da informação" assim como, a alínea d) "Reconhecendo que a criação de conteúdos digitais em matéria de património não deve prejudicar a preservação do património existente[282]".

Já a *Carta de Siena*, apresenta o papel dos museus enquanto modelos de tutela e de proteção ativa do património cultural, não apenas como repositórios do património e da sua vigilância e conservação, mas também pelo desenvolvimento de atividades, organização de visitas e percursos, difundindo e gerando educação sobre os mesmos. Em acréscimo, apela aos deveres dos museus "e não devem limitar as suas coleções. São encorajados a ampliar, valorizar e desenvolver suas coleções e seu patrimônio de conhecimentos e competências[283].".

## 6.2. Expor e comunicar arquitetura – desafios e estratégias

Michael Belcher escreve "A característica mais importante e única da exposição em museu é a que facilita o encontro entre o visitante e o objeto tridimensional"[284] – distanciando-se assim dos outros meios de comunicação audiovisuais.

[280] CONVENÇÃO QUADRO DO CONSELHO DA EUROPA RELATIVA AO VALOR DO PATRIMÓNIO CULTURAL PARA A SOCIEDADE, 2005, P.1;
[281] CONVENÇÃO QUADRO DO CONSELHO DA EUROPA RELATIVA AO VALOR DO PATRIMÓNIO CULTURAL PARA A SOCIEDADE, 2005, P.2;
[282] CONVENÇÃO QUADRO DO CONSELHO DA EUROPA RELATIVA AO VALOR DO PATRIMÓNIO CULTURAL PARA A SOCIEDADE, 2005, PP. 4 e 5;
[283] CARTA DE SIENA, 2015, PP. 2 e 3;
[284] BELCHER, 1991, P. 38;

Exacerba-se ainda no contexto de um património acessível, como a Igreja, aberta ao público, o papel do museu, que permite providenciar não só uma forma de ver, mas também um modo de ver, uma narrativa.

Uma exposição bem concretizada deve apelar aos vários sentidos do visitante, e dentro do visual várias formas de o invocar: diferentes dimensões, diferentes modos visuais, e, se possível, com o recurso a diferentes tecnologias. Sem descurar, do léxico comum às artes plásticas: "cor, forma, linha, textura e luz[285]".

Na obra *Exhibitions in Museums*[286]*,* o autor reconhece que dos principais fatores de uma exposição bem sucedida devem constar: o tempo de preparação, o espaço, e o orçamento alocado[287]. "As exposições são pensadas como esculturas[288]", pensadas como composições a três dimensões, onde é encorajado a realização de um percurso, que deve incluir tempo de pausa e permanência.

Em pormenor, sobre a curadoria de arquitetura recorremos ao texto *Expor Arquitetura: Mediação de uma profissão em transformação*[289], de Pedro Gadanho o qual refere que o modelo prevalecente da arquitetura e por consequência o seu modelo expositivo de maior incidência são "as mostras de arquitetos consagrados[290]" – reconhecendo-os, como sucessos de bilheteira. No contexto de um espaço cultural recente, criado em 2023, como a *Experience Trindade,* constata-se que o poderio cultural ainda não foi estabelecido. Assim, a associação a um nome reconhecido, permite colmatar o mesmo, criando visibilidade. Não obstante, tomamos em consideração o que o curador de arquitetura refere "Talvez hoje em dia seja insatisfatório olhar para os arquitetos simplesmente como arquitetos[291]".

"A eficiência crítica da curadoria da arquitetura dependerá, por conseguinte, da sua capacidade de usar o supramencionado valor de exposição para tornar o exercício

[285] BELCHER, 1991, P. 38;
[286] BELCHER, 1991;
[287] BELCHER, 1991, P. 40;
[288] BELCHER, 1991, P. 41;
[289] GADANHO, 2007;
[290] GADANHO, 2007, P. 146;
[291] GADANHO, 2007, P. 146;

da crítica em algo de sedutor[292]" – A pequena situação novelesca criou um enredo entre José Marques da Silva e a Ordem da Trindade. O arquiteto já tinha sido previamente apresentado ao visitante, estabelecendo-se assim um laço de familiaridade. Também a Ordem da Trindade fora previamente contextualizada no percurso museológico. Esta construção narrativa permitiu ultrapassar as barreiras não só da arquitetura, mas também da historiografia, convidando o visitante a entrar nos meandros da relação entre encomendador e artista.

Relevamos ainda, que num primeiro momento, ao partilharmos com a direção do museu e da Ordem da Trindade o projeto da exposição sobre o arquiteto Marques da Silva, nos foi advertido que as exposições de arquitetura, recorrem frequentemente ao material do arquiteto – material que apenas comunica com ele – sendo preciso ultrapassar essa barreira, sendo inclusiva de um público em geral. De facto, a exposição de elementos iconográficos nada mais é do que a expressão em "segunda mão" ou de "*rendering*s", de "provas" da arquitetura sob a ausência dela mesma. Obviamente, o resultado melhor da curadoria arquitetónica é obtido quando a experiência da própria arquitetura é conseguida – "a curadoria de arquitetura torna-se mais desafiadora e duradoura quando consegue produzir os seus próprios resultados dentro do meio original da arquitetura[293]".

Como descreve Pedro Gadanho, uma exposição de arquitetura pode até "encher estádios com estudantes de arquitetura", mas muito pouco provavelmente convidará a pessoa comum, se não for capaz de comunicar de uma maneira mais pessoal. A arquitetura do passado tem de conseguir aproximar-se da realidade viva e presente. A solução parece simples, e deve inserir-se "numa rede mais alargada de abordagens transdisciplinares a um determinado tema."

O que significa expor arquitetura, dentro de um museu, que é por ele uma obra de arquitetura, que se encontra dentro de uma grande cidade, o Porto – o grande palco de arquiteturas, destacado, por sinal como património mundial da Unesco? Enquanto,

[292] GADANHO, 2007, P. 149;
[293] GADANHO, 2007, P. 150;

em simultâneo se exibe ciência, o que é por base uma ideia, um não objeto, um conceito?

Pretende-se que o visitante seja acompanhado na descoberta, tornando-se um híbrido entre o museu e a sua ramificação, a exposição temporária, num processo interrogativo e investigativo.

Deste modo, expor a arquitetura significará, de alguma maneira, viver a arquitetura, estabelecendo relações entre os objetos que são expostos, os visitantes, o espaço que os alberga.

## 6.3. Exposição temporária: conceito fundamentação

O objetivo desta exposição é estimular o interesse de diferentes tipos de públicos: aqueles que não visitariam a exposição permanente, e os visitantes "regulares". A estes esperamos motivá-los a reviver o espaço numa perspetiva de intensificação da experiência, passarão a olhar e sentir o retábulo de forma mais intensa e emotiva.

Como refere o autor, dentro dos temas mais comuns para exposições temporárias enquadram-se:

> "1. Aniversários do nascimento ou morte de relevantes ou notáveis que atingiram reconhecimento local, nacional ou internacional.
>
> 2. Aniversários de eventos notáveis. Podem incluir invenções, descobertas, batalhas, desastre, feitos, etc.
>
> 3. Aniversários de acontecimentos locais – como a fundação de uma cidade ou uma igreja, ou a abertura de um museu.
>
> 4. Material de diferentes departamentos do museu que não é normalmente mostrado ao público.
>
> 5.Material que já foi previamente mostrado, talvez em outras localizações, mas que é trazido para ilustrar uma nova narrativa.

6.Material que é construído em conjunto para um evento nacional, como um festival nacionalmente organizado ou uma campanha similar.

7.Material emprestado de outros museus ou outras agências.

8. O trabalho de sociedades locais, organizações e estabelecimentos educacionais.

9. O trabalho de artistas e artesões a viver e a trabalhar na região.

10. O trabalho dos diferentes departamentos do museu[294].”

O tema da exposição temporária enquadra-se particularmente nos pontos 1, 4, 5, e 7 e 10.

No primeiro, visto que se enquadra na visibilidade da celebração do aniversário da formação do arquiteto em Paris.

No ponto 4, uma vez que a maior parte das peças que constam em exposição são completamente novas para o expectador, uma vez que constam do arquivo da instituição e são fruto do processo investigativo do qual resultou a própria exposição. No ponto 5, já que iremos recuperar algumas peças que já foram expostas previamente pela instituição que colaborou com a cedência de peças.

No ponto 7, que é resultado da celebração dessa colaboração para construção desta narrativa.

E por fim, o ponto 10, que divulga o trabalho de investigação realizado na *Experiencie Trindade - Porto* através da concretização da exposição, assim como dos Serviços Educativos.

### 6.3.1. Tipologia expositiva

De acordo, com o autor Michael Belcher, 1991 as exposições podem se enquadrar em diferentes tipologias, enquadramos a nossa proposta na tipologia *didática*, *emotiva* e *evocativa*[295].

[294] BELCHER, 1991. P. 49;
[295] BELCHER, 1991. P. 59 a 66;

Primeiramente, trata-se de uma exposição *didática* cujo objetivo é instruir e educar. Esta tipologia é comum à maioria das exposições. Na presente exposição tentamos que a parafernália do curador, os objetos expostos, o enquadramento dos mesmos, as descrições e outros auxiliares interpretativos, transformem materiais mudos e inertes, em comunicadores interessantes para o público visitante, envolvendo-o na situação e no tempo.

Ao conseguir este objetivo permitimo-nos também incluir uma outra tipologia - exposição emotiva - para o que apelamos ao primeiro documento que relaciona o arquiteto Marques da Silva com a Ordem da Trindade – *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos.* Este documento remete para emoções como da nostalgia e vulnerabilidade, o que justifica a tipologia referida, e dentro dela atrevemo-nos a incluir a subtipologia *evocativa*[296]. Este enquadramento é o *light motif* que aglutina todas as peças da sala. De facto, já num artigo para a ICOM, Mariza Varutii escreve que "a prática curatorial está a mudar rapidamente para narrativas que invocam vulnerabilidade, resiliência, e empatia, oferecendo um mapa que permite navegar a volatilidade emocional na incerteza dos nossos tempos[297]".

Porque nos identificamos com esta perceção, quisemos apelar à nostalgia da infância, tão querida da maioria do público.

Apresentamos José Marques da Silva como um individuo desconhecido (a *ordinary person*) – que será de facto, para a maioria dos nossos visitantes, como veremos na análise do perfil de visitantes - e começamos pela apresentação da sua infância:

> "Debates sobre Crianças e a Infância na Europa moderna e vida Anglo-americana são cada vez mais vorazes. Muitos de nós temos filhos ou netos. Todos nós fomos crianças. A importância da

[296] A exposição *evocativa* recorre a peças que são interessantes por razões puramente humanas, uma vez que "o homem se identifica com outros homens", é una abordagem romântica que considera que é beneficial partilhar das experiências de outros humanos. "Sugere que apesar de sociedades serem diferentes e existir evolução, a vida é relativamente estática no sentido em que as pessoas se alteram muito pouco." - BELCHER, 1991, P.61;
[297] VARUTTI, 2022;

> cultura material, e certamente das crianças na nossa vida, assegura-as como objeto de estudo.[298]"

José Marques da Silva, torna-se assim, num primeiro momento, um homem comum, com anseios e limitações, mas epicentro de emoções, e conforme escreve a autora nas suas diretrizes sobre como comunicar a história do homem:

> "Escrever a história genealógica, mesmo a do homem comum, não deve limitar-se a uma enumeração de nomes e datas, à maneira das árvores tradicionais. Deve antes aproximar-se de um romance, em que os antepassados são os protagonistas principais mais em que não podem faltar uma trama e os enquadramentos familiares, profissionais, políticos, culturais e até paisagísticos. A beleza tem de existir nas descrições e na interpretação ao lado da sabedoria e da força indispensáveis.[299]"

Finalmente, a segunda parte da visita, enquadra-se no tipo de exposição "*object-orientated*" isto é, todo o conceito é puxado para o centro gravitacional – o retábulo[300]. É também o culminar da exposição, que remata e finaliza a relação de José Marques da Silva com a Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade.

### 6.3.2. O espaço

Enquanto as "boas salas" de exposição temporárias, mais especificamente, as salas apropriadas para albergarem exposições de arquitetura, apresentem uma certa neutralidade, abertas a qualquer exposição, escala e representação, a sala do retrocoro da Igreja da Santíssima Trindade serviu exatamente o inverso, ela foi o mote da exposição.

A nossa sala, e as suas extensões – a galeria direita – acomodam-se perfeitamente à mesma. Introduziram-se escalas do trajeto no desenho da exposição, aproximando o visitante das experiências sensórias que o estimulam, e que captam melhor a

[298] DEREVENSKY,2000, XV;
[299] MARQUES, 2003, PP. 182 e 183;
[300] BELCHER, 1991. P. 68;

experiência proposta por Marques da Silva na sua conceção do retábulo no espaço sacro. Estes pontos serão devidamente sinalizados.

### 6.3.3. Período de duração

É importante o cuidado na definição do período em que uma exposição temporária decorrerá uma vez que terá significativo impacto na sua recessão assim como no perfil do seu visitante.

> "Na maioria, o ano é pontuado entre os grandes períodos de férias de Natal, Páscoa e o período de férias prolongadas de verão. Cada irá sem dúvida levar a uma exposição particular, possivelmente aumentada por outras atividades como palestras ou outros eventos interativos. O Natal é também uma altura em que, talvez porque o período anterior é muitas vezes parado, tais eventos são dados. Em contraste, a Páscoa e Verão são alturas em que a população é mais móvel e os grandes centros turísticos podem esperar um grande fluxo de visitantes.[301]"

Preparamos a exposição para o período de época baixa, isto é, de setembro a dezembro. Arranque no fim do verão, e término no primeiro mês do ano seguinte, para abranger os visitantes de Natal. Aprofundamos a nossa análise com a perspetiva sobre o perfil do público.

Preparamos a inauguração da exposição, no contexto de "*private view*". Trata-se de um *modus operandi* comum, e já operativo na *Experience Trindade*.Esta forma possibilita uma seleção dos visitantes, através de convites seletos, permitindo assim que a inauguração conte com a presença de profissionais, experts do meio científico, dos meios de comunicação e aficionados no tema, criando-se condições para a obtenção de um feedback valioso e uma rede de divulgação, antes da abertura ao público[302].

### 6.3.4. Público

Iniciaremos a nossa análise pela experiência com o museu.

---

[301] BELCHER, 1991. P. 50;
[302] BELCHER, 1991. P. 50;

Os inquéritos de visitantes, e a presença no terreno, permitiram-nos compreender as motivações, e o perfil, e daí inferir temas com potencial de engajamento do visitante.

Caminhando no sentido mais micro, fomos interpretar as expectativas dos visitantes que repetem a visita. Temos perceção que o sucesso de uma exposição temporária é mensurável pela adesão de visitantes que voltam ao museu por ocasião da nova exposição temporária e atividades a ela agregada[303], daí o interesse nesta análise.

Ao Inquérito, cujas perguntas constam em *anexo*, responderam 103 pessoas.

A idade média do visitante é de 38, 1 anos, sendo a faixa etária com maior número de respostas "25-45 anos".

O esquema em baixo demonstra a sua distribuição por países:

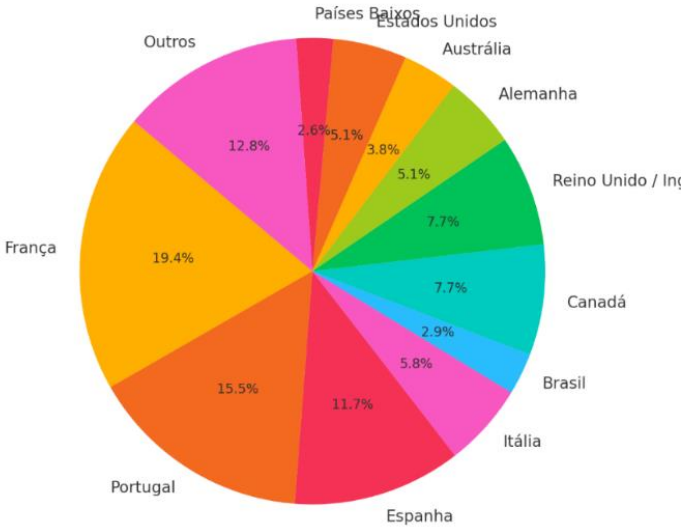



**Gráfico 2- Países dos visitantes inquiridos**

Fonte: Inquérito *Experience Trindade,* tendo por base uma amostra de 103 pessoas decorrido entre o período de agosto 2023, e agosto de 2024.

[303] BELCHER, 1991. P. 171;

Os principais motivos para visitar foram: a “Descoberta casual/ao passar” (45-50%); o “interesse pela história e património” (25-30%); a experiência imersiva e audioguia (15-20%). E por fim, e sem significância estatísticas “recomendações e fontes externas” – informação obtida em guias turísticos, Câmara Municipal, mas também amigos.

No que toca à escolha de circuitos, existem 3, um circuito de *Igreja* (sem acesso ao museu e à sala de exposições de temporária), circuito *Ordem* (Igreja, com acesso ao museu e sala de exposições) e *Full Experience* (Igreja, com acesso ao museu, sala de exposições e torre). 95% dos inquiridos selecionaram *Full Experience,* e 5% escolheu *Ordem*. O circuito *Igreja* não foi selecionado por nenhum inquirido.

### 6.3.5. Novo Público

A procura da captação de novos públicos pode ser conseguida através da visibilidade dos parceiros com os quais trabalharemos, tais como a Fundação Instituto Marques da Silva, que publicitará através dos seus meios a exposição. A existência da Fundação enquanto espaço reconhecido de promoção científica, cultural, formativa e artística desde 2009, potenciará o alcance de outros patamares.

Pretendemos alcançar a comunidade através do Serviço Educativo, recorrendo à criação de situações lúdico- pedagógicas que ajudem a ver, questionar, fruir a obra de arte, contextualizando-a, artística, plástica e historicamente.

### 6.3.6. Fases do planeamento da exposição

No processo de criação desta exposição, recorremos ao modelo de *Howell, 1971. E*ste modelo permite compreender de forma realista os blocos de tempo que cada etapa deve ocupar, as tarefas a concretizar, assim como os recursos humanos necessários. Não obstante, apesar de sequenciais, algumas tarefas acontecem paralelamente ou são descartadas, tal depende das particularidades do próprio projeto, deveras orientado

para a investigação e deterioramento da etapa produtiva, sendo condicionado pelo orçamento e dimensão da Exposição[304].

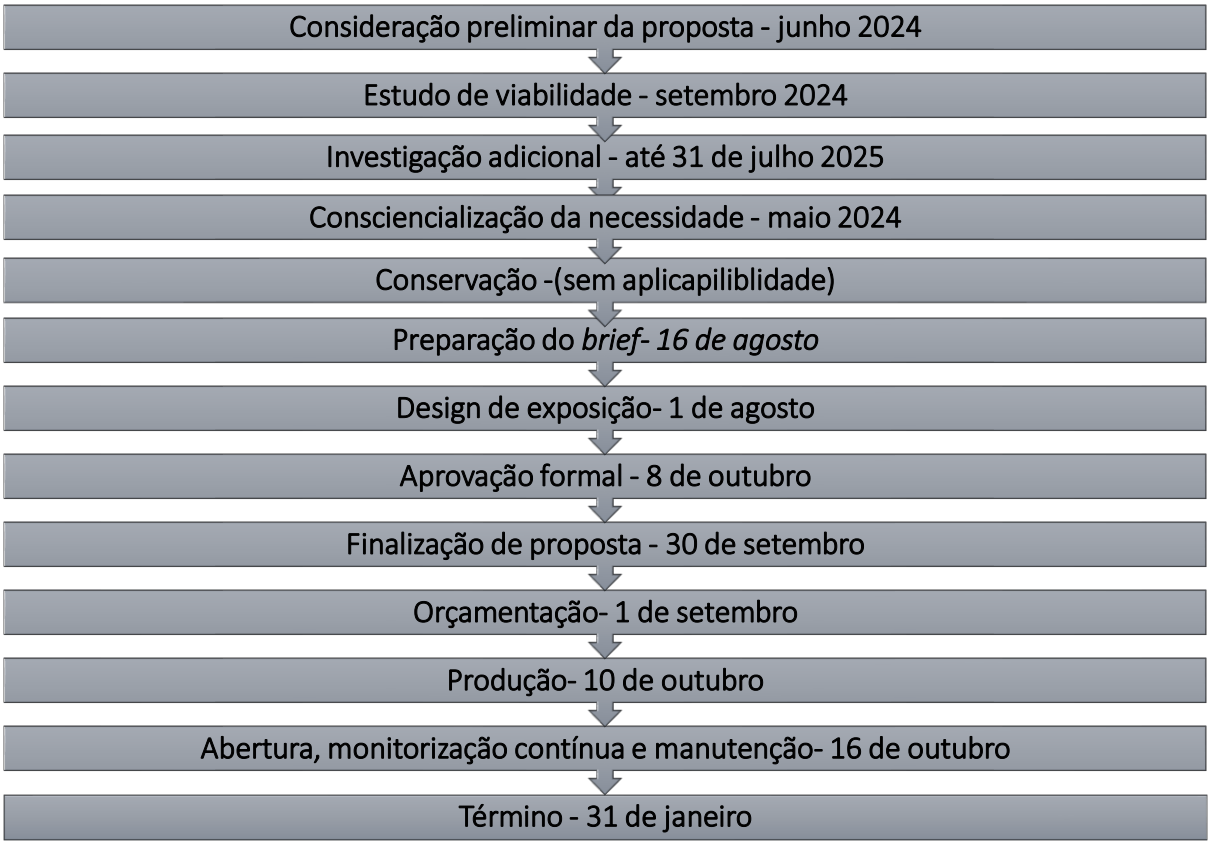



**Gráfico 3- Fases do planeamento da exposição**

Fonte: Modelo de planeamento *Howell, 1971*.

### 6.3.7. Peças da exposição

Recorremos, maioritariamente ao Arquivo da Ordem da Trindade, mas também a peças do Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva que tem o maior acervo patrimonial, arquivístico e literário do arquiteto[305].

A Misericórdia do Porto, já tinha sido um parceiro da Ordem da Trindade, previamente. Por outro lado, recorremos também a jornais e periódicos de época,

[304] BELCHER, 1991. P. 80-82;
[305] FIMS, 2025;

disponíveis no Arquivo Municipal de Sophia de Mello Breyner e Hemeroteca Municipal de Lisboa.

### 6.3.8. Empréstimo de peças

O empréstimo de peças ocorreu da forma tradicional, sendo realizado inicialmente um primeiro contacto entre as partes para ser realizado um acordo prévio.

Como é código de ética entre as diferentes instituições, sendo fornecido o *Facility Report*, assim como contratado o seguro a partir do valor patrimonial de cada peça, sendo o transporte assegurado. A nossa instituição recebe também a minuta da mesma peça, com a qual pode realizar as devidas legendas, assim como obtém instruções sobre o seu bom manuseamento e exposição.

Em situações em que as peças não puderam ser emprestadas, por se tratar de exemplares únicos ou por desejo das instituições, optou-se pela sua reprodução fac-símile a partir dos originais, a sua mostra a partir de meios audiovisuais ou por via última, fez-se alterações à lista final de peças a constar na exposição.

### 6.3.9. Decisões curatoriais

Para os núcleos expositivos, optamos por formas de exposição variadas, maioritariamente, tendo por base as particularidades de cada objeto, orientações para o seu correto acondicionamento, narrativa associada, visibilidade, acessibilidade, mas também, constrangimentos de espaço e material expositivo.

A título exemplificativo para o núcleo expositivo *O Porto de Marques da Silva* que visa a contextualização da obra construída na cidade do Porto, foi necessária a colaboração do Centro Português de Fotografia e da Profª. Drª. Fátima Vieira, diretora da FIMS.

Utilizamos como referencial curatorial, a exposição de 2020 “Marcel Gautherot: Registos modernos da invenção da Pampulha[306]”.




**Figura 21- “Marcel Gautherot: Registos modernos da invenção da Pampulha”**

Fonte: Fotografia de Eduardo Eckenfels, 2020.

As reproduções foram realizadas a partir de positivos de diferentes acervos de fotografia Alvão. E a sua disposição segue, primeiramente, a sequência cronológica do conteúdo iconográfico, isto é, da data de construção do monumento, no âmbito da obra de Marques da Silva. Por outro lado, a dimensão da reprodução de cada imagem tem por base a sua dimensão na consciência do coletivo. Por fim, a organização atenta, igualmente, a motivos de natureza estética conferidas pela própria imagem como linhas de tensão, luz e escala.

Estas fotografias são acompanhadas por um texto de sala, da autoria Dra. Fátima Vieira, que elucida sobre a dimensão da obra do arquiteto no Porto.

Para esta exposição adaptamos, a disposição das imagens a partir de três módulos de diferentes dimensões: o módulo de imagem vertical, o módulo de imagem horizontal, e

[306] VAZIO S/A, 2022;

por fim, duas imagens de maiores dimensões correspondentes a duas obras de grandes dimensões.

### 6.3.10. Materiais de apoio

Na sala, encontrar-se-ão um livreto e um folheto informativo, ambos realizados pelo curador da exposição, legendas, mas também, texto de sala, e citações.

**Legendas:**

As legendas foram realizadas tendo por base as informações necessárias à interpretação da peça. Encontram-se por baixo da mesma, a uma altura que permita fácil leitura.

Nela consta o título da peça, autor, cronologia, e dimensões, material e por fim, uma breve explicação. Colocamos igualmente a tradução na língua inglesa. Em *Apêndice*, consta um exemplo.

**Livreto:**

O livreto, disponível em *Apêndice*, consta com o seguinte esquema organizacional:

1. Capa
2. Ficha Técnica
3. Apresentação
   - Apresentação enquanto curadora da exposição
   - Apresentação do provedor da Ordem da Trindade
4. Planta com roteiro na sala
5. Contextualização de cada núcleo expositivo (Pequeno texto que explicita historicamente cada um dos núcleos, trata-se de um texto de apoio para o visitante, orienta igualmente a visita)
6. Agradecimentos
7. Informações

**Folheto:**

O folheto tem um cariz publicitário, recuperaram-se os dados de resumo da exposição, focando-se, porém, em dados informativos, relativos à duração, ficha técnica, colaborações, contactos e também eventos associados. Vide *Apêndice.*

### *6.3.11. Visual Identity*

Neste contexto, optamos por conciliar o tipo de *lettering* com o *brand book* já utilizado pelo museu. Este trabalho foi realizado em colaboração com a equipa de design e comunicação.

Estes elementos foram empregues quer no material de divulgação (cartazes, *roll-ups*, *posts* de redes sociais), mas também no material de apoio da exposição, livreto, folheto de divulgação, legendas e textos de apoio.

O objetivo foi criar uma transição suave entre o espaço da exposição permanente, que se relaciona narrativamente com o espaço da exposição temporária, enquanto simultaneamente, demarcar a entrada num momento distinto e digno de atenção.

Em acréscimo, foram realizados ajustes com a incorporação de elementos que salientassem a nossa colaboração com outras instituições, com a sua própria identidade visual – especialmente a presença do seu logótipo.

A imagem principal da exposição, a utilizar como "capa do evento", é constituída pela sobreposição de duas imagens icónicas, a imagem de José Marques da Silva jovem, e um dos estudos do arquiteto para o retábulo da capela-mor. O objetivo foi associar os dois conceitos-chave que dão nome à exposição: "Formação", com a juventude de Marques de Silva, e "Criação", com o respetivo projeto para a Ordem da Trindade. A repetição desta imagem é também uma aposta na criação de uma imagem emblemática.

## 6.4. Exposição: Síntese

### 6.4.1. Resumo

A exposição ***Marques da Silva da Formação à Criação. Um percurso pela Ordem da Trindade***, que vigorará de 16 de outubro de 2025 a 31 de janeiro de 2026, na sala de exposições temporárias da *Experience Trindade*, constitui uma retrospetiva inédita de uma relação de 28 anos até agora nunca explorada.

Desde a infância do arquiteto, com os primeiros passos educativos dados no *Lyceu* da Trindade entre 1876 e 1882, até ao início da sua carreira profissional, em 1901, com o projeto da tribuna da Igreja da Santíssima Trindade, a exposição percorre momentos fundamentais da sua ligação à instituição. A sua infância contou com o olhar atento de pais e professores, que desde cedo orientaram o seu percurso para a excelência artística. A obra incorporada na tribuna da Igreja da Santíssima Trindade recupera formas tradicionais de retabulística portuguesa, aliando-as à linguagem da escola francesa e conjugando materiais tradicionais com materiais modernos.

Esta exposição e plano de atividades adjacente oferece um vislumbre dos bastidores do universo educativo e produtivo do arquiteto Marques da Silva, propondo uma reflexão crítica sobre a arte de "bem construir", a dignidade da profissão, o papel da encomenda e o contexto que molda a obra arquitetónica.

### 6.4.2. Estrutura e conteúdos

A exposição com o título *Marques da Silva da Formação à Criação-Um percurso pela Ordem da Trindade*, apela aos dois momentos de relação do arquiteto com a Ordem – a formação no *Lyceu* e a criação da tribuna da Igreja. Por outro lado, apresenta um duplo sentido, apelando ao conceito de forma arquitetónica e criação artística, assim como à ideia de aprendizagem, e consequente emancipação. O público é assim convidado a replicar simbolicamente, no espaço da Ordem da Trindade, o percurso de Marques da Silva.

A exposição tem por base os 5 capítulos que servem de conteúdo investigativo neste projeto, e resume-se em duas partes, a formação do arquiteto e a realização da tribuna da capela-mor.

Dentro da formação do arquiteto: "A formação oficinal", através do pai Bernardo Marques da Silva e a oficial através da "formação no *Lyceu* da Trindade".

A segunda parte, a realização da tribuna da capela-mor: De seguida, "A encomenda da tribuna" da Igreja da Santíssima Trindade, o "Processo produtivo de Marques da Silva" e "Após Marques da Silva".

O inventário das peças a constar em exposição por núcleo expositivo em cada secção pode ser consultada em *Apêndice*[307].

### 6.4.3. Métodos e Objetivos

1. Dar a conhecer Bernardo Marques da Silva na sua relação com a Ordem da Trindade;
2. Mostrar visualmente as obras de cantaria feitas pela oficina de Bernardo Marques da Silva;
3. Afirmar a presença de Marques da Silva no *Lyceu* da Trindade;
4. Demonstrar como a presença de Marques da Silva no *Lyceu* foi propositada e necessária para a sua preparação para a Academia de Belas Artes do Porto.
5. Demonstrar os métodos de ensino empregues no *Lyceu* da Trindade, particularmente na área do Desenho;
6. Demonstrar que a arte da cantaria foi um dos primeiros contactos artísticos que Marques da Silva teve, devido ao pai.
7. Demonstrar que os outros irmãos Marques da Silva aprenderam o mesmo ofício que o pai.

[307] Ver em Apêndice: "*Inventário de Peças em Exposição*";

8. Demonstrar que o retábulo da Igreja da Santíssima Trindade, a capela-mor era já um problema há anos para a *Meza* Administrativa da Ordem da Trindade;
9. Demonstrar que a escolha do projeto da tribuna de José Marques da Silva foi unanime pela *Meza* da Ordem da Trindade;
10. Apresentar a importância da iniciativa privada para a realização da obra;
11. Mostrar o processo criativo e debate de José Marques da Silva com a *Meza* e outros intervenientes refletidas na evolução dos 3 estudos da Tribuna;
12. Dar a conhecer outros nomes presentes na obra e seus ofícios;
13. Demonstrar como esses ofícios são realizados, valorizando-os;
14. Apresentar diferentes tipos de *media* ao longo da exposição, objetos documentais, bustos, pinturas, vídeo;
15. Convidar o visitante a diferentes perspetivas para observar e analisar o objeto de estudo- o retábulo, ao longo do circuito de observação;
16. Apelar ao sentido crítico do visitante relativamente à querela entre a Ordem da Trindade e Marques da Silva que levou ao seu afastamento da obra da tribuna da capela-mor;
17. Valorizar a dignidade profissional de Marques da Silva ao longo do seu relacionamento com a Ordem;
18. Valorizar o mecenato da Ordem da Trindade;

### 6.4.4. Proposta de Serviços Educativos

**Visita orientada à exposição**

Público alvo- Público geral

Criação de programas de visitas orientadas, visando uma aprendizagem complementar ao ensino formal, posicionando o museu, e a sua extensão, esta exposição temporária, como uma ferramenta no arsenal dos educadores e uma extensão da sala de aula.

**Visita desenhada – "Desenhar é a melhor forma de conhecer"**

Público-alvo – Comunidade escolar

Nesta atividade inédita, a comunidade escolar poderá ter a oportunidade de desenhar não apenas a tribuna da Igreja da Santíssima Trindade da autoria de Marques da Silva, de diferentes perspetivas da Igreja, designado imóvel de interesse público, assim como terá acesso à exposição temporária. Ao longo desta atividade, serão incentivadas discussões acerca de elementos arquitetónicos, e promover-se-á uma discussão acerca do processo criativo do arquiteto para a tribuna a partir dos *Estudos* em exposição.

**Jornadas Europeias do Património - 20 e 21 de setembro**

As Jornadas Europeias do Património são uma iniciativa anual criada pelo Conselho da Europa, que tem como meta a "sensibilização dos povos europeus para a importância da salvaguarda do Património", assim como "a necessidade de o preservar para as gerações atuais e futuras é o grande objetivo das Jornadas". Assim cada país, realiza nestes dias, atividades para o público de forma gratuita, presencial e/ ou online[308].

O tema "Arquitetura", dado às Jornadas do Património deve-se ao facto de se celebrar em 2025 o 50º aniversário do "Ano europeu do património arquitetónico" que ocorreu em 1975, como escreve o Ministère de La Culture:

> "*Cette initiative du Conseil de l'Europe a été déterminante pour la reconnaissance du patrimoine architectural comme facteur-clé de la qualité de vie et pour l'amélioration des efforts de préservation dans toute l'Europe. Et comme l'architecture ne se conçoit pas sans décoration extérieure ou intérieure, ni sans mobilier, l'année 2025 sera aussi celle du centenaire de l'Exposition internationale des arts décoratifs et industriels modernes de Paris, en 1925, qui sera célébré à travers toute la France par des expositions et des colloques*[309]".

[308] PATRIMÓNIO CULTURAL, I.P., (2024);
[309] MINISTÈRE DE LA CULTURE (10 de abril, 2025);

Este evento, a ocorrer no lançamento da exposição, de âmbito europeu, dará o impulso inicial de visibilidade à exposição temporária, aliando o acontecimento a um público fidelizado às jornadas.

**Tertúlia – "A obra do arquiteto Marques da Silva"**

Como é prática comum na *Experience Trindade*, serão realizadas duas Tertúlias, sob a forma de "Mesa Redonda" abertas ao público em geral, com convidados especialistas, a decorrer durante o mês de novembro, sob o tema da arquitetura de Marques da Silva.

### 6.4.5. Divulgação

A divulgação a ocorrer através da estratégia da *Experience Trindade* de divulgação digital e física das exposições temporárias, a ocorrer cerca de um mês antes da exposição temporária iniciar.

A divulgação digital, de responsabilidade da gestora de redes sociais, envolve uma *mailling list*, dentro comunidade escolar diversificada da região norte, assim como divulgação nas redes sociais e plataformas culturais e turísticas, com a devida antecedência, e intensificando-se nas semanas anteriores ao lançamento da exposição.

# Conclusão

Esta dissertação foi organizada em duas partes, uma relativa à relação do arquiteto Marques da Silva com a Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade, e a outra relativa ao planeamento e à construção da exposição temporária *Marques da Silva da Formação à Criação. Um percurso pela Ordem da Trindade.*

A investigação em arquivo, ainda em construção e em incorporação de novos documentos, obrigou a uma plasticidade dos dados adquiridos na redação do texto. O cruzamento de dados na FIMS, a quantidade e variedade de documentação no arquivo da Ordem da Trindade, assim como fontes de diferente natureza, com diferentes perspetivas, foi um desafio que permitiu uma retrospetiva crítica e holística dos acontecimentos. Em contraponto, o recurso intensivo a fontes primárias foi essencial nesta investigação e cremos ser um dos seus pontos distintivos.

O ingresso do jovem José Marques da Silva no *Lyceu* da Trindade no ano letivo 1876/1877, para o Ensino Primário[310]. Já a matrícula na classe de desenho, onde se aplicava uma pedagogia baseada na cópia, iniciou-se no ano seguinte a 1878/1879[311] . José frequentou essa classe até à sua saída em 1881/1882 com 13 anos, neste mesmo ano fez exame para aprovação de equivalência no liceu oficial da língua francesa[312]. Esta atenção e acompanhamento por parte dos progenitores, Rosa e Bernardo Marques da Silva, demonstram uma pretensão desde a infância não apenas para a área arquitetónica, mas possivelmente para o ingresso na *École Nationale et Spéciale des Beaux-Arts*.

Permanecem questões tais como, até que ponto estava completa a obra da tribuna da capela-mor da Igreja da Santíssima Trindade, ao momento do abandono da direção da obra de José Marques da Silva em 1904[313]. Após a análise de correspondência do período presente no AFIMS, o arquiteto justifica-se pela falta de confiança que a

[310] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* fol. 145*;*
[311] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* fol. 148;
[312] AOT, *Lº 1 Da Matricula dos Alumnos,* fol. 181;
[313] AFIMS, *[Carta dirigida pela Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva],* 14 de março de 1904;

*Meza* demonstra nele ao consultar-se com outros profissionais[314], carecendo, igualmente, da certeza quem compareceu em tal reunião. Contudo, dos dois intervenientes, Marques da Silva e *Meza* da Ordem, infere-se ter havido motivos ocultos para dissolvimento da relação contratual. Descobrimos que, factualmente, a Ordem após um pico de doações privadas, particularmente pelo casal Miguel e Thereza Gomes Pinto[315], encetou um esforço financeiro extraordinário para levar avante a empreitada[316]. Em contrapartida, Marques da Silva aparentava ter conflitos com o empreiteiro *Adolpho Marquez*[317]. A conjugação das duas situações resultou em sucessivos atrasos na obra, que deveria ficar pronta no período máximo de dois anos, após a assinatura do *Caderno de Encargos* em 1902[318].

Este retábulo cuja construção se inicia em 1902 e termina em 1906, com ajustes de contas até 1908[319] foi dourado apenas em 1932[320]. Por estar mais próximo do tempo presente e reunir muitas fontes diferentes, este objeto raro abre novos caminhos para o estudo da talha, cuja historiografia tem se vindo a focar sobretudo na produção entre a segunda metade do século XVI e o século XVIII[**321**]. Tratando-se de uma arte multidiscisciplinar, permite conhecer nomes de artistas, assim como, gastos, processos artísticos, uso de materiais tradicionais em concílio com modernos, etc.. Este objeto artístico, desperta a atenção para a arte da talha em contexto religioso, que no início do século XX se havia tornado "um elemento *non grato* da intelectualidade que via nos desenhos do barroquismo uma visão de luxo, devassidão e devario[322].".

Nesta exposição e ao longo deste trabalho, procuramos adotar um discurso crítico e sensível, aproximando o leitor, e de seguida, o público, da figura de Marques

---

[314] AFIMS, *[Carta dirigida pelo arquiteto José Marques da Silva à Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva],* 4 de janeiro de 1904;
[315] *Commercio do Porto*, 8 de fevereiro de 1902;
[316] AOT, *Copiador,* 1901, P. 21;
[317] AFIMS, *Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de Cantaria em marmore;*
[318] AFIMS, *Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da S.S. Trindade – Obra de carpintaria e talha. Caderno de encargos,* 1902*,* n.p. (Ponto 7);
[319]AOT, *Livro de com que fim para que foram as subscripções, donativos e quotas 1904-1906;*
[320]AOT, [*Comprovativo de recebimento de pagamento passados pelo pintor-dourador João Silveira Tavares à Ordem da Trindade a 11 de maio de 1932]*, 1932;
[321] ROCHA & RESENDE, 2022, P. 218;
[322] ROCHA & RESENDE, 2022, P. 207;

da Silva. Inicialmente, enquanto criança, e depois enquanto sujeito histórico e criativo. Por outro lado, a arquitetura, por se tratar de um património difícil de expor e que exige ser vivida e experienciada, é aqui abordada por meio de uma mediação interpretativa, oferecendo ao leitor uma compreensão fundamentada na documentação relativa à tribuna da Igreja da Santíssima Trindade.

Iniciamos a nossa dissertação com a proposta de utilizar José Marques da Silva como mote para ampliar a teia de relações maximizando-o no panorama nos entrelaces da sua história pessoal com a da Ordem da Trindade. Logo, se o arquiteto formado em França serve de figura de cartaz, procuramos, depois de ter o visitante envolvido emocionalmente no enredo, ser audazes e despertar o seu interesse, para figuras secundárias, mas não menos importantes, como Bernardo Marques da Silva (canteiro), José Geraldo Sardinha (arquiteto), *Adolpho Marquez* (empreiteiro), Zeferino José Pinto (entalhador), António Alves Pinto (entalhador e escultor), João Silveira Tavares (pintor-dourador), entre outros.

Por outro lado, este projeto foi, igualmente, uma oportunidade para criar – Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva, Hemeroteca Municipal de Lisboa, Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner - e fomentar laços já estabelecidos entre instituições, tais como a Misericórdia do Porto. A sinergia cultural, a partilha de recursos humanos e documentais, deve ser uma meta a concretizar, com objetivo de expandir o conhecimento patrimonial e cultural acerca da nossa cidade.

Assim, esta dissertação não pretende encerrar uma narrativa, mas antes abrir caminhos para novas leituras e colaborações interinstitucionais. Reavaliar, reunir esforços, despir preconceitos e repensar conhecimentos prévios, são mais do que palavras de ordem, compromissos que este trabalho assume perante a história da arquitetura, o património cultural e a memória coletiva da cidade. Com este projeto, deixamos o convite para que outros investigadores, curadores e cidadãos colaborem neste esforço de valorização crítica e afetiva do legado de José Marques da Silva e do universo que o rodeou.

# Referências Bibliográficas


BABO, R., H., P., (2023). Os cadernos do arquiteto José Marques da Silva Entre o atlas, o arquivo e a exposição. Porto: Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.

BASTO, J. M. T. M. (2012). *José Geraldo da Silva Sardinha (1845–1906): Para a Academia Portuense de Belas Artes*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.

BELCHER, M. (1991). *Exhibitions in Museums*. Leicester: Leicester University Press; Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press.

BENEVOLO, Leonardo. (1987). *Historia de la Arquitetura Moderna*. 6. ª Ed. Ampliada. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A.

BRANDÃO, D., P., (1984). Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e diocese do Porto. Documentação. Subsídios para o seu estudo. Porto: Diocese do Porto.

BURGUIÈRE, A. et al. (dir.) (1995). *História da Família. O Ocidente: Industrialização e urbanização*. Vol. 4. Lisboa: Terramar.

CARDOSO, A. (1986). *J. Marques da Silva: Arquitecto, 1869–1947*. Porto: Associação dos Arquitetos Portugueses - Secção Regional do Norte.

CARDOSO, A. S. (2011). *Marques da Silva*. Quidnovi.

CARDOSO, A. S.; SANTOS, C. E. F. dos; TAVARES, D.; SILVA, J. M. da; SILVA, J. M. da (2019). *Estação S. Bento: Marques da Silva*. 2.ª ed. Porto: Fundação Instituto Marques da Silva; Edições Afrontamento.

CARVALHO, R. D. (2001). *História do Ensino em Portugal: Desde a Fundação até o fim do Regime de Salazar-Caetano*. 3.ª ed. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas, Fundação Calouste Gulbenkian.

COSTA, S. E. N. (2014). *A fotografia de família no sistema de informação Marques da Silva/Moreira da Silva: uma abordagem sistémica*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.

CORREIA, L. G. (2009). Problemáticas do Ensino Liceal Oficial nos Alvores do Liberalismo. In: *IV Congresso Histórico de Guimarães - Do Absolutismo ao Liberalismo, 6.ª Secção: Instrução, Direito, Assistência*. Guimarães.

COUTINHO, B. X. (1972). *História Documental da Ordem da Trindade*. Porto: Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade.

DUARTE, E. A. (2000). *Carlos Amarante (1748–1815) e o Final do Classicismo: Um arquiteto de Braga e do Porto*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

DEREVENSKI, J. S. (ed.) (2000). *Children and Material Culture*. London; New York: Routledge.

DR CULTURA NORTE. (2019). *Processo de classificação da Igreja da Ordem da Trindade, União das freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e vitória, concelho e distrito do Porto*. República Portuguesa.

FERREIRA-ALVES, M. N. (1993). A evolução da talha dourada no interior das igrejas portuenses. *Separata da Revista Museu*, IV Série, n.º 4. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

LAMEIRA, F. (2005). *O Retábulo em Portugal: Das origens ao declínio*. In: *Promontoria Monográfica História da Arte 01*. Loulé: Departamento de História, Arqueologia e Património / Centro de Estudos do Património da Universidade de Évora.

MARQUES, O. A. H. (2003). História genealógica do homem comum: micro-história ou macro-história?. *Revista da Faculdade de Letras – História*, III Série, vol. 4. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MARTINS, F. S. (1991). *Trono eucarístico do retábulo barroco português: origem, função, forma e simbolismo*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MARTINS, F. S. (2005). *Iconografia da Santíssima Trindade*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MARTINS, W. S. (org.) (2019). *Ordens terceiras no mundo Luso-Brasileiro (Séculos XVI–XX)*. Rio de Janeiro: Gramma Editora.

MONIZ, G. C. (2019). *O ensino moderno de arquitectura: A formação do Arquitecto nas Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931–1969)*. Porto: Fundação Instituto Marques da Silva; Edições Afrontamento.

PEREIRA, F. M. (coord.) (2007). *Exposições*. Porto: SETEPÉS.

ROCHA, M. J. M. D.; RESENDE, N. (2022). *A arte da talha em madeira em Portugal: novas perspectivas*. Madeira: s.n.

SANTOS, R. F. M. (2013). *Arquiteto Marques da Silva: o outro lado da arte – estudo da coleção de escultura para um projeto de inclusão museológica de deficientes visuais*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.

SECÇÃO REGIONAL DO NORTE DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUUTECTOS PORTUGUESES. (1986). J. Marques da Silva Arquitecto 1869-1947.

SILVEIRA, B. (2001). *A Ordem Terceira da Trindade e a sociedade portuense: Séculos XVIII, XIX e XX*. Porto: Ordem da Trindade do Porto.

SOARES, A. S. R. (2011). *Estudos de história do mobiliário em Portugal: os projectos do arquitecto Marques da Silva para a Associação Comercial do Porto*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SOUSA, G. V. e (2020). Subsídios para uma iconografia da morte no Porto do séc. XIX. *Humanística e Teologia*, vol. 16, n.º 1–2, pp. 175–213. https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.1995.5910

TOSTÕES, A. (2020). Marques da Silva, um criador no limiar da modernidade. O Teatro São João enquanto desafio para a conservação do património do século XX. In: PAUPÉRIO, E.; ROMÃO, X. (coord.). *Caderno de Obra: O Teatro São João de Marques da Silva. Projeto, Intervenções, Legado*. Porto: Teatro Nacional São João.

VASCONCELOS, A. D. O. (2013). Do Retrato à Paisagem. Memórias Afetivas e Operativas do Arquiteto Marques da Silva. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento.

VARUTTI, M. (2022). The 'emotional turn' in museum practice. *ICOM Voices* [em linha], 14 set. 2022. Disponível em: https://icom.museum/en/news/the-emotional-turn-in-museum-practice/ [Consult. 14 dez. 2024].

**Fontes primárias**

**Periódicos**

*Commercio do Porto (*1902). *8 de fevereiro de 1902.*

*O Tripeiro*. (1953/1954). Ano IX. V. Porto: Associação Comercial do Porto.

Um escultor em madeira. (7 de novembro de 1897). *Branco e Negro: Semanário Ilustrado*, (n. 84, 2º ano).

**Arquivo da Ordem da Trindade - AOT**

*Actas das comissões das obras da Capella Mor*, (1900). [Manuscrito]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Actas do Conselho do Diretor do Liceu da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade*, [1858]. [Manuscrito]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Borrão de entradas de Irmãos da Celestial Ordem 3ª da Santíssima Trindade. Nº 4*, [1872]. [Livro de registo]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Catálogo dos benfeitores das obras de 1861 a 1921*, [s.d.]. [Manuscrito]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Catálogo dos números II dos ex-mezários e ex-mezarias*, [s.d.]. [Manuscrito]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Comprovativo de recebimento de pagamento passado pelo pintor-dourador João Silveira Tavares à Ordem da Trindade*, (30 de abril de 1932). [Documento contabilístico]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Comprovativo de recebimento de pagamento passado pelo pintor-dourador João Silveira Tavares à Ordem da Trindade*, (11 de maio de 1932). [Documento contabilístico]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Copiador*, (1898–1911). [Registo de correspondência]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Coppiador d´Officios*, (1883). Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Copiador das cartas, requerimentos, bullas, memoriaes e editaes que a todo o tempo se fizerem pela Administração desta Congregação da Celestial Ordem da Sanctissima Trindade. Tom. 1º. Porto, anno de 1792*, [s.d.]. [Registo de correspondência]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Estatutos da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade do Porto*, (1830). Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Index geral de Irmãos*, [s.d.]. [Livro de registo]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Lembranças ou Hist. das Épocas.*

*Livro 1.º das Rezoluções da Meza e Junta*, [s.d.]. [Livro de atas]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Livro 2.º das Rezoluções da Meza e Junta*, [s.d.]. [Livro de atas]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Livro 3.º das Rezoluções da Meza e Junta*, [s.d.]. [Livro de atas]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Livro de com que fim para que foram as subscrições, donativos e quotas*, (1904–1906). [Livro de registo financeiro]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Livro 1.º da Matrícula dos Alumnos*, [s.d.]. [Livro de registo escolar]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

*Regulamento Interno do Lyceu da Celestial Ordem Terceira da SS. Trindade no Porto*, 1882. [Publicação institucional]. Arquivo da Ordem da Trindade: Porto.

**Arquivo da Fundação Instituto Marques da Silva – AFIMS**

*Carta dirigida pelo arquiteto José Marques da Silva à Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade*, (4 de janeiro de 1904). [Manuscrito]. Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva, Porto.

*Carta dirigida pela Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva*, (3 de fevereiro de 1904). [Manuscrito]. Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva, Porto.

*Carta dirigida pela Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade ao arquiteto José Marques da Silva*, (14 de março de 1904). [Manuscrito]. Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva, Porto.

*Contrato celebrado entre o Prior da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade e o arquiteto José Marques da Silva*. [s.d.].[Manuscrito] Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva, Porto.

SILVA, J.M. da, [1901]. *[Alçado e planta da tribuna]*. Tinta da China sobre tela. Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva, Porto.

SILVA, J. M. da, [1901]. *[Estudo do alçado e planta da tribuna]*. Lápis e aguarela sobre papel. Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva, Porto.

SILVA, J. M. da, [1901]. *[Estudo do alçado principal]*. Lápis e tinta da China sobre papel vegetal. Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva, Porto.

*Ordem Terceira da S.S. Trindade – Empreitada de cantaria em mármore*. [s.d.]. [Manuscrito]. Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva, Porto.

*Projeto de Construção da Tribuna para a Igreja da Ordem Terceira da Santíssima Trindade – Obra de carpintaria e talha: Caderno de encargos*, (1902). [Documento técnico]. Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo José Marques da Silva, Porto.

**Arquivo da Misericórdia do Porto**

Santa Casa da Misericórdia do Porto. (1910). *Relatório da Gerência da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto no anno economico de 1909–1910 apresentado pelo Provedor José Antonio Forbes de Magalhães* [Relatório institucional]. Arquivo Histórico da Misericórdia do Porto.

Santa Casa da Misericórdia do Porto. (1914). *Relatório da Gerência da Santa Casa da Misericórdia do Porto desde o 1.º de Julho de 1913 a 30 de Junho de 1914 pelo Provedor Dr. António Luís Gomes* [Relatório institucional]. Arquivo Histórico da Misericórdia do Porto.

**Cartas e Recomendações**

Conselho da Europa. (3 de outubro de 1985). Convenção para a salvaguarda do Património arquitetónico da Europa. Granada, Espanha.

Conselho da Europa (27 de outubro de 2005). Convenção quadro do conselho da europa relativa ao valor do património cultural para a sociedade. Faro, Portugal.

UNESCO, ICCROM & ICOMOS. (16 de novembro de 1994). Documento de Nara sobre a autenticidade do Património Cultural. Nara: Japão.

OMP (29 de novembro de 2015). Carta de Siena.

**Inquéritos a visitantes**

Experience Trindade. (2024). *IT - Indagine sui visitatori - Experience Trindade (Respostas) [Formulário Google Forms não publicado]*. Acesso interno.

Experience Trindade. (2024). *FR - Enquête auprès des visiteurs - Experience Trindade (Respostas) [Formulário Google Forms não publicado]*. Acesso interno.

Experience Trindade. (2024). *EN - Visitor survey - Experience Trindade (Respostas) [Formulário Google Forms não publicado]*. Acesso interno.

Experience Trindade. (2024). *ES – Encuesta de visitantes – Experience Trindade (Respostas) [Formulário Google Forms não publicado]*. Acesso interno.

Experience Trindade. (2024). *PT - Inquérito de satisfação - Experience Trindade (Respostas) [Formulário Google Forms não publicado]*. Acesso interno.

**Sites**

British Online Archives. (2025.). *The Graphic, 1869–1932*. https://britishonlinearchives.com/collections/114/the-graphic-1869-1932

Fundação Instituto Marques da Silva. [s.d.]. *A FIMS – Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva*. Recuperado a 21 de junho de 2025, de https://fims.up.pt/index.php?cat=1

Fundação Instituto Marques da Silva. [s.d.]. *Bernardo Marques da Silva e Maria Rosa Marques.* https://arquivoatom.up.pt/index.php/bernardo-marques-da-silva

Património Cultural, I.P. (2024). Jornadas Europeias do Património 2024. Património Cultural, I.P. https://www.patrimoniocultural.gov.pt/projetos/divulgacao/jornadas-europeias-do-patrimonio/

Ministère de la Culture. (10 de abril de 2025). *À la rencontre du patrimoine architectural*. Journées européennes du patrimoine. https://journeesdupatrimoine.culture.gouv.fr/actualites/a-la-rencontre-du-patrimoine-architectural

Vazio S/A. (10 de fevereiro de 2022) *"Marcel Gautherot: Registos modernos da invenção da Pampulha"*. ArchDaily Brasil. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/976532/expografia-marcel-gautherot-registros-modernos-da-invencao-da-pampulha-vazio-s-a